

REVISTA MENSAL
DA
SOCIEDADE
PARTHENON LITTERARIO

1.º ANNO. JUNHO DE 1869. N.º 4.

—o-O-o—

TYP. DO JORNAL DO COMMERCIO
PORTO ALEGRE

1869

COMISSÃO DE REDACÇÃO.

Vasco de Araujo e Silva.
Appollinario Porto Alegre.
José Bernardino dos Santos.
Aurelio V. de Bittencourt.
Nicolau Vicente Pereira.
Hilario Ribeiro de A. e Silva.

REDACTOR DE MEZ

Hilario Ribeiro de A. e Silva.

O Parthenon vive.

Em 18 de Junho completou um anno; um anno de existencia durante o qual se não fôra a energia dos operarios, elle teria baqueado, como a sapucarlina que o raio desfaz.

Elle vive, porque a mocidade velava, tinha fé em seus labores, como esse Affonso Domingues da lenda portugueza sentado sob as arcarias e abobadas do mosteiro da batalha; porque a mocidade estava em seu posto de honra, como esse fiel Eckart dos céos glaciaes da mystica Germania.

Foi insano labutar, no periodo em que o sol perbustou doze signos!

Cada vez que disputou uma palma nos certames da intelligencia ou a alcançava ou ao menos tinha o applauzo e os victores dos que assistião ao magestoso espectaculo da geração que não trepida ante a procella que lhe obumbra os horisontes; porquanto confia em seus esforços, crê no futuro e traz a robusteza das convicções no sacrario d'alma, no gesto que desata e na palavra que o labio pronuncia.

Teve a combater os preconceitos, a indifferença de uns e a hostilidade de outros; mas isso era natural, assim é o desenvolvimento de cada ideia, de cada phenomeno, de cada facto, quer no dominio do cosmos, quer no dominio do espirito.

A phálena de azas esplendidas e furtacôres antes de deslaçar o vôo nos espaços de luz passa por varia e cruel transubstanciação no óvulo, na larva e na chrysalida; antes de respirar a athmosphera limpida dos céos, rasteja nas gramineas do chão.

O Parthenon fez alguma coisa no anno que passou, mas resta inda muito a fazer, muito.

A provincia do iRo Grande tem uma mineração virgem que mão alguma tentou explorar com profundeza.

Sua natureza é inspiradora, mórmente nas margens do Guahyba, onde as collinas de contôrnos e linhas suavemente accentuadas recor-tão os horisontes banhando o sopé nas aguas diaphanas da bacia em que a cidade de Porto Alegre se espelha com louçania.

Sua historia tem periodos diversos que se adaptão a diversos generos litterarios: o periodo mythologico e primitivo e encerrado nos tempos em que as tribus de guaranys, minuanos e tapes vagueavão pelas cochilhas e cordilheiras; o periodo heroico que póde começar na conquista, da fundação das missões jesuiticas, quando o pendão das quinas disputava geira por geira o territorio actual com perda de precioso sangue; e afinal o periodo da emancipação nacional em que se acha encravado um decennio de guerras civis, cujas paginas brilhantes de heroismo e gloria honrão tanto ás duas parcialidades que disputavão o poder.

Além d'essas épocas ha outros recursos para o desenvolvimento de uma litteratura, como as lendas que aqui abundão e os costumes peculiares aos rio-grandenses.

Ahi ha riqueza de materia e magnitude de assumptos, como o que deu o poema: Uruguay de Basilio da Gama e o drama lyrico: Lindoya do Dr. França. A poesia em suas multiplas faces pode, explorando-as com devido cuidado e observação, ostentar-se invejavel pelos seus primores, e perfume de originalidade.

O Rio Grande póde ter uma litteratura sua, eis a questão; o Par-

thenon trabalhará por trazel-a á tela da vida, e se o não conseguir ao menos restar-lhe-ha o consolo dos tentames.

Compreenda-se melhor a pureza de nossas intenções, o firme proposito em que estamos, auxiliem-nos na vereda que encetamos; e teremos sempre á ponta do labio esta diviza:

Away! Away!

Discurso pronunciado pelo Exmo. Sr. Dr. José Antonio do Valle Caldre e Fião, presidente honorario, na sessão magna de 19 do corrente.

Celébra hoje o Parthenon o seu anniversario, vai fechar no tempo o seu primeiro luminoso cyclo, prenuncio de uma aurora feliz, que precederá o seu dia de triumpho.

Brilhante pleiade de uma mocidade, que justifica as pretenções que tivemos, que terá tambem, aqui reunida diz bem alto que a invicta cidade, que a leal e valorosa **Princesa** que voluptuosamente se recosta por sobre as coxilhas e mira-se garbosa nas aguas argenteas e placidas do possante e futuroso Guahyba, é o ninho das grandes, das elevadas idéas.

Em seus primeiros ensaios, ainda por entre as sombras da duvida, o Parthenon traçou um marco que importa um grande pensamento. Elle instituiu as aulas nocturnas, em que a instrucção vai ser dada aos pouco favorecidos da fortuna, aos que, tendo de dar ao trabalho as horas do affanoso dia, desejão sacrificar utilmente o seu descanso ao devido cultivo de sua intelligencia.

Sempre feliz na escolha de suas theses, o Parthenon occupa-se ora da questão humanitaria mais importante — a liberdade do homem —, e sua voz unanime é um brado sincero em favor d'esse dom com que o Creador, em sua infinita misericordia, gratificou a obra mais perfeita de suas mãos. A manumissão, disse ella quasi como a sua ultima palavra — e que os brasileiros para quem a pureza de suas instituições é o mais querido voto, não sejam os ultimos na cruzada da redempção humana.

Avido de futuro o Parthenon entra n'uma nova phase e sem deslumbrar-se ante a limpidez dos horisontes de gloria que o esperão, vendo voltigar-lhe em torno os bons desejos de seus numerosos membros, continuará a prestar a esta boa terra os seus serviços. E' bem provavel que no meio de suas sessões se despertem muitas idéas e que mais de uma aptidão se manifeste que possa ser felizmente utilizada.

No entusiasmo e sinceridade dos primeiros annos, quando a intelligencia desabrocha em toda a sua candidez, como o mimoso botão da aromatica rosa, é que mais se enebrião as almas no perfume das sãs verdades, d'aquellas que, de simples intenção, perpassão desvirtuadas nos corações scepticos já profanados pelos tufões domundo — é então e n'uma convivencia quasi intima, que se tem a fé que fortifica e a esperanza que nos atira robustos na carreira da vida, e nos faz crer na liberdade, no progresso, na grandesa da intelligencia humana, que comprehendemos a sociedade marchando para o seu fim tendo por lábaro as verdades reveladas pelo Divino Guia que se ergueu bem alto nas summidades de Jerusalém.

Seja, pois, o Parthenon o que foi a Bethlem do propheta — pequena entre as demais de Israel deveria sahir d'ella o que havia de salvar e reconstruir o povo —; discutindo, instruindo e congregando os homens de letras seja d'elle que surja o necessario triumpho da intelligencia sobre os erros da ignorancia.

Sala das sessões do Parthenon Litterario aos 19 de Junho de 1869.

OS PALMARES

POR

APPOLLINARIO PORTO ALEGRE

III QUADRO

Ultimos acontecimentos.

Era já noite fechada.

Esse chronometro que se chama céu, onde o camponez lê a marcha do tempo no movimento de cada estrella, como nos mostradores do invento de Pedro Hele, marcava dez horas.

A' noite descera bella, como sôem ser todas as noites sob a zona do equador, esplendida e luxuriosa como a natureza brasileira adornada então no manto esmeraldino da folhagem.

Carrilho com sua gente havia-se apossado de Subupira. O exercito festeja a victoria com arruidos e folgaes que esmorecião os murmures merencorios do deserto. Mas apesar do contentamento geral as portas do mocambo estavam bem guardadas, e o grito da sentinella perdida de vez em quando soava ao longe, vibrando sinistro na solidão da noite, e esvaecendo-se no silencio dos campos.

Carrilho não era chefe que fechasse o ouvido aos conselhos de prudencia; mormente quando conhecia a bizzarria e estrategia dos africanos.

Elle não conhecia a historia de Architas, mas previdente não reclinava a fronte nos coxins do olvido, corria ao contrario d'um ponto a outro da praça vigilante sempre.

Quem o visse julgal-o-hia impassivel, sua presença era impermeavel ao olhar mais affeito á observação; contudo aninhava então no âmago do peito um mar de anciedade. Esperava Pero Lopes.

N'uma das casas do povoado estavam dois physicos e seus ajudantes os feridos e a figura pallida e macilenta d'um jesuita; no centro da sala havia uma tósca meza, sobre a qual ostentavão-se á luz de pallida candeia: fortes tenazes, machadinhas de amputação, longas thesouras, cauterios, bisturis, fios de linho, chumaços e ataduras.

Vimos como Roberio Magalhães fôra desarmado e ferido. Uma bala lhe quebrara o corpo, esfarpando de tal modo o braço até o cotovello que era mister cerceial-o.

Foi resolvido pois a amputação depois de curada a ferida da espada de Muêra que era sem gravidade.

Roberio calmo apesar de indissiveis dores, sujeitou-se á operação.

Antes de começarem-n'a tratemos dos dois physicos, extremos que se tocavão, anthitenaliente em todos os pontos de comparação.

Um era Antonio que já conhecemos, o outro um portuguez que na pia baptismal recebera o campanudo nome de Rolando, porém, no exercito, desapparecia sob o alcunha de — Caronte. Caronte! Verdadeiro barqueiro do outro mundo destruiria toda a humanidade, se tivesse de cural a!

Para felicidade do mundo e dos povos não havia por esse bom

tempo — as dynamisações mysteriosas de Hahneman, os elixires de Cagliostro, os milagres de Mesmer e da hydropathia, as myrificas composições universaes de Lammann e Kemp, nem as tão preconizadas maravilhas do novo systema electropathico; mas — um digno emulo de quaesquer d'esses agentes do mal, d'esses mensageiros da morte, — Rolando o curandeiro de Porto Calvo, — Caronte n'uma viagem de recreio nos sertões do Novo-Mundo!

Elle só valia cem batalhas!

Um dia lhe bastava para fazer o que Alexandres e Cesares deixaram de fazer em seculos!

Deixassem n'ó expandir o genio e novo Noé em sua barca boiaria sobre mais luctuoso cataclysmo.

A figura o retulava em pronunciados traços. Era baixo, obezo e rotundo como o tronco da monguba; faces purpureas como uma pitanga que sazona, olhos que se sumião nas inturmescencias dos tecidos adiposos; não tinha testa, mas o que lhe faltava aqui, sobrava na belfa basta e luzidia, onde nadava eterno sorriso cirurgico capaz de aterrorisar a propria morte; Antonio de porte esbelto é alto, olhar penetrante e profundo era mais vivo contraste de seu companheiro.

Um era a ultima expressão da alimaria tosca e alvar, o outro o modelo oriental da belleza plastica animada pelo raio da intelligencia.

Então os extremos repellião-se na discussão animada que os arastava.

Antonio ha pouco viera da Europa e trouxera em sua companhia os melhoramentos que Ambrosio Paré, Scultet Valentin havião trazido á cirurgia; por isso sua superioridade, a não ser pelo não vulgar talento, ao menos por este unico facto tornava-se manifesta.

Rolando além do engenho pezado e rebelde tinha contra si a praxe, que era a quasi exclusiva sciencia dos desertos americanos.

Assim as feridas de arma de fogo dizia elle com santo enthusiasmo e gesto declaratorio:

— Para matar o **veneno da polvora**, frija-se lã em azeite de peixe e colloquem-n'a escaldando na chaga. E' o methodo dos antigos... não havia outro nas Tabocas e Guararapes... n'esses dias de gloria para a patria...

Já se vê que Caronte era retrogrado, pertencia ao genero dos tardigrados. —

Mas Antonio não pensava assim; por isso contestou a asserção e foi o prefacio da disputa que proseguiu no correr da noite.

Roberio no entanto tem o braço estendido. Antonio separa-lhe as carnes e tomando uma thesoura de gumes acicalados, colloca o osso entre estes, Rolando apodera-se d'um pequeno malho, fere com toda a força de seus musculos.

Um fragmento de orgão cahiu e Roberio despediu um surdo gemitto desmaiando.

Agora é que a explosão rebentou furibunda entre os dois campeões de Hypocrates.

O primeiro lido em Paré, queria a ligadura das arterias, o segundo propôz o cauterio e não sei mesmo que cathalogo de adstringentes costumeiros...

— Eu o sei, gritava Rolando.

— O que é que sabe? interrogava o outro.

— Como faço, nem mister se torna que me venhão dizer a mim, ha doze annos tendo pratica...

Antonio interrompeu-o, acudindo ao martyr de tal discussão o pobre Roberio:

— Ora! O que é que sabe; torno a perguntar? Não ha muito que

longa admiração poz em fallar-lhe eu no apparelho de Scultet... Parece impossivel que um physico desconheça tal melhoramento!

— Qual impossivel!... E bufava, copioso suor jorrando de todos os poros, na difficuldade de encontrar um subterfugio, um meio de escapar á argumentação de seu collega.

— Fique-se, porém, com sua sciencia de herbanario americano, Sr. Rolando, e com suas facas á prova de braza, que eu me vou com a doutrina dos novos mestres. E continuava em sua tarefa, com o auxilio de um ajudante, sem sequer encarar o interlocutor.

— Doutrina dos novos mestres! Por certo a Judéa os tem de tal jaez... Tambem não trepidão em applicar a torto e a direito a seus doentes a carne de porco como excellente... como bom nutritivo. E limpava assim fallando, fontes de chispas decorrião-lhe dos olhos.

Foi uma allusão.

N'essa época, quasi todos os physicos erão christãos novos que para fazerem crer em sua cordialidade pelo Evangelho, fazião uzo desmesurado do que lhes era prohibido na religião primitiva.

Desdenhoso sorrir avincou o labio de Antonio.

— Quer fallar do animal immundo, como diz a lei judaica?

Uma coisa saiba, Sr. physico, é que entre judeos a exuberancia de gordura jámais constituiu distincção, como entre certos povos indigenas.

Tambem era uma allusão.

Rolando tornou-se roxo.

Carrilho que apparecera ha pouco nos umbraes da porta, interveio na discussão.

— Hade puxa! Srs. phisicos! O senado das camaras remunerão-nos para vãs arengas?

— Nada, acudiu serenamente Antonio, discutiamos á luz da sciencia sobre as propriedades, da enxundia suina.

(Continúa)

THESE HISTORICA

JOVITA É, OU NÃO UMA HEROINA?

PARECER

A mulher heroína é sem duvida, abaixo de Deus, e depois da mulher mãe e da mulher esposa, a mais sublime palavra que se possa pronunciar sobre a terra. Jámais na lyra dos ardentes gregos, ou nos rudes cantos dos frios bardos do Norte, se ouvirão sons tão melodiosos, tão suaves accordes, como quando celebravão o valor, n'esse ser tão delicado que só parece criado para o amor. Oh! como nos arrebatava a magia d'essa expressão tão doce e ao mesmo tempo tão grandiosa! A mulher heroína! Oh! como pela união d'essas duas palavras que parecem extremos a tocarem-se, o supremo archiecto da natureza, nos faz comprehender a mulher em toda a pompa da verdade!...

A mulher heroína! Que estranho mysterio... n'esta creatura tão fragil, tudo quanto é bello. tudo quanto é grande... ternura e valor! Que excelsa magestade! que ar de triumpho não ostenta ella ainda mesmo no infortunio, e arcando muitas vezes ao peso de grilhões insupportaveis no mesquinho estado de escrava, a que o homem a tem sempre reduzido, em recompensa de seus carinhos!

Correi o extenso véo, que sobre o codigo da legislação do mundo, em todos os tempos e de todos os povos, e lêde o livro da mulher. Onde ahi encontrar a segunda d'essas duas metades que, sendo pelo Senhor separadas, forão por elle mesmo juntas, para formarem um só todo, como fôra Eva de um lado de Adão, para que este a amasse como uma parte de si mesmo?

Onde ahi reconhecem a companheira, que Deus enviára ao primeiro homem, que accordando de seu somno ao contemplar aquella perfeição, exclama admirado: "Eis aqui agora o osso de meus ossos e a carne de minha carne!" Onde achal-a? N'uma escrava, n'uma marty! (1)

Passai por entre os selvagens da America e Oceania, atravessai os desertos da Africa e Asia, chegai á Grecia, á culta Grecia e perguntai o que era a mulher. Vereis em Sparta a fôrma airosa de seu corpo, desfigurada pelos mais violentos exercicios, sua alva pelle denegrida pela vergasta, e mãis impassiveis vendo lhes ser arrancado dos braços o filho querido de suas entranhas para ser precipitado de um rochedo, por inutil á patria! (Como se só estivesse reservado ás creaturas humanas calar a voz mais intima da natureza, n'aquillo que não é desconhecido do mais feroz animal!)

Ide á soberba cidade dos Cesares, e vereis em seu começo, nas leis que dicta Romulo e que conserva Numa — o marido com o poder de repudiar a mulher e até mesmo de matal-a, sem que esta, nem ao menos, se possa d'elle separar, sob qualquer pretexto, ou allegando os mais justos motivos!

Volvei a ampulheta dos seculos, buscai á luz de nossos dias, e vereis como antes, sempre serva, sempre victima! — Compradas para o

harem dos filhos de Mahomet, como bellos e exquisitos objectos procurados para os muséus; e vendidas pelos discipulos de Christo, nos mercados d'essa altiva Albion que se ufana de suas livres instituições, como trastes já usados que se barateião em leilão!

E não obstante... ella resplandece como uma semi-deusa nos accentos dos antigos vates, como um thesouro de belleza na espada dos paladinos da idade media, e como objecto das maiores finesas e de espirito nos salões modernos.

Despi-vos, porém, das galas da lisonja, transponde o limiar do carcere domestico e observai a mulher esposa: ahi a achareis mergulhada nos mais insignificantes trabalhos, talvez ao lado de um esposo que ama e dos filhos que acarinha; mas sempre oppressa, sempre serva.

E todavia... a mulher é esse conjuncto de virtudes e maravilhas, que não contente em ser a primeira em guiar os nossos vacillantes passos de infante, em ser a nossa educadora, a nossa conselheira fiel na vida, ainda nos offerece suas delicadas mãos para empunhar a lança contra o inimigo em favor de sua cara patria! Então é ella a mulher heroína!

Vêde-a nas paginas sagradas da Biblia, quantas vezes ella sobranceira á todos os perigos, traz a fronte crestada pelo sol abrasador do deserto, animando com suas meigas palavras o povo de Israel, que ia descrever do verdadeiro Deus que lhe promete a terra de Chanaan!

Abri, crueis detractores da mulher, se não quereis profanar com a incredulidade as escripturas santas, abri o livro mestre da historia, onde perscrutais os crimes que lhe imputais, e lêde o nome de Artemisa! Vede-a como em Salamina entre os persas que abatidos tomão a fuga, só esta mulher despressa a morte que a rodeia; e qual onça ferida pelas flexas do caçador retira-se sempre ameaçadora ao abrigo de seu antro, ella disputando palmo a palmo os louros da victoria, só recua ante o impossivel, ufana de sua derrota e fazendo exclamar á Xerxes: — “que os homens se tinham portado como mulheres e as mulheres como homens!”

Vêde como em Carthago essas almas que vós pintais tão fracas, tão incapazes das grandes acções, tão vaidosas de sua belleza, vêde o desdem com que ellas olhão seus mais preciosos attractivos, cortando seus cabellos para fabricarem armas contra o oppressor inimigo! E como se não bastasse em seu cumulo de desespero tão raro exemplo de abnegação e heroismo, vêde a mulher do general que commandava a cidadella, a qual não podendo dissuadir-o de render-se aos romanos, apunhala seus dous filhos e lança-se nas chammas para não sobreviver á vergonha de sua familia, e ás cinzas do berço de seus avós. Ainda os homens como mulheres e as mulheres como homens.

Vêde mais tarde, Joanna de Montport e Joanna de Blois como se empenhão briosas em pleitearem a causa de seus esposos (que não souberão n'ella mais que succumbir) principalmente Joanna de Montport que, como diz Froissar “Tinha a coragem de homem e o coração de leão.”

Vêde uma singela pastora de Domremy, Joanna d'Arc, se crendo inspirada de uma missão divina em libertar França do estrangeiro, exaltar a coragem de seus concidadãos, e com o estandarte em punho infundir o terror nas fileiras inimigas, que fugião á sua apparição!

Vêde D. Maria Pacheco, como se mostra digna de seu esposo D. Juan de Padilla, defendendo Toledo até a ultima extremidade, contra as forças de Carlos V!

Vêde ainda em Margarida d'Anjou, depois da batalha de Northampton, essa serenidade de animo, essa consolação na adversidade, que caracteriza as almas grandes! Vêde-a separada de seu marido, ten-

do por inimigos Londres e o parlamento, corre impavida o norte da Inglaterra, reanima seus amigos esmorecidos, alista um exercito ás pressas e logo após uma victoria, triumpha d'esse temivel Warwich para restituir sobre o campo a liberdade á seu pusilanime esposo!

Mais uma vez como em Salamina os homes como mulheres e as mulheres como homens!

Mas se ainda não bastão tão frisantes exemplos para mostrar-vos de quanta sublimidade é susceptivel a mulher, vinde, pyrrhonicos, maliciosos vinde convencer-vos de vosso erro e confessar á sombra dos palmares da jovem America — vinde admirar Jovita!

Um brado unisono de indignação e de vingança repercutido por todos os angulos do Brasil, chamava ás armas seus filhos, de ha muito adormecidos no molle leito da paz.

Cohortes de bravos corrião pressurozas de todas as provincias do Imperio em desaffronta da honra nacional, a hastear o pavilhão auri-verde nos campos do Paraguay! Jovita, cujo coração generoso não podia ser insensivel ao elevado sentimento do amor da patria, que dominava seus compatriotas cearenses, maldiz em um momento de furor a hora em que não nasceu homem para partilhar com elles as fadigas e glorias de uma campanha; considera depois que a força de seu animo pôde superar a fraqueza de seu corpo, corre a apresentar-se ao presidente de sua provincia, pede-lhe para marchar no 1.º batalhão de voluntarios que ahi se organisava, e consegue-o ao fervor de suas instancias, sendo pelo presidente que lhe soube apreciar o merito, galardoada com as divisas de sargento.

Chegada ao Rio de Janeiro, Jovita é levada á presença do governo imperial que não vendo no patriotismo que a estimula, mais do que uma mascara para seguir algum amante, arranca-lhe as divisas e prohibe-lhe de marchar ainda mesmo como simples soldado!

Eil-a ainda a mulher no seculo XIX como o fôra em todo o tempo. sempre serva, sempre victima!

Eil-a ahi a mulher não companheira, mas escrava do homem estrangido a abafar em seu coração as mais puras effusões, os mais sinceros transportes da natureza.

Eil-a curvando a fronte perante juizes incapazes de comprehender sua virtude, sendo seus mais indifferentes gestos e palavras interpretadas contra ella; e ouvindo a sentença que lhe lava a infamia, tolher seus mais altivos vãos para a gloria.

Jovita era mulher, e a mulher conscia de sua fraqueza, quando ferida em seu amor proprio — succumbe na luta, é capaz das mais nobres accões; mas tambem como o homem dos raios excessos.

Jovita pois entregou-se á prostituição!

Seu peito de viregm não podia conter a violencia de sua dôr e apagar n'elle as chammas desse amor patrio que a devorava; era preciso corromper o corpo para aniquilar a alma... e ella era a mulher despeitada!

"Uma tigre a quem se tira os filhos, uma leão ou outro qualquer animal carnívoro, (diz Byron) se offerecem naturalmente como pontos de comparação, se se trata de pintar a desolação das mulheres quando não podem obrar conforme sua razão... Nada mais sublime que sua colera energica, horrivel á vista, mas grandiosa a descrever-se; igual ao Oceano que rodeia uma ilha cingida de rochedos, as paixões profundas que lhes chammejão fazem uma tempestade furiosa."

Jovita procurava apagar nos prazeres sensuaes, os fundos sulcos que os soffrimentos de sua patria e sua dedicação repellida, haviam cavado em seu coração.

O corpo corrupto não conseguiu, porém, por muito tempo supplan-

tar a grandeza de sua alma... ainda havia ali um logar para o amor e ella encontrou um amante.

Este homem, porém, não soube mostrar-se digno de sua paixão, e depois de alguns mezes abandona de novo á perdição, aquella peccadora contracta.

Agua altivola que n'um momento de colera recolhera as azas na amplidão dos ares, se deixando tombar nos paues da terra, para depois se erguer mais soberba ainda a topetar as nuvens, Jovita, não alcançando a gloria ao lado de seus irmãos, na peleja, vai no punhal suicida que a traspassa, encontral-a mais sólida, nas aras do amor.

Jovita é uma heroína!

Não forão sómente aquelles cujos altos feitos se exercerão em derramar o sangue de seus semelhantes, os que merecerão a honra d'este nome.

Heroicas forão as Sabinas arremecendo-se no furor da lucta entre os combatentes seus pais e seus esposos, pedindo-lhes, porém, termo a tantos horrores.

Foi heroica Clelia atravessando a nado o Tibre á frente das virgens romanas, por entre as guardas dos inimigos.

Heroína foi Veturia, affrontando a tempera inflexivel de seu filho, para fazel-o desistir do espectaculo das ruínas do seu paiz.

Foi heroica a duqueza de Wurtemberg, que interpretando a permissão de Conrado III, de retirarem-se as mulheres com o que tinham de mais precioso, sahe da cidade conduzindo nos hombros seu muito amado esposo!

Jovita como estas não tira a vida a um inimigo de sua patria; — mas dá a morte a seu proprio corpo, torpe inimigo de sua alma grande, alcançando mais insigne victoria sobre si mesmo. Lucrecia perdida a pudicia tem ainda a bem triste e indecorosa coragem de chamar seu marido á sua presença, para ouvir de seus proprios labios a deshonra de sua familia, antes de reivindical-a com o punhal que embebe em seu seio!

Jovita é mais nobre, senão mais heroica.

Tendo tido já uma vez a fronte cingida da capella de virgem. — desfolhando-a depois nos vortices da devassidão, — para mais tarde choral-a no santuario de um amor casto. Jovita vendo fugir-lhe a ultima illusão da vida, procura nas vascas da morte affastar de seus olhos para não vel-a mais um instante, a esqualida imagem da miseria que de novo ameaça lançal-a ao abysmo da perdição!

Ah! quem lhe podéra conservar a vida... a existencia tranquilla que a embalára no remanso da paz domestica que unico consolo que ultima esperanza da velhice de um pai extremoso!

Ah! que não podesse a voz mysteriosa de um anjo — mostrar-lhe o vacuo das pretensões humanas, desterrando de sua imaginação de jovem, a gloria que antevia atravez do fumo dos combates!

Insensata! sonhava poder em vida ouvir seu nome nas trombetas da fama, por entre a orchestra dissona do mundo, e accordou subitamente ao som do lúgubre sino vendo cahir com estrondo seu corpo inanimado na noite do sepulchro!

Porto Alegre, 5 de Setembro de 1868.

F. A. Ferreira da Luz.

E' TARDE

Disse-te com amor: Eu, Selia, te amo;
Minha alma n'essa phrase transbordei,
Meu coração prendeu-se no teu labio,
Eu a teus pés submisso quiz a lei.

Esperava um luzeiro que aclarasse
Os abysmos que incauto deparei,
Eras puro fanal em meu futuro
Que ancioso de longe desejei.

Eras um lyrio, candido, formoso,
Em cujo calice — aguas d'um baptismo
Pensei alegre um dia vir achar...
Eras a arca em medonho cataclysmo.

Eras um céo nos ermos da existencia,
Quando n'elles sosinha me guiava,
Eras benigna estrella que sorria,
Quando pizei pôr terra de urze brava.

Eras balsamo a tanto desespero,
Que o seio me affogava em dissabores,
Era no teu olhar que doce allivio
Hontem e hoje busquei por entre dores.

Eu disse palpitante — o labio tremulo:
Selia, te amo, a teus pés espero a lei...
Oh! quantas ancias, que tremor nos membros!
O que então senti — nem mesmo eu sei!

Tua palavra era um divino verbo,
Como de Deus creando, erguendo um mundo,
Descerrava-me o portico de venturas,
Templos de amor sob céo auri-jucundo.

Esperando esse aresto de teus labios,
A palavra que alenta e dá-nos vida
Meurei em instantes lustres mil
De agonia e esperança mal soffrida.

Como se morre então, vive-se, espera-se
A um grão tão só da areia d'ampulheta!
Só no momento que de um globo tomba!
Só n'uma prolação que o labio inceta!

Meu Deus! morri. vivi em crua espera!
Era meu coração insano mar,
Volcão o craneo, a cutis toda neve,
Meu ser todo no olvido foi pairar!

Tu sorriste, mulher, e então disseste:
“Minha alma nos amores mais não arde;
Que queres, caminheiro? — sou culpado?...
O mundo enregelou-me, foge — é tarde!

E’ tarde?! murmurei em odio acceso
Como os de um louco, derramei-lhe olhares,
Tateei o espaço, quiz fallar, não pude,
Estatua augusta ergui-me dos pezares.

Uma blasphemia pela mente alou-se
Contra o Senhor, contra ella, contra a terra..
Que dôr immensa aquella, e que delirio!...
E’ tarde — foi um raio... a mente encerra.

Matou-me alli as crenças e o futuro,
Foi tumba de robusta mocidade...
E’ tarde! ousaste tu dizel-o a mim?!...
Sim — é tarde — odalisca sem piedade.

Depois achei-me em uma praia gelida...
Como fui — não o sei... o sabe Deus!
Acervos de caligem vi nos ares,
Nas aguas vi acervos d’escarcéos!

Meus cabellos senti mercê dos ventos,
Que me passavão frios pelo rosto;
Acordei... vi um vacuo fundo, immenso,
— A’s raias de sol nado e de sol posto.

No mundo das idéias — no eu sublime,
No mundo da memoria — noite em tudo...
Reflecti — por um fio demandava,
E alma, céos e terras... tudo mudo!

Que tempo assim estive? Perguntei-me
Não soube onde parára o meu passado,
Apenas o presente começando,
Vi sob a foice de cruento fado.

Era nova existencia que se abria,
A familia fizera a pura crença...
E’ tarde — produzira o scepticismo,
Vida que se alimenta em treva intensa.

Porto Alegre, Fevereiro de 1869.

Appollinario Porto Alegre.

DUAS VIRGENS

São dois typos desiguaes,
Nem um d'elles tem rivaes,
Tão lindos não vi, não ha!
São dois anjos sobre a terra,
Deus n'este mundo as encerra
P'ra mostrar o que é de lá!

Uma — é morena e louçã,
E' corada qual romã,
Travessa qual colibri;
Seus olhos negros, Senhor,
Oh! revelão tanto amor
Que por elle me perdi!

Quando em seus labios diviso
Esse innocente sorriso
Que somente os anjos têm;
Quando um olhar seu traquino,
Qual borboleta sem tino
Nos meus olhos pousar vem:

Fico, — o pensamento
Desvaira n'esse momento,
Sonhando tanta magia!...
No sonho — murmuro — é bella!
O seu olhar tem da estrella
Divo brilho que inebria!

A outra, a outra, meu Deus,
E' vossa filha, é dos ceus,
Nem sonhal-a, menos vel-a!
Mas agora — já perdi-me,
Soffrer por ella é sublime,
Viverei tambem por ella!

Que linda! N'aquella face
Pallida e triste — fugace
Brilha o raio da esperanza...
Que lyrio, que sensitiva!...
Não sei por que pensativa
Traz a fronte essa criança!

Uma — é a flôr pura e meiga
Lá na penumbra da veiga
Mil perfumes reçumando;
A outra — é flôr orgulhosa,
E' mais altiva que a rosa
Nos jardins sempre imperando.

Uma — é o lago dormente,
E' como a brisa indolente
Que na folhagem murmura;
A outra — não, é o regato,
Que na esmeralda do matto
Endechas d'amor sussurra!...

Uma — é a lua fagueira,
Em noite bella, faceira
N'oceano se mirando;
A outra — é o sol fulgurante,
Com seu brilhar dardejante
A meiga lua offuscando.

Uma — é a malva-maçã!
E' como a casta aldeã,
E' como o niveo jasmim;
A outra — altiva e ufana,
E' a orgulhosa sultana
Reclinada no coxim.

Ambas são bellas, meu Deus,
Ambas são filhas dos céus,
Eu por ellas me perdi!
São dois typos desiguaes,
São dois anjos sem rivaes,
Tão lindos não ha, não vi!

Porto Alegre, 1869.

H. R. A. e S.

A' MEMORIA DO BARÃO DO TRIUMPHO

Silencio!... o anjo da morte alli campêa...
Uma humana hecatombe alli cahida,
Vê se ao ferro cruel do fraticida,
Do assassino feróz de uma nação!
E' um povo inteiro rastejando em sangue,
Hirtos cadaveres que a planicie alastrão,
Desoladas familias que se affastão,
E um exercito que entra em Assumpção!

Silencio!... o anjo da morte alli perpassa...
Féro socio do archanjo da victoria,
Solidario em suas lides, em sua gloria,
Não dá tregoa ao soldado em plena paz.
Eil-o... véla de um bravo a cabeceira.
Lugubre traz a face descarnada,
Mas temendo empunhar a lança, a espada,
A perfidia por arma occulta traz.

Silencio!... o anjo da morte alli se afana...
Aquelle que entre o fumo das metralhas,
Ao horrisono som de mil batalhas,
Costumava sempre incolume vencer.
Andrade Neves! a temivel lança
Que o Rio Grande do Sul na pugna alçava,
Apeou do ginete que montava
Para ao leito da dôr feral descer!

Já a noite — galgando o throno d'ebano,
A' expandir-se no azul, docel dos ares,
Medonha sobre a terra, além nos mares,
O seu sceptro de chumbo então baixou.
Da cidade vencida nas ameias,
— Satisfeito leão que agita a juba —
Soberbo o vencedor embóra a tuba,
Brada silencio! e o signal sôou.

Silencio! escuridão! oh! paz solemne!
Filhos augustos da enluctada noite,
Do Pampeiro que fôge ao frio açoite
Nem balouça uma folha o devezal;
A natureza inteira em paz dormita,
Pausa faz do universo o movimento,
Prophetico repouso! atróz momento!
Negra imagem da morte! ocio fatal!

Ao ouvir da trombeta o som agudo,
Esse som que elle á frente de seus guardas,
Ao sibilo infernal de mil bombardas,
Sempre foi o terror do indio feróz,
— O heróe sentiu calar-lhe o imo d'alma,
Não ao echo fugaz que o bronze vibra,
Mas qual se a retinir de fibra em fibra,
Do archanjo do juizo ouvisse a vóz.

Este signal parece então dizer-lhe:
Que é preciso deixar esta existencia,
Erguer-se, ir partilhar de uma outra essencia,
No Empyreo perennal de immensos céos;
E da margem estreita d'esta vida,
O guerreiro olha além — lê no futuro—
Um horizonte azul, limpido e puro,
A eternidade vê — contempla um Deus!

Do seu leito — ao redor — duros soldados
Que mil vezes sorrindo a morte olharão,
Seus amigos fieis, então chorarão
Ao ver dos olhos á fugir-lhe a luz!
E elle inclinou a fronte magestosa!...
Ai!... se lhe extingue a vóz... fôge a penumbra...
E' um brilhante clarão que se deslumbra,
Christão que a ultima vez abraça a cruz.

Silencio!... o anjo da morte alli sorriu-se...
Foi um corpo que terra á terra volta,
Livre uma alma sublime n'elle envolta,
Sopro que é do Senhor ido ao Senhor!
E' que a vida deixou Andrade Neves!
Morreu um lidador, nobre, guerreiro,
Heróe libertador de um povo inteiro,
Epopeia dos seus, — luz do valor.

Morreu!... assim tambem esse gigante
Que hapouco assombra a Europa com seus feitos,
Esse audaz redemptor de reis desfeitos
Que thronos prostra ao acenar da mão,
Colosso immenso — no Oceano erguido
Que subito abateu — do leito fundo,
Como elle cahiu — pasmando o mundo,
Como elle baqueou — Napoleão!

Oh! morte! — á ti rainha soberana
De tudo que é da terra, — (altos mysterios)
Compete aniquillar nações, imperios
Da vida, a propria luz riscar do rol!
Morreste — astro de um seculo — mas um dia
No cahos, na tréva sepultado, immerso,
Esse brilhante archote do universo
Tambem ha de morrer, sumir-se o sol!

Tromba marinha topetanda as nuvens,
E que sorvendo o mar que em ondas lasca,
Cabe de repente ao sopro da borrasca
Nos abysmos do Oceano á se sumir;
Elle que tinha ha muito já transposto
Os limites mortaes da humana sorte,
Cahiu aos golpes da terrena morte
C'o a eternidade o ser — á confundir.

Ah! que a morte é lição — cheia de vida,
(Vã palavra onde existe felicidade?)
Que é d'aquella imponente magestade
D'esse braço invencível que hontem foi?
— Morreu!... quebrou-se, envolucro de barro —
Desvaneceu-se uma illusão mundana,
Cinza perdida na hecatombe humana,
Sombra lembrada no chamar-se heróe!...

Morreu!... mas como o sol que em seu occaso
Espalhando no espaço a humilde sombra,
Os campos escurece e o valle alfombra
De rorido rocio — de almo verdor,
Ao passo que nas grimpas de altas torres,
Pelo cimo dos montes que transvia,
A noite assoberba — a luz do dia
Espadana fulgente de esplendor;

Tal o heróe impavido e tranquillo,
No derradeiro instante de sua vida,
Por entre o extremo adeus da despedida,
Como o final lampejo do astro rei,
Ergue a fronte serena além da morte
E parece dizer: "é cedo ainda
"Nos céos irei gozar de vida infinda
No mundo a gloria sou — não morrerei!!!

Porto Alegre 16 de Junho de 1869.

Francisco Antunes Ferreira da Luz.

Á FELIX DA CUNHA

Só dupla magestade, apenas duas,
Me fazem amerger a fronte altiva;
A de Deus que modela a voz do genio,
A do genio que Deus em cantos verte.

Appollinario P. Alegre.

Era um genio — morreu! Porém, que importa,
Se inda d'elle a lembrança não é morta
Em nossos corações?
Nem póde o tempo destruir o nome
D'aquelle que conquista alto renome
Entre mil ovações!

Na fronte tinha as laureas de poeta
Na fronte tinha o sello de propheta,
De moderno Messias;
Sua lyra cantava a divindade,
E em seus labios a voz da liberdade
Jorrava melodias!

Dupla corôa a fronte lhe cingia!...
Poeta — se um terno cantico tangia,
Lagrimas arrancava;
Tribuno — sua voz sêmpre eloquente
Lampejos de uma vocação ardente
O povo dominava.

A estrella teve que aclarou os Fabios,
E a inspiração de Deus á flôr dos labios
Para um povo remir;
Como Christo tambem teve um calvario,
Buscou da morte o lurido sudario,
E morreu a sorrir...

Já não existe!... Não ainda vive,
Como a phenix de Homero elle revive
Da funda eternidade.
E ao banquete das letras hoje assiste
Porque sua doutrina ainda existe
No seio da mocidade.

Na romagem parára. Agudo espinho
As plantas lhe ferira no caminho,
Era a morte que vinha,
Oscular sua face enlanguecida,
Roubar-lhe o flacido clarão de vida
Que seu corpo continha.

Expirou. E' destino de quem sente
Pulsar no peito o coração vehemente,
E o craneo em febre ardendo;
— Romeiro de uma crença tão sagrada
Cahiu exangue em meio da jornada,
Mas crente até morrendo.

Mas hoje a geração que se levanta
Balbucia a doutrina sacrosanta
Que deu-lhe a eternidade;
E a passos firmes segue n'esse trilho,
Onde agora reluz inda seu brilho
Nas dôres da saudade.

Era um genio, morreu! Porém, q' importa,
Se inda d'elle a lembrança não é morta
Em nossos corações?
Nem póde o tempo deslustrar-lhe a gloria,
Se o seu nome recorda em nossa historia
Dois brilhantes padrões.

Achylles Porto Alegre.

POESIA

Recitada na sessão solemne do 1.º anniversario do Parthenon
Litterario

Quem é esse homem, que de fronte erguida,
Coberto de honras, caminhando vai,
Sem que dos pobres o compunção supplicas,
Nem dos que soffram o commova o ai?!

E' o opulento, que, com mãos avaras
Alta riqueza accumulou em si,
E recostado em seus doces brilhantes,
Folga no vicio, e da virtude ri!

E o mundo passa cortejando o monstro,
Que gosa o fructo das mercês reaes;
Ninguém se atreve arremessar-lhe ás faces
Esses sarcasmos que elle atira aos mais.

E assim seguindo na infamante arena
Fruindo o goso que a fortuna tem;
Quem é que ousado á reprimir-lhe os vãos
D'essas torpesas se atreveu?... Ninguém!

Quem é esse outro, que caminha humilde
Curvado ao peso d'um pungir fatal,
Que praticando perennaes virtudes
Torna-se o alvo do desdem geral?!

E' o talentoso, que d'um nobre affecto
Sentindo o sangue refterver nas veias,
Traz n'alma o facho da moral acceso,
Na mente um fóco de eternas idéas!

Eil-o que chega, desviai, ó turbas,
Deixai passar o collossal cantor!
Que traz na idéa a redempção dos homens,
Que traz nos labios a expressão d'amor!

Mas qu?! O povo desdenhou, sorriu-se
De acres verdades que o cantor soltou!
E' esse o premio que doues ao genio,
Que a vossa patria tanta vez honrou?

Tambem o Christo que espargiu no mundo
Raios brilhantes de infinita luz,
Teve por paga a ingratição do povo,
Subindo ao Golgotha, expirou na cruz!

Miseria humana! Enquanto os homens ricos
Altos palacios construindo vão;
Camões á mingua n'uma enxerga expira,
E Lamartine mendigou o pão!!

Isso que importa? O opulento morre
Com elle o nome á sepultura vai,
Sem ter um ente que na hora extrema
Lhe enxugue o pranto, murmurando um ai.

Porém, o genio que passou no mundo
Vulto titaneo praticando o bem;
Na voz da fama em que se alteia augusto,
Zomba da morte, remontando além!!

Avante pois, ó mocidade altiva,
Os vossos nomes libertai do nada;
Que n'essa historia que atravessa os tempos
Tereis o premio da feliz jornada.

Que importa o oiro, distincções compradas!
Dourado prisma d'illusoria esperança!
De mais quilate, mais valor que o oiro
São essas palmas que o talento alcança!

Eia, mancebos, abraçando as letras
Que dão ao mundo a verdadeira luz;
Tereis o premio, partilhando as glorias
Do homem martyr que expirou na cruz!

18 de Junho de 1869.

Nicoláo Vicente.

— x —

A FACA D'UM VALLEIRO

I

— Eu te amo, Amelia, Deus o sabe...

— Mas não partirás, dizia uma linda moça, travando-lhe das mãos; se soubesses, Jacinio, como soffro em tua ausencia!

Como meu olhar se fita triste n'aquelle morro, em que dizes ficar tua tenda!... Jura-me que não partirás...

— E' impossivel, Amelia, impossivel! Eu tenho deveres... O que não diria Bento Gonsalves, meu bemfeitor, meu amigo, meu irmão d'armas, se me visse desertar do campo?! E repetia com a voz saturada de soluços:

— E' impossivel, Amelia.

Pelas faces animadas da gentil morena corrião dois fios de finas perolas; seus olhos n'um cendal de lagrimas derramavão toda a ternura, todo o amor que ao coração continha. Mas sua magoa tinha tal sello de serenidade, que simulava antes uma d'essas auroras de verão aspergendo nos ares raios de sol e gottas de chuva do que uma tempestade real.

Ha naturezas cinzeladas pelo céu, que não se contorcem em horribéis crispacões, quando as cinge a serpe do soffrimento; pelo contrario parecem mais meigas e divinas, mais santas e puras: sahem da provança, como a salamandra do incendio: como a aventurina das mãos do lapidario.

Amelia era d'essa galeria. Tambem estreitando a cabeça do manco com a expressão da mais terna solicitude, dizia:

— E se morresses?!

Sua voz tremia pronunciando essas palavras, era como um suspiro quasi esvaecido através da rama de um salgueiro.

— Se eu morrêra! repetia o moço parando tocado d'essa idéa e accrescentando depois:

— Não é verdade que abençoarias minha memoria? Que chorarias em minha campa?

E passava a mão pelos cabellos avelludados de sua noiva, soltos em aneis sobre a espada, e erguia-lhe a cabeça curvada sobre o peito, como o lyro que uma rajada pendera.

— Eu cahira como um bravo, Amelia, porque n'esse transe solenne teria tua imagem no coração... meu ultimo suspiro seria teu nome.

Ella beijou-o na fronte, apertou-lhe a mão com força, e em tom firme atalhou-o:

— Parte, Jacinio, tens razão, ha deveres sagrados para o homem, que esquecemos, porque não os comprehendemos; as mulheres, somos umas loucas, quando levamos a exigencia até o sacrificio de uma religião.

Ao voltar-se para uma janella soltou um grito de terror, ficou como uma estatua de marmore que o luar illumina.

Davão onze horas.

N'uma das vidraças fortuitamente aberta, destacava-se um rosto pallido como a morte, terrivel como a colera. Jacinio mal a vê, aranca

d'uma pistola, vai lançar-se após elle, quando Amelia o retém, e a tetrica visão desaparecia.

— Parte, Jacinio, enquanto é tempo, mais alguns minutos e estás perdido!

— Eu fugir?! Nunca.

Ella cahiu-lhe aos pés:

— Parte, volta para os teus, aqui tens só inimigos... Vai; não queiras matar-me.

Sua voz supplicante, sua inquietação crescente commoverão o moço, cujos brios guerreiros haviam-se despertado e o predispunhão a commetter uma loucura.

— Tens razão... Eu parto.

Abracou-a e tomou o caminho do corredor. D'ahi ainda lhe disse:

— Até quinta-feira.

— Não tornes, se me amas... Estás descoberto, Jacinio.

Elle entrou na rua, afagando os copos de uma espada de fina tempera, e depois barafustando por um becco sombrio foi dar na praia.

Olhou em torno, tudo estava deserto; porém, mal soltára um assobio de convenção entre elle e o barqueiro, um vulto surgiu, e ia feril-o, quando um novo personagem reteve-o gritando á Jacinio:

— Ao bote, capitão; e ao largo enquanto despacho este legalista do inferno.

E o barqueiro, herculeo nas fórmas, prespegava tal murro no desconhecido que o abatia por terra.

O bote sahiu com os dois, porém, haviam apenas devorado trinta braças que um relampago clareou a margem e uma centena de balas sibilou-lhes por sobre as cabeças.

Nenhuma tocava-os.

Ao largo!... Capitão, força nos remos, senão os **Bagadús** fazem-nos alguma... Ah! Se fossemos mais!

— Amanhã lhes darei a resposta nas trincheiras, ajuntou indolentemente Jacinio, pensando talvez em Amelia.

II.

Que espectáculo tocante no quarto de Amelia! Ella está de joelhos diante d'um crucifixo orando com fervor indisivel; sua alma de anjo roça os céos nas azas do amor, seus labios murmurão:

Deus e Jacinio!

Em arroubos de mysticismo, o mundo que a rodeia não a perturba, nem um só som da terra fere-lhe a concha auditiva.

Mas, ungida por dupla religião, vergada nos degrãos de dois altares: o de Christo e o do amor, quasi que identificando-os em seu coração, era bella, bella a matar de amores!

Um moço entrára, sem ser presentido.

Era o tenente Leonel.

Os dois alli semelhavão-se tanto, como duas estrellas n'uma mesma constellação, como duas flores n'uma mesma roseira.

Por algum tempo contemplou-a com um sorriso cheio de effusões paternas.

— Amelia, disse, oras pela republica ou por teu irmão?

— Ah! E's tu Leonel?! Exclamou, qual se despertára d'um profundo somno.

— Já sabes?

— E' um louco!

— Que me ama, irmão, que se expõe por minha causa.

— E não censuraste seu proceder?

— Censurei, mas censurando sentia praser em lembrar que era por mim que assim se expunha.

— Ah! Egoismo das mulheres! Sempre as mesmas!

— Escreve a Jacinio, pede-lhe que não torne.

— Também se vier, como do partido contrario não posso defendel-o sem commetter uma traição. Demais o coronel Varena vota-lhe tanto odio como a mim.

— E eu sou a causa innocente d'esse odio.

— Tu!

— Sim, porque repelli as pretensões de Varena sobre mim.

— Agora explico a perseguição que me tem movido!

— E hoje viu a Jacinio, creio que assistiu a toda a nossa entrevista

— Seu rosto pallido e cadaverico estava collado a uma das vidraças da varanda.

— Miseravel! pronunciou Leonel e profunda reflexão absorveu-o.

III.

Era uma quinta-feira.

A tarde descêra triste sobre a cidade de Porto Alegre. O minuano soprava de ha pouco, iracundo e gelido, como o inverno, espancando, revolvendo nos céos algumas nuvens cinereas, esfusiando pelas ruas e viellas merencorio e funebre como um memento junto ás eças. O sol quasi desaparecendo no occaso lançava um olhar taciturno e desbotado sobre a terra.

Aos ululos do vento casava-se o tumulto da peleja.

Nas trincheiras erguidas na praça do Portão a lucta entre os asaltantes republicanos e os defensores da legalidade era renhida.

Chuvas de balas cobrirã-n'os, de ambos os lados por dezenas caião os justadores; mas este accidente em vez de desanimal-os, mais os acoçoava, mais impellia-os ao desejo da victoria.

A companhia de Jacinio fazia prodigios de valor, tres vezes tendo seu chefe á frente conseguira escalar o muro, tres vezes vira-se obrigado a recuar ante forças dez vezes maiores.

Varena que defendia aquelle panno do entrincheiramento, mandára alvejar sobre o jovem capitão, mas os mosquetes e as espadas respeitavão sua audacia e bizzarria.

A noite vinda cessou o assalto, apenas seguirão-se perdidos tiros na Varzea e nos caminhos e estradas circumvisinhas.

A's oito horas um batel silenciosamente cruzando o rio pojou para a ponta das Pedras, onde hoje está edificada a cadêa civil.

Tudo estava solitario, só o balido das ondas que se espriavão com fracasso sobre a rocha, feria o ouvido de tres homens de pé, indifferentes ao tempo, mas perscrutando o espaço.

— Não ha ninguem, disse um envolto n'um largo e comprido ponche.

— Capitão, tornou outro, o coração não me adita boa coisa...

— **Por Deus e um patacão** que hoje o não deixo! Exclamou o terceiro que era o barqueiro que já vimos uma vez.

— Raphael, ponderou o primeiro, já te disse que minhas ordens não soffrem commentarios e reflexões dos subordinados.

O barqueiro curvou a fronte, mas sua mão pousando no cano de uma espingarda e indo acariciar uma longa faca de campeiro, desmentia o signal de obediencia.

Jacinio acobertado pelas trevas, ladeiando o littoral, veio entrar na rua da Ponte. Ao longe seguirão-n'o dois homens resolutos e cautelosos. Erão Raphael e seu companheiro que transgredião as ordens do chefe.

IV.

— Jacinio! Exclamava Amelia cahindo-lhe nos braços.

— Amelia!

E depois forão perguntas sobre perguntas antes que ouvissem a resposta da primeira.

Nos tempos de calamidades, quando dois entes que se amão extremosamente se achão em campos oppostos, ha tanto a dizer, ha tanta effusão de sentimentos nos curtos intervallos em que se toção!

— Não recebeste uma carta, Jacinio?

— Recebi, mas Leonel é uma cabeça cheia de chimeras, vê perigos onde os não ha, e demais não ama.

E deitava a fronte no collo da linda morena, tomando-lhe a mão-sinha onde imprimia beijos de respeitoso amor.

— E por uma tão bella mão, proseguia elle, não vale a pena correr sobre um abysmo?

— Lisonjeiro! disse ella tocando-lhe a face com um dedo que parecia de nacar.

N'esse instante na rua ouvirão-se alguns tiros, e o estrupido de combatentes.

O moço ergueu-se, tomou as pistolas e a espada sobre uma meza.

— Jacinio, eu te proibo... nem um passo!

E sua face perdera a inflorescencia do pudor, as lindas rosas desaparecerão como se uma ventania as tivesse ceifado.

Jacinio soffria diversa modificação, tinha febre, a febre da guerra; seus olhos filtravão ardentes scintillas, seu coração pulsava impetuoso em ondas de anciedade.

Fôra a lucta continuava. Era Raphael e seu companheiro que morrião defendendo o capitão.

Amelia, deixa-me sahir, disse em tom supplice.

A moça poz-se entre os umbraes da porta de saída.

— Imprudente! Acudio com esse accento que encerra uma queixa, uma censura e uma supplica ao mesmo tempo.

O que podes fazer contra uma cidade inimiga, quando és só?

— Tu podes muito, Amelia! E sua mão apertava o coração, como querendo soffrear-lhe os impetos marciaes.

Só tu no mundo poderias reter na bainha lamina que não conhece outro senhor além do deus das pgnas, que vòu onde ha um ferro a cruzar, e um inimigo a combater.

E de pé com o punho cerrado sobre a meza, vergou a fronte submissa.

Omphalia vencia a Hercules.

O amor encandeava o heróe que barateava a vida pela liberdade de seu paiz.

O silencio restabelecia-se na rua, mas a porta de Leonel cahia em hastilhas.

Amelia desprendeu um grito de agonia e foi cahir nos braços de seu amante, cobrindo-o com o corpo, mas elle já tinha despido a afiada lamina e punha-se em guarda.

— Amelia, agora vês, é minha honra que tenho a defender; e a affastava docemente.

Retira-te.

O coronel Varena entrou com alguns soldados.

Em seu labio poizava um sorriso de sinistro contentamento.

— Capitão, articulou elle, entregue a espada, está preso como inimigo do Estado e espião do campo contrario.

— Coronel, a minha espada livre como o minuano de nossas co-

chilhas não serve á tyrannia; entregal-a seria nodoal-a nas mãos de miseraveis.

E com a champa do ferro flagellou a face de Varena.

— Jacinio Imurmurou uma voz espedaçada, e ouviu-se o baque d'um corpo. Era Amelia.

Depois... o retintim de golpes, algumas imprecações, o silvo de duas balas e outro corpo que media a terra. Era Jacinio.

(Continúa.)

—o-O-o—

EMENTARIO MENSAL

Bom tempo, bom tempo este! Tudo corre ás mil maravilhas, parece que vivemos agora!

Frio,
Chuva,
Sol,
Bailes,
Theatros,
Litteratos,
Critiqueiros,
Folhetinistas

e o Parthenon que veste-se de galas, como uma noiva, para abrir de par em par as portas e dizer aos materialistas e scepticos de 68: — vinde, entrae, assisti ao banquetê da mocidade crente, saudae este primeiro anniversario, que é por certo um grande triumpho para vós tambem! . . .

Bom tempo, bom tempo, sim!

Até o proprio inverno nos agrada, amamos a natureza envolvida em seus nevoeiros humidos, pallida e triste, scismadora e languida como a virgem após o delirio da walsa, n'esse cansaço que a torna mais bella, n'esse instante em que de seu collo offegante escôa mystico perfume.

Será talvez uma excentricidade, porém, confessamos, temos mais predilecção pelo inverno que pelo verão.

Este tempo sombrio casa-se mais com o nosso humor; quando o vento zumbe pelas frestas da porta, e resmunga semelhando um velho importuno que tudo esp्रेita, quando a chuva estala monotona na calçada, escorrendo vagarosa nos telhados, não sei porque sentimos impressões indefiniveis, a imaginação inspira-se, a alma vôa, paira além creando um ideal sublime, e, em quanto a natureza dorme, nós velamos folheando as paginas perfumosas do livro do passado.

Mas deixemos o inverno que faz tanto nariz pingar e vejamos os nossos apontamentos.

Temos material de sobra para esta gigantesca obra litteraria que chamou-se um dia **chronica** e hoje por variante cognomina-se — **Ementario**.

*
* *
*

O theatro S. Pedro attrahe a população inteira de Porto Alegre; a companhia conquista novos e mais viçosos louros em cada noute, e, quer brilhem as estrellas sobre as aguas azuladas do Guahyba, ou jorem as cataractas do céu, a enchente no theatro é completa sempre, o enthusiasmo recrudesce.

A companhia estreado na **Estatua de Carne**, para nossa pinião, o mais primoroso drama do repertorio exhibido, teve tal exito, tão feliz successo, que mudou inteiramente o paladar estragado d'esta nossa platêa, que, salvo honrosas excepções, apreciava mais gostosa um salto mortal, ou uma pelotica, que um drama intimo, ou a cavatina da melhor opera.

No entanto o milagre operou-se d'esta vez, porque o gosto apurase á olhos vistos.

Em boa hora veio o Sr. Cabral! . . .

O nosso theatro tão em decadencia ha annos para cá, resurge como a phenix, recordando-nos o bello tempo em que Furtado Coelho e Gabriella tocáram com sublime engenho o fastigio da arte.

Se na companhia não temos um Furtado Coelho, ha no entanto um galã intelligente e estudioso, um moço cheio de vontade e aptidão, que promette elevar-se á altura em que soube collocar-se aquelle.

Chamamos do Sr. Cabral Junior que tem captado a sympathia das platéas do Rio Grande.

Antonina Marquelou, que ha nove annos fizera a sua primeira aventura na senda difficil e espinhosa do artista, no palco em que hoje fascina e arrebatá, é sem contestação rival poderosa de Gabriella e Adelaide do Amaral.

Conhecemol-a do Rio tambem, ahi no Gymnasio assistimos á sua brilhante estréa, na filha mimosa de Octavio Feuillet — **Dalila**.

Mas a Dalila do Gymnasio esteve tão longe da Dalila do nosso S. Pedro, como os **critiqueiros** dos criticos!

Não que Marquelou não merecesse os freneticos applausos e tantas ovações que lá tivera com merecida justiça, mas os collegas de cá não andarão bem.

O sympathico Cabralsinho meio que falseou, e Motta, no papel de Carnioli teria perdido o equilibrio se não fosse o penultimo quadro.

Assim passou quasi friamente a filha de Octavio Feuillet, a sua mimosa perola litteraria, o seu precioso trabalho dramatico! . . .

Quod facere?

Dalila não é um drama para todas as platéas.

Aqui forçosamente devia cahir; falta-lhe polvora, o retintim de duas laminas a resvalarem-se herculeas, os lances fortes e excitantes, essa algazarra e frouleira da **Torre em Concurso** e **Phantasma Branco**.

Barbosa — não é mister que lhe digamos — é um artista de grande merito. Tem louros de sobra e muitos louros a colher ainda.

Araujo — eis ahi um typo sympathico e expressivo! . . .

Seu engenho artistico fal-o moldar-se a qualquer genero, e, se decorasse melhor os papeis, o talento que possui realçaria mais.

Magalhães em todos os papeis que tem exhibido é digno de louvores.

Suas **scenas-cômicas** são de merito, e, segundo os jornaes da capital, breve teremos occasião de o apreciar como dramaturgo. Seu trabalho tem por titulo — **O Anjo da Resignação**.

Alfredo, Luiz Mayrink e Virissimo são noveis ainda nos segredos da arte.

Alfredo, porém, já faz muito; vê-se n'elle uma vocação real e uma dedicação séria pela arte.

Luiz Mayrink, nos **Cancros Sociaes**, foi bem, na **Graça de Deus** melhor.

Maria Augusta e Maria Lima tão diversas em seus generos, rivalisam-se.

Maria Augusta — no **Anjo da meia noute** teve momentos felizes, no papel de Helena, na **Filha do Lavrador** e Amelia na **Dalila** deu mostras de um talento superior.

Maria Lima na **Estatua de Carne** faz diabruras, e é inimitavel. No entanto desapareceu da scena, e o logar que occupava na companhia difficilmente será preenchido.

A **signora Candiani** é ainda uma celebridade musical. O povo fluminense que não tinha ovações para outra cantora que não fosse ella,

conserva feliz recordação da voz sublime e arebatadora que tanto lá como aqui ainda hoje faz-se admirada.

Como artista dramatica basta o difficil papel de Clara, nas **Orphãs da Caridade**, para attestar a sublimidade do seu engenho. No ultimo acto, n'esse momento de desespero em que a mãe culpada tem de um lado a filha que traja ainda o cilicio da orphã da caridade, do outro o esposo que vae ouvir uma confissão terrivel e em face o algoz do seu passado, o seductor desnaturado, ahi n'esse lance difficil, Candiani arrebatou!

Ha tanto sentir na sua expressão, nos seus gestos, no seu olhar mareado, na sua voz cortada pelos soluços, que o coração de quem a escuta commove-se, sente deveras! . . .

Motta, o nosso estimado e talentoso comprovinciano, não desmente que foi discipulo de João Caetano.

De uma grande vocação, a sua escola no entanto é quasi outra, tanto assim, que ás vezes contrasta com a de seus irmãos.

No papel de Conde Paulo de Santa Rosa cremos firmemente que o nosso festejado comprovinciano não encontrará quem lhe offusque de leve a gloria.

Sabemos que deixou o theatro, não de vez, porque seria lutar quem sabe se contra o destino, mas afasta-se d'elle agora.

Deixa-nos saudades, a sua auzencia será tão sentida, como a lembrança d'ella viva em nosso coração.

Apertando-lhe as mãos n'este momento, temos convicção de que o nosso publico aspira ancioso pela sua volta.

* * *

Parbleu! Mlle. Argeline faz proezas e conquistas, sobrenada n'um oceano de flores e perfumes, em quanto o Sr. empresario sorri de contente!

Mlle. Argeline, segundo dizem, é — franceza, ingleza, belga, suissa, irlandeza e japoneza simultaneamente!

Mlle. Argeline está no galarim da fama, é discutida em todos os circulos, nos salões e cafés, de dia e de noute, em toda a parte e a todas as horas finalmente.

Mlle. Argeline, segredou-nos ao ouvido um animalejo que assistia boquiaberto á sua estrêa:

— **Voilà une belle étoile alcassarine!** Admire aquella par de olhos, admiravel estampa! aquella voz argentina vale bem um dithyrambo, uma ecloga de Virgilio, uma ode pindarica! . . .

Outro animalejo, que falla em Euripedes e Mephistopheles, como um critiqueiro genuino, resmunga entre dentes:

— Veja como pisa mal, que falta de mimica e graça, que pés e que boca! . . . Mlle. não passará de uma pessima alcazarina! . . .

N'este solemne momento Mlle. Argeline solta com tal furor uma pernada, que parecia ter-se deslocado! A platêa rompe em estrepitosas palmas, os adoradores do bom gosto e da arte estrebuxão de entusiasmo e Mlle. Argeline agradecida mostra que estudou gymnastica no pathetico e surprehendente quadro final!

Se nos perguntassem agora o que pensamos de Mlle. Argeline responderiamos: N'outra parte a applaudiríamos; em S. Pedro — não.

* * *

Y Juca Pirama — é um drama lyrico em 2 quadros, segundo denominou o seu autor Sr. José Bernardino dos Santos.

Não foi por certo um triumpho litterario o novo trabalho do nosso amigo e collega. N'esse commettimento de medir-se com o primeiro poeta brasileiro, talvez, o Sr. Bernardino dos Santos não calculou o perigo imminente que o ameaçava.

No entanto é preciso confessar que ha imaginação nos seus versos, pensamentos de quilate, porém, nem sempre esse rythmo, essa cadencia divina a escoar-se de todos os cantos de Gonçalves Dias. Notamos ainda falta de enredo na sua composição. O amor, que é sempre um assumpto inexgotavel, foi esquecido; a mulher, a companheira do homem, porque não havia de encontrar o pobre Y Juca Pirama, n'aquellas suas horas de tanto infortunio e desalento?

Repetimos, não obteve um triumpho litterario o nosso distincto collega, mas deu-nos mais uma prova do vigoroso talento que possui e da bella imaginação que o laurêa.

Dizem-nos que acaba de compôr um drama, e não leve a mal a reflexão de quem precisa mais de um censor do que o collega, e os procura sem o menor escrupulo.

Se tenciona publicar o novo fructo de suas locubrações, não faça com a mesma precipitação que tem tido.

Estudar e não desvanecer deve ser a nossa legenda: estude o collega com perseverança e fé como até agora, mas aceite sempre os conselhos de quem lh'os pôde dar e ria como eu dos critiqueiros, d'essa nuvem de mosquitos que zumbe por ahi, na phrase de C. C. Branco.

*
* *
*

O nosso amigo Sr. Aurelio de Bittencourt, no seu Ementario, annunciou com esse jubilo de que possui-se sempre e lhe é tão louvavel e natural quando falla nos trabalhos de seus collegas, o proximo apparecimento de um novo drama do Sr. Appollinario Porto Alegre, que tem por titulo — **Filhos da Desgraça**.

Appollinario Porto Alegre se não é já uma reputação feita, é sem duvida uma das maiores esperanças da provincia, uma intelligencia superior, e uma illustração de quilate.

Sem revestir-se d'essa modestia apparente, ou orgulho excessivo que enverniza os charlatães, elle traz na fronte larga o sello das vigalias, e a ruga de quem se afana no labor da sciencia, interrogando a si proprio por que tanta sêde, tanto calor a requeimar-lhe dentro, se tão mal compensação aqui as letras!...

No entanto Appollinario prossegue incessante, elle anima seus collegas, seus conselhos são ouvidos e seu corpo ás vezes parece dobrar-se á falta de seiva, o seu espirito redobra de enthusiasmo, e a sua imaginação inexhaurivel desenha-nos — **A Flôr de Laranja, Gracina, Os Palmares, Cham e Japhet, Sensitiva e Filhos da Desgraça!**

E tudo isto, além de um volume de poesias inéditas, e um drama escripto de collaboração com o Sr. Menezes Paredes, tem o Sr. Appollinario feito em curto espaço de tempo, sem alarde, mas com a nobre modestia que o caracteriza.

Porém, o nosso fim não é discutir o vigoroso talento do nosso amigo, nem tecer-lhe aqui laudatorios, que não os precisa de nós; mas trazer á tela acanhada de uma **Chronica** um facto que causou-nos verdadeira surpresa.

Filhos da Desgraça, que é a sua ultima composição dramatica, teria ido á scena se a approvação official a tivesse honrado, como fizera com **Cham e Japhet**.

E porque a policia tão indulgente com outros dramas que se tem representado agora em nosso theatro, onde palavras por demais licen-

ciosas são ouvidas, negou — o seu beneplacito á produção do Sr. Porto Alegre?...

Porque a policia consentindo na desenvoltura e despejo de uma **grisette**, que applaudiríamos n'outro palco e não sob o proscenio do S. Pedro, recusára o seu **visto**?

Se o theatro é uma escola, se elle tende a moralisar o povo, como o dramaturgo a descarnar os cancros da sociedade, **Filhos da Desgraça** prima pela these, cujo ponto primordial é mostrar o contacto pernicioso e tão abusado entre nós dos escravos com pessoas de uma familia.

Condemnar assim um trabalho ao ostracismo, que deveria ter um feliz successo, deve ser doloroso ao autor, como foi surprehendente á todos aquelles que lerão o drama, o acto da policia.

Houve despotismo ou falta de reflexão?...

* * *

A provincia do Rio Grande acaba de perder dois filhos dilectos; o paiz uma realeza na pessoa do Dr. João Jacintho de Mendonça, e uma grande esperanza nas 20 primaveras de João Baptista Blingini... Parece que uma fatalidade pesa sobre nós!... Em poucos annos vimos cahir um a um Pedro Chaves, João Vespucio, Dr. Amaro, Felix da Cunha, Macedo e Barcellos, e quasi ao mesmo tempo Canabarro, Netto, Valença, Tristão Pinto, Andrade Neves e tantos outros predestinados vultos heroicos!...

O Dr. João Jacintho de Mendonça falleceu na côrte — mas Blingini, nem ao menos sob o céu de seu paiz!... Savona foi o seu tumulo, ahi descança perto do berço de seu pae.

Na sua ultima carta assim exprimia-se elle: "não é só a molestia, é a saudade da patria!

"A patria e a familia é o que me falta!"

A congregação dos lentes honrou a sua memoria erigindo-lhe um tumulo, resta agora á provincia não esquecer nunca o seu nome, como o Brasil não pôde olvidar o patriotico e eloquente tribuno Dr. Mendonça.

* * *

Mulher e mãe é o titulo de um drama em 5 actos do Sr. Eudoro Berlink.

Com quanto nada conhecamos d'este trabalho, dizem-nos pessoas habilitadas que é primoroso e de um grande effeito theatral. O Sr. Eudoro Berlink, que, como litterato tem uma bella reputação, n'estes ultimos tempos desapparecera da senda da litteratura, não porque sua imaginação se esgotasse, porém, a penna do litterato trocára-se pela do jornalista e n'esse campo duplamente espinhoso e cheio de contrariedades, elle soube collocar-se á par dos primeiros vultos da imprensa diaria.

Certos de que seu novo trabalho terá um grande successo, nós o saudamos mais uma vez, deixando a apreciação d'elle ao redactor do seguinte mez Sr. Vasco de Araujo e Silva.

* * *

Um novo orgão do partido liberal acaba de apparecer com o titulo — **Reforma.**

Tendo á sua frente distinctos collaboradores, intelligencias firma-

das, elle propõe-se a seguir os passos brilhantes que a **Reforma** da côrte tem dado, para o engrandecimento do paiz, como tem feito o **Correio do Sul**.

Muito promette a **Reforma**; não ha ahi essa leitura que amenisa, mas um estudo sério em cada pagina, lições edificantes de uma doutrina legitima e verdadeira.

Saudando com enthusiasmo o seu apparecimento, desejamos ao novo órgão do partido liberal uma marcha progressiva e aos seus collabores — as palmas do futuro, e muito animo e coragem no presente.

*
* *
*

Antes de fallarmos na festa do Parthenon, que será o fecho d'este Ementario, não podemos furtar-nos á tentação de estamparmos aqui o fructo de uma bella intelligencia, a feliz inspiração que revelão as 5 estrophes seguintes:

Porque és triste?

Diz-me tu oh! casta pomba,
Porque sendo moça e bella;
Teu olhar todo meiguices
A tristeza só revela?...

Tu não vês nos labios d'outras
Adejar constante o riso?
D'onde vem pois a amargura
Que eu em ti sempre diviso?

No prado em que a rosa nasce,
O lyrio nasce tambem;
Diz: porque não tem o lyrio
As côres que a rosa tem?...

Ambas tendo a mesma seiva,
Ambas tendo um só calor...
Quem o lyrio assim faz triste,
Dando á rosa a rubra côr?

Se outras são sempre a alegria,
Eu serei sempre a tristeza;
Sou o lyrio — ellas a rosa...
Ambas tem sua belleza.

Versos simples, mas exuberando delicioso perfume.

Sabe agora o leitor de quem são elles?... Releu e gostou forçosamente d'aquelle **Mundo de amor**; pois saiba que este é o mesmo poeta, o Sr. Manoel Gonçalves Junior, que não temos o prazer de conhecer pessoalmente, mas que apreciamos muito e festejaremos sempre como inspirado cantor.

*
* *
*

Fallemos agora do Parthenon.

Quando uma idéa domina um povo, boa ou má ella vinga, cedo ou tarde ella apparece: a revolução agita-se, recrudesce, avulta dia por dia,

e quando menos se espera — a luz espanca as trevas ou vice-versa; a harmonia torna-se um cahos.

Eis porque o Parthenon Litterario existe.

18 de junho de 68 foi uma data symbolica!

N'esse dia raiou a aurora brilhante, que, illuminando o modesto templo consagrado ás letras e á sciencia, queimava tambem as fronte da mocidade crente, dos iniciadores de uma grande idéa!

18 de Junho foi uma phase brilhante para aquelles que sonhando o bello em suas formas multiplices, sentião no entanto a fronte ensombrada pelo véo do desanimo, porque a mão do indifferentismo manietava-lhes o impulso, o gelo do sarcasmo sopeava-lhes os vãos projectados.

Mas não ha barreiras que se antepõem á mocidade, quando ella quer, porquanto ella póde sempre!

Travada a lucta — a idéa triumpha — a mocidade não receia!... Não ha jungil-a aos ferros; alastre-se embora de victimas o estadio, novos arautos surgirão, cairão os primeiros, mas os ultimos ficarão de pé, saudando a victoria!

Assim foi, o cansaço era demais, o esforço quasi superior ás nossas forças, porém, a acção operou-se segundo nossa vontade.

Hoje — a idéa é um acontecimento, o mytho uma realidade!

O Parthenon festejando o seu primeiro anniversario, que teve logar no vasto salão da Soirée Porto Alegrense, no dia 19 do corrente, sentia-se ufano e com razão.

A mocidade de 68 lá estava, porém mais forte em numero e intelligencias.

As duas alas de cadeiras que se estendião ao longo do salão, eram duas fileiras de bravos.

As intelligencias amadurecidas sorrião de contentamento ao ver a pleiade brilhante no rosto de honra e com a palavra ungida de fé nos labios.

Numeroso era o concurso; distinctas Sras. e cavalheiros esperavão anciosos a abertura da sessão.

As 8½ horas estrugirão os foguetes annunciando a presença de S. Ex. o Sr. Dr. presidente da provincia e sua Exm.^a familia, e ás 9 o Sr. Dr. Caldre e Fião, presidente honorario, inaugurou a sessão pronunciando um breve discurso.

Orarão em seguida os oradores da sociedade Srs. Affonso Marques e Carlos Barrão, mostrando em eloquentes palavras o desenvolvimento da mesma durante o anno que findava.

Seguirão-se os discursos pronunciados pelos Srs. socios: José Bernardino dos Santos, Aurelio Virissimo de Bittencourt, Vasco de Araujo e Silva, Victorino J. dos Santos Azevedo, Arthur de Lara Ulrich, Appollinario Porto Alegre e Manoel Ribeiro de Andrade e Silva.

Recitarão poesias os Srs.: Achylles Porto Alegre, Antunes da Luz, Nicolau Vicente Pereira e Hilario Ribeiro de A. e Silva.

As 11 horas concluida a sessão, começou o baile, que prolongou-se até as 4 da manhã.

Caminhe o Parthenon Litterario; para chegar ao seu fim precisa andar muito ainda. O anno de luctas que passou foi uma promessa, os annos vindouros attestarão um futuro brilhante, se os obreiros incansaveis até hoje, não recuarem ante a magestade da empreza.

Creemos firmemente que assim não acontecerá, porquanto a mocidade não estaciona nunca; trabalhando — quer; querendo — vence!

Consideremos sempre como Aristoteles: — Que a sciencia tem raizes amargas, porém, doces fructos.

Hilario Ribeiro A. e Silva.

REVISTA MENSAL
DA
SOCIEDADE
PARTHENON LITTERÁRIO

1.º ANNO. — JULHO DE 1869. — N.º 5.

—o-O-o—

TYP. DO JORNAL DO COMMERCIO
PORTO ALEGRE

1869

COMISSÃO DE REDACÇÃO

Vasco de Araujo e Silva.
Appollinario Porto Alegre.
José Bernardino dos Santos.
Aurelio V. de Bittencourt.
Nicolau Vicente Pereira.
Hilario Ribeiro de A. e Silva.

Vasco de Araújo e Silva.

OS PALMARES

ROMANCE HISTORICO

POR

APPOLLINARIO PORTO ALEGRE

III QUADRO.

Ultimos acontecimentos.

(Continuação)

— E' verdade, a pura verdade! ajuntava Rolando, para dizer alguma coisa, apézar de ser contra si mesmo.

Carrilho sorriu e foi vizitar seus companheiros d'armas no leito de dôr.

N'esse comenos o jesuita sentia-se dominado por grande emoção. Seus olhos ordinariamente baços, mortos e inexprimeis scintilavão ardentes na penumbra da sala, seus labios murmuravão sons incompreensíveis, suas faces pallidas e macilentas tingião-se de reflexos purpureos, seu corpo tiritava, como se o medo ou o frio o tomasse.

O que havia?

Que folheto é o que estreita nas mãos com delirio, com febre, com amor?

— Misser Antonio, disse elle, tocando no braço do physico.

— Que quer V. Reverencia?

— O céo o quiz, respeitemos sua vontade. **Fortuna est quod dii volunt.**

— Me parecendo está que V. Reverencia não quer ser comprehendido.

— Chiton! E levou o index á boca.

— Mas . . .

O jesuita apenas mostrou-lhe o folheto, no alto de cuja capa lia-se em letras garrafaes, que hoje cauzariam terror á calligraphia:

EL-DORADO.

E mais abaixo em bastardinho miudo:

“Como o pôde deparar o que fôr seguindo com fidelidade o caminho dos sertões que hi vai n'este itinerario, e o como foi descoberto e em que tempos.”

Antonio sobressaltou-se, a mesma metarphose por que passou Andrezi operava-se n'elle.

E' que desde o seculo XVI corria na tradicção a existencia do El-Dorado, paiz de inconcebiveis riquezas e maravilhas, á procura das quaes aventureiros europeus constantemente descião á plaga americana.

Os inglezes Philippe Hutten e Walter Raleigh, os hespanhões Orelhana e Antonio dos Santos tinham com seu assentimento e descripções consolidado a crença geral a este respeito.

Uns fazião-n'o existir entre o lago Parimo e o Orinoco, outros affiançavão que seus dominios demoravão no centro do Brasil, tendo em torno invia e vastissima extensão coberta de florestas.

Sua capital era a cidade de Manoah, que continha templos cujas cupulas erão de ouro massiço, cujas columnas incrustadas de finas gemas reverberavão na treva, como a luz solar. O rei d'este paiz andava semi-nú, referião, e quotidianamente, banhava-se em oleos fragrantés, polvilhando depois o corpo com ouro em pó.

Era tão arreigada a crença, que a Europa e a America erguião-n'a á altura d'uma convicção, quando punhão em circulação cartas e mappas geographicas do El-Dorado.

No correr d'esta historia o leitor verificará se havia ou não razão no que hoje uns suppõem pinturas da imaginação e outros pensão ter sido a California de nossos dias.

Reatemos, porém, a narração interrompida.

Antonio, passado o abalo da surpresa, perguntou:

— D'onde o obteve V. Reverendissima?

— Cahiu do gibão de Magalhães.

— E ninguém mais o viu?

— Ninguém. *Oculos habent et non videbunt, aures habent et non audient.*

— Ha de, todavia, reclamar.

— Deus o não quer.

— Como?!

— Vós, misser Antonio, Pero Lopes e este humilde servo de Jesus somos trez, não é?

— Sim, redarguiu com o olhar pasmo na difficuldade de comprehender a illação que seu interlocutor tiraria.

— Roberio é um?

— E' manifesto.

— Ha alguém de mais sobre a terra; fazel-o desaparecer torna-se para nós de extrema necessidade.

— De extrema necessidade, diz V. Reverencia.

— O duvida? Não vê que se sabe onde pára o itinerario, com justo motivo procurará rehavel-o sem arreceiar-se dos meios? Depois: mal que evita mal maior é um bem, misser Antonio; é principio de ethica. Se o não fizemos, elle o fará; e negocios com um homem de capa e espada não se assemelha ao com villões; ergo..... E parou intencionalmente.

Antonio estremeceu e murmurou mansinho e mysterioso:

— Ergo?...

— *Interficiť eum.*

— *Quomodo hoc scelus admittere?* Perguntou em tom baixo e ao ouvido de Andrezzi, mas tão pallido e demudado, que, quem o visse n'aquelle instante havia de desconhecê-lo.

— Jeovah disse a Josué que procurava terras para seu povo habitar, e, temendo os possuidores de juro e herdade, esmorecia:

"Ne timeas eos, ite et tua erit victoria."

E o bom discipulo de Loyola e Escobar estendia a mão mirrada e mostrava a Antonio um annel accrescentando:

— Aqui no castão ha um liquido de effeito terrivel; deitado sobre uma ferida a morte é subita.

Foi uma feliz descoberta que angariei, quando cathechisava no Maranhão. Misser Antonio, que diz?

O physico vacilava.

O jesuita continuou:

— Lembre-se da sentença do velho Horacio: A fortuna é dos audazes.

Misser Antonio tem sonhos de ambição e treme como uma criança, quando vai realisal-os.

— Mas...

— Andrezzi mostrou-lhe o folheto.

E esse gesto foi o mais irrefragavel argumento.

— Sim, a fortuna é nosso sonho; V. Reverencia o diz bem; ao Brasil não vieramos, se não fôra ella.

Dê-me o anel.

E estas palavras, pronunciou-as, com certo tremor na prolação, como tendo epilepsia na voz, se nos consentem a expressão.

O jesuita o notou e acudiu:

— Se o homem do escarpello arreceia-se, o homem da cruz irá.

— Não. *Faciam quod jubes, quod volo.*

— Amen.

— E' o nosso engrandecimento, e com um movimento brusco arrancou-lhe o anel do dedo. Sentia a febre do remorso na embriaguez do ouro.

Ambos encaminharão-se para o leito de Roberio.

Carrilho estava alli e com sincera piedade contemplava a figura desfeita do bravo militar.

— Eis a gloria, eis a vida! ponderava comsigo. Ha de puxa! Que os perros dos negros hão de pagar-me principal e juros!

Antonio e Andrezzi approximarão-se.

— Então que diz o Sr. physico sobre o doente?

— Que resta a Deus o que não póde a sciencia humana.

O capitão enrugou o sobrolho, e voltando-se com máo humor, disse:

— Padre, alli onde Rolando assiste, ha um ferido que pede o auxilio da religião.

O jesuita disfarçou o despeito com estas palavras:

— E' justo, tem Caronte á cabeceira.

E foi-se.

N'esse momento a porta abria-se e Pero Lopes entrava todo coberto de pó e a roupa em fragmentos.

Carrilho esperou-o serenamente.

— Então?

— O inferno que os vença, a esses demonios de negros! Eu não posso... Nunca esforcei-me tanto, tambem nunca tive tão máo resultado.

— Sente-se, e conte o desfecho... Nem todo o anno tem dias de sol. Pensa que já não soffri mais feias derrotas?

— Los negros? E' impossivel! Rirão-se até de mim os miseraveis!

— Conte nos, porém.

Pero Lopes sobreestive silencioso por alguns momentos, porventura coordenando as ideias.

— Ha na serrania, começou elle, uma vereda que com muito affã conseguirão comper, e que desconheciamos inteiramente.

Por ella levarão-nos lampas, todavia indo-lhes no encalço, em pouco pudemos alcançal-os a tiro de mosquete. A algumas trezentas braças o mato sobreveio, elles se internarão e nós os imitamos. Verdade é que de uns e outros os exhaustos de fadiga cahião a cada instante, mas no affêgo da retirada e da perseguição cada qual commettia todo esforço e coragem que lhe sobrava. Em seguida passarão uma ponte de bastos troncos atados com grossas cordas de cipós e tucum, escoradas nas duas margens do profundo abysmo capaz de ourejar a cabeça mais forte.

Em ambas o arvoredo crescia denso.

Na precipitação da fuga lançarão-se em borbotões sobre a passa-

gem suspensa no precipício. Fabul ia o ultimo, o maldito é valente e nobre a enraivecer-me, parece que nas veias d'aquelle negro corre sangue puro. O barbarizo da infancia e mulherio abalava a serra.

Porém, quando pouco mais de tres quartos havião transposto a ponte, esta gemeo, fraqueou e rompendo-se despertou os echos dos despenhadeiros. Foi um medonho fracasso! Mais de quinhentos quilombos desaparecerão na garganta do sorvedouro.

Fabul, com o resto quedou impassivel, quando os meios de razão tão infaustamente se lhe frustavão. Os milicianos soltárão um rugido de alegria a alguma distancia da catastrophe, e eu julguei apprehender o Zambi em facil triumpho... Ephemero regosijo!

Fabul viu tudo isto e bradou aos seus:

A's arvores. E abraçando um velho cajueiro, galgou-o com a prestesa do palreiro guariba, escorregou por um ramo horizontal que dominava o abysmo, baloiçou-se na extremidade curva á seu peso, e de prompto como o pensamento atravessou o ar e foi apanhar um galho na margem opposta. Os outros fizerão o mesmo.

— Ha de puxa! murmurou Carrilho, cedendo espontaneamente á admiração, que trouxera-lhe ao labio a interjeição dilecta em todas as manifestações energicas de seus sentimentos.

— No momento em que fugia, uma descarga faziamos sobre elle, porém, o inferno protegia-o, apenas a pluma encarnada, revoluteando nos ares, veio cahir entre nós, bem antes como uma ameaça, do que como um trophéo de victoria.

Escapou o Zambi, e os seus assacárão-nos motejos e chufas a que só respondiamos pela boca da mosquetaria.

Guai de quem tem a combater homens tão fragueiros de condição! Nem a lançadas de barriga!

— E não mais guapos hi ha que elles, estai seguros.

Amanhã, porém, Subupira será um combro de cinzas.

— E continuaremos as correrias?

— Seria eterno lutar. Elles mandar-me-hão arautos, como já o fizeram, e a paz será firmada.

— Hão de ter condições favoraveis, não?

— O governador o quer.

— E são conhecidas?

— Algumas lembro.

1.º Os Palmares terão a tranquilla posse das terras que hoje occupão;

2.º Os fóros e regalias de vassallos de El-rei de Portugal;

3.º O livre trafico com os moradores visinhos, como os de porto do Calvo, Serinhaem, Una, Penedo e Cabo de Santo Agostinho;

4.º O respeito á liberdade dos nascidos em seus dominios, com tanto que respeitem a familia e a propriedade dos povoados que os cercão.

— Ayres de Souza inutilisa tanto ardimento! disse com tristesa Pero Lopes, que votava tanto odio aos Palmares, que mais não era possivel no peito humano.

Quando a estrella da manhã empallidecia, Subupira era um vasto incendio, mil linguas purpureas lambião o céu, copiosos reflexos enrubecião a folhagem das selvas e ião doirar o tôpo da serranias. Ma-goava o coração aquella scena!

Havia um crepitar lugubre, quasi que um choro em soluços, como estertores de agonia de mescla com soturnas endeixas das aves que despertavão nas frondentes guaridas!

Contristava deveras de permeio de tanta vida, de tanta inflores-

cencia, debaixo de um clima sem rival, a labareda destruidora, que grassava, grassava sem piedade! Velando a pureza do horisonte nos bulções de fumo, o esmeraldino esmalte da rama e das planuras n'um sanguineo véo!

Uma cidade finava n'um auto de fé do conquistador.

Sua alma extorcia-se n'um turbilhão de chammas, que a estreitavam como venenosas serpes, varando-lhe os seios como pelouros, tisonando o que não destruíam!

O genio da guerra sorria no fastigio da montanha.

O genio da liberdade derramava lagrimas sentado no solio de Deus. Aquelles guerreiros não sentirião alli penosa emoção?

Haveria uma alma tão de marmore que não se comovesse com a triste magestade do panorama?

Não era Carrilho, por certo, nem os bravos sertanejos, mudos então, contemplando com olhar absorto e humido de tristeza a conquista das chammas; mas sim tres homens a alguma distancia, esclarecidos pelos versateis clarões de uma fogueira, abysmados ante as cifras dispersas em algumas folhas de papel amarelento e já traçado.

Erão: Andrezzi, Antonio e Pero Lopes.

O que fazião?

Interrogavão o futuro n'um livro sybillino?

Tentavão descobrir a incognita de obscuro e implexo problema?

Quem sabe!

FIM DA INTRODUÇÃO

AFACA D'UM VALLEIRO

V.

Leonel livido como a face d'um morto jaz junto ao corpo de seu amigo, tendo a irmã moribunda sobre o seio.

O que ha que possa exprimir a magnitude de seus pezares, o desespero que lhe ia pela alma?

— Meu amigo! Minha pobre irmã! Repetia o mizero, sem lagrimas, porque já as não tinha.

.....

No morro de Sant'Anna o acampamento estava bonançoso, no dia seguinte a estes acontecimentos.

Quasi dez mil guerreiros alli se achavão, e tres nomes legendarios, trez nomes d'uma epopeia de glorias: Bento Gonçalves, Netto e Canabarro, passavão pelo labio de tantas cohortes como hymnos de liberdade.

Bento Gonçalves está em sua tenda. Escrevia.

Um moço entrou.

O general levantou a fronte e fitou-o pensativo.

— Tu, Leonel?

— Sim, general... a sombra de Leonel.

E as lagrimas reprezas até então jorravão em cachões.

Bento Gonçalves comprehendeu a extensão d'aquella agonia, sem conhecer-lhe as causas.

Levantou-se, estreitou-lhe a mão com profunda emoção.

— Jacinio, proseguiu Leonel, com as palavras entrecortadas... não existe mais.

— Não existe!? E a voz do heróe doce e calma ordinariamente teve a diapazão do rugir do leão ferido.

— Eu venho substituil-o, general... e trago dois cadaveres para a capella do Forte.

E parou...

Depois levantando o indice na direcção de Porto Alegre, pronunciou com a inflexão de quem se extorce na mais acerba angustia:

— Lá... aninha-se a traição... é uma terra indigna até de guardar as cinzas de meu amigo e de minha pobre irmã!

VI.

Um dia depois o exercito marchou. A cidade de Porto Alegre foi atacada por todas as faces do entrincheiramento. Leonel era a alma de todo o movimento.

Leonel queria sacrificar aos manes de Amelia e Jacinio, e apazigual-os, não com uma vingança particular, com um só cadaver, mas com a hecatombe d'uma povoação inteira.

Depois de longas horas, a victoria ia coroar os esforços das phalanges republicanas; no Caminho Novo — a senda se abria para a tomada da cidade, para o saque e a carnificina... Ia ser um negro quadro!

Mas no momento em que as barreiras esboroavão-se, Bento Gonçalves mandou tocar retirada.

Annibal não atacava Roma sem mais baluartes e defensores! Pasmarão todos.

— Que fez, general?

Tinhamos sido imprevidentes, Leonel!

Salvei milhares de innocentes...

O mancebo amergeu a fronte enrugada pelos sentimentos de odio e vingança.

— Eu bater-me-hei com Varena.

— Pertence-me esse direito, por certo não me quererá tambem tirar.

— Tens razão, Leonel.

VII.

Em 1849, n'uma noite de temporal, um valleiro do morro de Sant' Anna, que ia orar uma vez todos os annos nas hoje mal distinctas ruinas do antigo forte da republica, voltava d'uma excursão pela campanha.

Viajava pelo Caminho do Meio.

Um outro viajante vinha em sentido contrario.

Na occasião de encontrarem-se, um relampago illuminou toda a estrada.

Dois gritos partirão, dois cavallos unirão-se e duas facas faiscarão.

.....

Na madrugada que succedeu alguns carreteiros encontrarão morto ao coronel Varena que ha pouco viera da republica Argentina.

Quem era, porém, o valleiro?

Nunca souberão-lhe o nome. Sua vida era um mysterio para todos do morro.

Nunca o virão sorrir; decorrião dias sem que pronunciasse uma só palavra, nunca parava mais d'uma semana n'um logar... parecia o genio das romagens!

Depois da morte de Varena, ninguem mais o encontrára.

Hoje entre os camponezes ha uma superstição. Dizem que em horas tardias tres sombras vagão no cemiterio do Forte, derramando tristes vozes no silencio das noites, cantos tão sentidos que arrancão lagrimas aos mais duros corações.

Certo é que não passo por aquelles sitios sem sentir calafrios correrem-me por todo o corpo.

Se o conto não agradar, o autor pede desculpas. E' um trabalho concebido e escripto rapidamente para preencher algumas paginas da revista.

Só isto basta para absolverem-n'o d'este novo peccado litterario.

POESIAS

MEDITAÇÃO

DIA DE FINADOS

"Dorme em paz, minha mãe, teu somno é lindo!

"E teu filho, ó crê, te ama, te ama muito

"Para vir despertar-te aos seus soluços.

POESIA DO AUTOR.

Meditemos, min'harpa: horas são estas
Em que apenas na terra véla o genio,
O genio da saudade — esse bom anjo!
Aqui, a beira mar, ouvindo tristes
Os soluços da vaga que desmaia
E o sussurro dos euros suspirosos.
Manso é o rio, a brisa embalsamada,
O céu de claro azul vestindo estrellas,
E minh'alma, ora livre, gosa jubilos
Aspirando da noute a fresca aragem
Tão pura como um sonho de criança.
Meditemos, min'harpa: a noute é calma,
Profunda a solidão, sómente véla
O genio da saudade — esse bom anjo!

Quão ditoso era o bardo, quando, em extase,
De um passado feliz volvendo ás scenas,
Entregue á propria dôr, d'essas lembranças
Fazendo o seu consolo, assim cantava:
"Bem vindas, minhas lagrimas, bem vindas!
"Precisava de vós, tardaveis tanto! —"
O' que lhe invejo o pranto que vertia...
Ainda que gotta a gotta elle exaurisse
Esta vida, que arrastro, mas não vivo;
Inda que fossem lagrimas de sangue
Eu quizera ir tambem, tal como elle,
O pó das illusões regar com lagrimas,
Abrindo ao coração, que em dôr se affoga,
Livre curso a esse pranto que allivia.
E como soffro, Deus, só Deus o sabe!
Mas já que a fonte se estancou das lagrimas,
Suspiremos min'harpa: é tarda a noute,
Dorme em paz a cidade! O somno é bello,
E, um bem filho do céu, consolo infindo
Que nos vem do Senhor — Vigila apenas
O genio da saudade — esse bom anjo!
O' cantemos, min'harpa, cantemos
Como a brisa por entre o rosal;

Como a ave espancada do ninho
Que arrancára o feroz temporal;
Como a fonte do viso do monte
Que se lança nas fraguas do val,
O' cantemos, min'harpa, cantemos.

Como eu, desafia min'harpa
Os ferinos contrastes da sorte;
O' não chores, não cantes tão triste
Que commoves o peito do forte.
Ri-te á dôr, á miseria, ao tormento,
Como o sceptico ri... e a morte
Como eu, desafia, min'harpa.

Desprendamos as vozes, cantemos
Como os genios da dôr, do delirio...
O' qu'importa que a luz que seguimos
Seja o triste lampejo de um cirio,
Se estão mortas as crenças no peito?
Não curvemos o collo ao martyrio,
Desprendamos as vozes, cantemos.

Quero amor, quero cantos fagueiros
Da volupia entornar no altar;
Quero em Baccho saudar o prazer,
Da corynthia nos braços sonhar.
O' min'harpa, ao passado voltemos
Uma estancia de goso a lembrár,
Quero amor, quero cantos fagueiros.

Meu passado foi bello! O' quantas vezes
(Eu era inda criança, e muito trêfega)
Das minhas travessuarias por castigo
Minha mãe me ralhava, e após dous beijos
Que eu lhe dava na face, em outro beijo
Me dava ella o perdão e seus extremos!

.....
Mas essa, do passado, só lembrança
Que vive mesmo além da sepultura,
No mais intimo d'alma, eu não a evóco
Nas horas em que a dôr me alquebra o peito.
Não, minha mãe, bem sabes que teu filho
Nunca uniu ao profano a tão sagrada
Memoria de teu nome e teus affectos,
Assim como tambem jámais o virão
Levar á tua campa, ás tuas cinzas
Em ridicula gala atroz insulto...
Jamais, querida mãe, virão teu filho
Levar á tua campa, ás tuas cinzas
Em sacrilego adorno a impia affronta,
Mas sim singela c'rôa de saudades,
Que engrinalda-te a cruz, quando da prece
O sacrosanto verbo expira aos labios.

Basta, min'harpa, basta! Me trahiste...
Eu pedia-te cantos, hymnos, trovas,
Esses faceis accordes, os harpejos
A' cujo som se casa a voz do edylio,
E enlevado te ouvi — grave harmonia
Desferiste min'harpa, e agora vejo
Que á tua voz uni palavras minhas,
E que ambos cantamos triste nenia,
E que ambos choramos sobre um tumulo...

Oh! min'harpa, min'harpa, sê bem dita
Como da redempção a cruz é sancta,
Como é piedoso o pranto que derramo
Nas cinzas da illusão — a mais querida,
A só do meu passado — a minha mãe!

Porto Alegre, 29 de Maio de 1869.

José Bernardino dos Santos.



QUANDO?!

Moi, l'espérance amie est bien loin de mon coeur.
Tout se couvre à mes yeux d'un voile de langueur;
Des jours amers, des nuits plus amères encore.

(A. CHÉNIER.)

I

O sol doirando da montanha o apice,
O mar, a veiga n'amplidão desmaia;
E mansas ondas n'um dorido murmuro
Vão lentamente se quebrar na praia.

Que doce brisa, que perfume magico
Do valle as flores s'inclinando exhalão;
Quantos segredos, que harmonia mystica
A' natureza os passarinhos fallão!...

Hora bendita! No arvoredos, languida
A meiga rôla solitaria geme;
E triste, á beira da lagôa, pallido
O lyrio ao sopro dos favonios treme!

Hora bemdita! No meu peito túmido
Doce tristeza se derrama agora;
E de saudades d'essa imagem candida
Minh'alma geme, desespera, chora!

Vem oh! meu anjo, vem ouvir o cantico,
Que suspiroso o sabiá desprende;
Vem dar alento á minha fronte pallida...
— Nã longa insomniã desfallece, pende!

Vem, casta virgem, teu sorriso angelico
As magoas fundas do meu peito acalma;
Vem, n'estas sombras que segredos intimos,
Que amores, anjo, te dirá minh'alma.

II

Em vão chamei por ella... A tarde langue
Expirando levou além meu canto!...
Oh! volta, anjo, ideal que me sorriste,
Sem ti a vida é triste e tardas tanto!...

Oh! vem, minh'alma morre, se definha,
Esperando por ti, loira criança!...
Se me dêste um sorriso de venturas,
Porque tardas? — Bem vês! se esvae a esp'rança!

III

Oh! vem, minh'alma adoece,
Minha fronte empallidece,
Perdidas horas velando;
Em cada dia que corre,
Vae-se um sonho, um riso morre...
Ai! criança, voltas — quando?!...

Talvez meu nome esqueceste,
Distrahida adormeceste
Sob um docel de mais flôres;
Mais flôres? — louca! Meus cantos
Tinhão perfumes mais santos,
Erão poemas de amores!...

Meu Deus! Em quanto lá sonhas,
Minhas noutes são tristonhas,
Meus dias passam sem luz;
Partiste, virgem, partiste,
E mudo carrego triste
Do soffrer a negra cruz!

Partiste, oh! santa, partiste,
E de meus labios despiste
O sorriso que só deras;
Meu pensamento levaste,
E sem pena tu murchaste
De minh'alma as primaveras!

Não tardes, vem, n'esta sombra,
Aqui do valle na sombra
Não mais terei, anjo meu,
As alegrias de outr'ora,
N'um teu sorriso uma aurora,
E nas tuas fallas o céu!

E não virão mais esp'ranças
Nos olôres de tuas tranças
A minha fronte embalar;
E nos teus olhos, donzella,
Jámais verei diva estrella
No meu futuro a brilhar!

.....

Oh! vem, minh'alma adoece,
Minha fronte empallidece
Perdidas horas velando;
Em cada dia que corre,
Vae-se um sonho, o riso morre —
E tu não voltas! — Ai! quando?!

Porto Alegre 1867.

R. A. H. e Silva.

FOLHA DO PASSADO

Ao meu amigo N. A. Vasques

A morte emmudeceu o teu piano,
Aonde outr'ora á noite horas inteiras
Ao teu lado jazia... Eramos sós
E as horas em silencio ião ligeiras.

Teus dedos resvallavão sobre as teclas
E meu olhar te dava a inspiração;
Tinhas as faces mórbidas e tristes,
E em ancia te fallava o coração.

O' quantas noites ao luar sereno
Em teu collo, mulher, adormeci
Ebrio d'amores, farto de esperança,
Aos sublimes arroubos de Verdi.

O' quantas noites?... Lembras-te, Marina,
Como perto de ti tudo esquecia!
Meu louco amor matava-me em teus beijos
E em teus labios mil néctares bebia.

Às vezes uma gotta de teus olhos
Sobre o rosto enregellada me cahia...
Teu piano era mudo... silencioso
E a luz no candelabro esmorecia:

Sómente a lua frouxa penetrava
Atravéz as cortinas de teu quarto,
E uma réstea de luz reverberáva
Na parede onde tinheis meu retrato.

Estavamos sósinhos, ninguém vinha
Perturbar nossa paz, nossa ventura:
Quadra feliz, Marina, que não volta,
O prazer como tudo pouco dura.

Tu me fallavas tremula, Marina,
E tremula em meus braços te apertava,
Teus cabellos cahião em desalinho
Sobre as roupagens brancas que eu amava.

Tua fronte, teus gestos erão tristes,
Tua vóz era um canto de amargura
Repassado de fel e de cicuta,
Como um canto dorido em sepultura.

A febre lenta te roubava os dias,
Tu morrias de febre e de paixão;
Cedo te quiz deixar, fugir de ti,
Mas a ti me prendia o coração...

Tua existencia consumi em beijos,
Como a abelha sedenta, que na flôr
Não conserva uma só gotta de seiva,
E a vê morrer ao sol abrasador.

Tu morreste, me diz o teu piano,
Meu retrato na alcôva empoeirado.
Que outr'ora teu lencinho de cambraia
O limpava de leve, com cuidado.

Tornei-te Magdalena com meus beijos,
E aos meus beijos te abri a sepultura;
Meus braços forão tua cruz pezada,
Meu amor teu calvario de amargura.

20 de Março.

Achylles Porto Alegre.

—o-o-o—

ELLE

Sou sempre o mesmo! no calor da festa
Subito a testa se franzindo vai,
E eu ouço um grito, que do imo d'alma
Me rouba a calma, suspirando um ai!

Sou sempre o mesmo, mas fingindo o rosto
Todo composto de doçura e fêl;
Trago nos labios alegria ás vezes
E sorvo as fezes de um soffrer cruel.

Sou sempre o mesmo, dos festins nas salas
Desdenho as fallas que se diz então,
E se me assento taciturno e mudo,
Respondo a tudo por um — sim, por — não.

Se agrado mostra-me orgulhosa bella,
Sorrio á ella... na expressão — menti;
E se um seu riso me tributa incenso,
“Então eu penso que de mim se ri!”

Mas se eu festivo lhe mostrei na face
O que fugace o coração não quiz,
Eu ouço um grito, que do imo d'alma
Me rouba a calma, me suffoca, e diz:

“Fragil mancebo que te ris, enquanto
Que espinhos — pranto — pelos olhos vão,
Guarda da sorte de teu pai lembrança,
Chora criança, não te rias, não!

“Vê que elle arde n'um braseiro vivo,
Pobre captivo de um tyranno á fé,
Põe á teus olhos seu fiel retrato
No roto fato que o d'escravo é.

“Olha, quem sabe lhe serão tormentos
Esses momentos em que aqui folgais;
Pensa nas dôres que teu pai lá sente,
Chora innocente, não sorrias mais!”

E eu sempre mesmo, taciturno e mudo
Procuro em tudo da esperança o céo,
Caminho, fujo, do praser, do chiste,
Rasgando triste da alegria o véo.

E ao pai, saudades, languidez e pranto,
Dorido um canto o coração traduz;
E eu vou prostrar-me na deserta ermida,
Pedir sua vida pelo Deus da Cruz!

Se busco hypocrita encobrir no rosto
Este composto de doçura e fêl,
Mostro nos labios alegria ás vezes
Mas sorvo as fezes de um soffrer cruel!

Então do mundo, no fervor da festa
Subito a testa se franzindo vai,
E eu ouço um grito, que me rouba a calma,
Do imo d'alma suspirar — Meu Pai!

Porto Alegre — Fevereiro — 1868.

F. Antunes Ferreira da Luz.

—o-O-o—

ESBOÇO BIOGRAPHICO

A provincia do Rio Grande deve sempre ufanar-se de ter sido a patria de D. Delfina da Cunha, uma das mais distinctas poetizas brasileiras já por seu brilhante éstro, já por sua elevação de espirito, sobrepujando á desventura, que, tomando-a no berço, foi-lhe guia até á sepultura.

Coração cheio de doces sentimentos, alma repassada de uma tristura infinda, D. Delfina da Cunha modulava carmes que bem exprimão pezares.

Era uma infeliz talvez, que, não podendo vêr o recamo do céu e das campinas, exhalava suspiros, que gemião com as brisas embalsamadas, e ião transformar-se em hymnos de adoração aos pés de Deos.

—oOo—

Nasceu D. Delfina da Cunha em a estancia do Pontal, de S. José do Norte, em 17 de Junho de 1791, sendo seus pais o capitão-mór Joaquim Francisco da Cunha Sá e Menezes e sua mulher D. Maria de Paula e Cunha.

Aos 20 mezes de idade, quando a provincia assaltada pela epidemia das bexigas, D. Delfina, ferida pelo terrivel flagello, tinha as faces humedecidas pelo angustioso pranto de seus pais, que em fervorosos votos, e curvados sobre o seu berço, pedião á Deus a salvação d'aquella que lhes era doce consolo na vida, e objecto de seus mais puros affectos.

Deus ouviu as preces cordiaes que a seus pés subião, e a infeliz creança ergueu-se, tendo na frente a luz divina da inspiração.

Mas a doença terrivel quiz deixar vestigios de sua passagem, privando da vista a infeliz apenas no despontar da vida.

Era uma magoa profunda a dilacerar-lhe o coração revestido de sublimes virtudes, e por certo a causa da doce melancolia que repassava os seus versos.

D. Delfina da Cunha, tacteando nas sombras de uma noite eterna, consolava-se nos cantos que produzia como um reflexo de sua alma.

Foi uma de suas primeiras composições o seguinte soneto, em que traduzem-se os pezares que lhe ião no coração:

Vinte vezes a lua prateada
Inteiro rosto seu mostrado havia,
Quando terrivel mal que já soffria,
Me tornou para sempre desgraçada.

De ver o céu e o sol sendo privada,
Cresceu a par de mim a magoa impia;
Desde então a mortal melancolia
Se viu em meu semblante debuxada.

Sensível coração deu-me a natura,
E a fortuna cruel sempre comigo,
Me negou toda a sorte de ventura.

Nem sequer um prazer breve comsigo;
Só para terminar minha amargura
Me aguarda o triste sepulchral jazigo.

Que harmonia, e ao mesmo tempo que tristeza!
Mas era natural; não lhe bastava a luz do genio, era mister a luz
da vista que a desgraça lhe arrebatára.

Ella ouvia o sussurro dos regatos, o segradar das brisas por entre as flores, e o modular das aves; mas não via o esmeraldino das campinas, o brilho do sol e das estrellas, a placidez dos lagos espelhando o azul dos céos, o magestoso enfim da natureza.

Se a sua imaginação ardente esvoaçava ás vezes em rebrilhos, também subito tombava, assaltado o espirito pela idéa da desgraça que a ferira.

D. Delfina era uma poetisa-genio, não via o que cantava, e no entanto dedilhava doces accordes em sua lyra de oiro.

Sonhos mimosos poavão-lhe, talvez, o espirito de imagens seraphicas, que lhe inspiravão, e então cânticos singellos desprendião-se de seus labios.

A's vezes, como que esquecendo pezares, ella começava a cantar com o riso no coração, e remontava-se fagueira rompendo o espaço; mas logo esvaecia-se aquelle riso ao grito doloroso da alma, debatendo-se aos vendavaes do infortunio.

Além da tristura que a acompanhava, D. Delfina da Cunha, passou em 1826 pelo dissabor de perder seu pai, golpe que renovou-se em 1833, pelo fallecimento de sua boa mãe.

Mais deserto assim seu coração, e pungido pela saudade filial, exhalou doridos suspiros, ungidos da mais doce melancolia.

Disse ella em sua justa lamentação:

Foi perdendo-os, que eu vi, que nada via,
E assim, duas vezes de meus olhos
Vi sumir-se essa luz maravilhosa,
Essa luz, que procuro, e que não acho...

D. Delfina tendo implorado a clemencia do Sr. D. Pedro I, assim se dirigio áquelle monarcha:

Quem te falla, senhor, quem te saúda,
Não vê raia de Phebo a luz brilhante;
Dá-lhe pio agasalho um breve instante,
Seu fado imigo, em brando fado muda:

A sustentar o peso assás lhe ajuda
De uma vida que á morte é semelhante,
Não chegue ser afflicta mendigante
Quem um tal protector roga lhe acuda

E' por ti que eu espero ser contente
E supponho, senhor, que não me iludo,
De tua alma a piedade está patente:

Que tenho em Pedro, o grande, um fort'escudo,
Creio, folgo, e affirmo affoutamente,
Que és pai, és bemfeitor, és nume, és tudo.

Alcançou uma pensão em attenção aos relevantes serviços prestados por seu pai na carreira das armas; e pouco tempo depois deste facto, ella publicou as poesias offerecidas á suas patricias, e cujo prologo é este:

Em versos não cadentes, ó leitores,
Vereis os males meus, vereis meus damnos;
Da primavera as galas e os verdores
Não forão para os meus primeiros annos.

Mesmo na infancia a exp'rimentei rigores
De meus fados crueis sempre inhumanos,
Que só me destinarão dissabores,
Meus males revolvendo em seus arcano.

Sem auxilio da luz que o sol envia,
Versos dignos de vós tecer não posso;
Desculpai minha ousada phantasia.

Com estes cantos meus, mórtaes, adoço
A magoa, que o meu estro só respira;
Se merito lhe dais, é todo vosso.

Tendo rebentado a guerra civil na provincia, e que durou 9 annos, derramando inutilmente o sangue brasileiro, foi D. Delfina obrigada a procurar um asylo no Rio de Janeiro, onde já havia estado por occasião de dirigir-se ao Sr. D. Pedro I.

Ali conservou-se por algum tempo, sendo-lhe dispensado sempre bom acolhimento.

Voltou de novo á provincia, onde pouco demorou-se, emprehendendo outras viagens ao Rio e á Bahia.

Aqui fez ella duas reimpressões de suas producções poeticas, entre as quaes sobresaem — a em que celebra o triumpho da independencia nacional, a em que canta os favores que recebera de D. Pedro, a em que retribue os encomios que lhe tecerão os poetas seus contemporaneos, e outras.

A breve noticia que escrevemos sobre D. Delfina, cognominada vulgarmente a — Cega — não nos permite dizer mais; e mesmo quando o tentarmos fazer, faltar-nos-hião dados, aliás difficeis de obter. Valeu-nos agora o livro — Brasileiras celebres, do Sr. Joaquim Norberto de Souza e Silva, que a respeito desta brasileira pouco diz.

Concluimos, pois, citando a data do fallecimento da insigne poetisa o qual teve lugar no anno de 1857.

Araujo e Silva.

O VAQUEANO.

(NARRATIVA)

XVII.

A GAVOTTA FATAL

Seguiu-se um baile.

A familia de Capinchos compareceu com outras dos arredores. Rosita tinha então quinze annos.

Jámais pubescencia radiára com tanto viço e frescor ao sol da vida. Não era dessas figuras aéreas de nossas cidades, que tão appropriadamente os poetas de hoje, sem sabel-o, chamão visões vaporosas. Não, n'ella havia a belleza physica em toda a plenitude; contôrnos cheios, guardando a mais exacta eurithmia em suas partes e a flexibilidade da creciuma n'um porte de palmeira. A fina cutis transparecia reflexos roseos e não o morbido pallor, que hoje faz o encanto de tantos olhos degenerados e myopes. Era uma criação que destacaria esplendida do cinzel d'um Scopas ou da téla d'um Praxiteles; o typo da serrana riograndense que traz em si a pureza de linhas no perfil como o ar que respira-se nas cordilheiras.

Porém, nos olhos é que ella vivia e reconcentrava toda a alma, intelligencia, graças, pudor, donaire e vida; nos olhos tão meigos e melancolicos, velados pela sombra d'uma scisma, quando vagueiavão após o indefinido e dubio de um sentimento, que ella ainda não conhecia; tão mimosos, castos, risonhos e travessos entre as galas florescentes dos quinze annos; tão esmagadores, soberano, terriveis e deslumbrantes, se traduzião as tempestades de seu coração!

Valia a pena possuil-os!... Quem não amaria o poema cujas estrophes fossem dias de ventura? A cadêa, cujos élos fossem grinaldas de balsamicas flores?

Eis a linda moça com que já ao principio travamos conhecimento! Quão differentes não são os periodos!? Que distancia entre ambos!? Como a vemos e como vimol-a!? Aqui ala nas azas doiradas de um sonho para as devesas do infinito, o provir é a nuvem rozicler que baloica á viração matutina, a existencia é um sorriso de anjo; lá, o coração geme ao peso de uma realidade tremenda, desabrido tufão encapella o temporal n'um céu de bronze, a esperanza aponta-lhe um tumulo, como o marco de repouso.

A historia de sua felicidade foi curta, como vão vêr.

O baile esteve animado. O véo da tristeza, se velara ali algum semblante, breve cahio.

A dansa porventura espedaçou-o em seus vortices rapidos e doidejantes.

As violas, machêtes e duas flautas espairecião os animos em cada retornello, em cada nota desferida. Os tocadores gradativamente forão

tomados de entusiasmo, e arrancavam á porfia dos rudes instrumentos melodias em delirio.

Campava o fandango em suas multiplas especies, e como novidade da epocha a gavotta, que nascera na opera franceza no seculo anterior e fôra depois preparada para os salões por Gardel. Quando a Europa cançára de ouvir e vêr a interessante combinação choreographica, ella fez sua entrada na America.

O baile, em que todos tomavão parte, interrompia-se, só o cavalheiro e a dama, que ião executal-a, ficavão no meio da sala.

Avençal dansando-a com Rosita tivera uma noite de triumphos. Que lindo par, disserão a uma voz, quando os virão a primeira vez. Como todos os olhares convergirão sobre elles, os devorarão!

E como ião bem, encetando-a com o passo de minuête grave e tristonho, seguido de um movimento ao principal lento, augmentando pouco a pouco até o meneio delirante, a florêta febril, a alegria no auge?!

O moço n'aquelle momento esquecera as idéas sinistras, que o preocupavão de ordinario para voar no turbilhão da insania!

Os odios do mundo esvaecerão para fazel-o gosar fruições celestes, raras na existencia, por isso mesmo mais preciosas.

Ambos no arroubo dos sentidos agitavão-se em louco prazer. A face ardia-lhes purpureada pelo exercicio, os seios arquejavão de fadiga voluptuosa.

Durou um quarto de hora.

Quando terminarão, cubrirão-n'os de applausos.

Só Moysés não bulio.

A um canto vira com mãos olhos, o que o proprio Amaral approvava.

O mulato não abandonára de todo as suspeitas sobre o ex-poseiro. Se nunca ás communicára a outrem retido pela duvida, não era porque a mesma antevidencia não lhe sombreasse a fronte. Uma voz intima lhe dizia: se algum dia descobrisse o bandido que trucidára a familia de Avençal, não seria outro senão Capinchos. Talvez prevenido porquanto este o fizera alvo de analoga accusação.

— O rapaz é capaz de arrastar cambão pela Rosita, reflectia Moysés, e se o pai é o tratante do assassino, elle a refugará ante a idéa de matal-o, como diante de um casamento. Careço de affastalo de tal gentinha de minha quisilia; trago-a sempre pelo gasnete...

Terminado o sarão, quando preparava o arrasoado para indispor o moço contra Rosita, uma india veio referir ao guayacanans que a taba tinha sido assaltada na vespera por uma tribu do norte, que lhes levava os utensilios, mulheres e filhos.

O grito de guerra dos selvagens sôu, e o mulato teve que partir com os irmãos da floresta.

Quasi um mez decorreu até á volta.

O que desconfiava, aconteceu.

José de Avençal e Rosita amavão-se até o delirio. Rútila inflorescencia que viçava com toda a ceiva do affecto, toda a vitalidade da paixão n'aquellas almas virgens e innocentes!

Attracção que os unia uma vez para não separal-as jámais, amor primeiro e unico que devia ser infeliz pelos erros dos antepassados!

Amavão-se, consubstanciavão-se n'uma só entidade, vivião por um mesmo pensamento, as mesmas aspirações e sonhos!

Pobre crianças!

A primavera é bella, mas o futuro é negro!

Emquanto as nuvens presagas, d'onde pende o tufão, não o des-

prenderem, aproveitem as migalhas da ventura, corraõ o prado da vida, colhão suas flores, entrancem-n'as aos cabellos... amanhã será tarde, o vento virá, e heis de vê-las esfolhadas em volutabros, tristes e flaccidas!...

Pobres crinaças! Nem vêm o que já se passa em torno!

Capinchos, cujo rosto á chegada de Avençol ficava a nuviado e taciturno, agora andava satisfeito. Já fallava no proximo casamento de ambos, affirmando que semelhante alliança constituia para elle a suprema felicidade na terra.

Moysés não menos sobrio.

Felizmente vendo os negocios mal parados, não quiz turbal-os nos castos devanêos.

Poupou-lhes por algum tempo o travo da taça amarga que tinham de prelibar.

Em retorno exigio um juramento sobre uma sepultura.

Farão testemunhas no acto terrivel e solemne: Deus, a consciencia, o mulato e os espiritos evocados da outra margem da existencia: a eternidade.

— Juro, pronunciou calmo e firme, que esta mão, meus queridos pais, meus innocentes irmãosinhos, não desposará a Rosita, o que mais amo na terra, sem tê-la lavado d'uma nodoa.

— Basta.

E ambos abraçarão-se.

Em seguida vergarão o joelho sobre á terra da campa, e os labios pronunciarão fervorosa oração emquanto as palpebras installavão fio a fio serenas lagrimas de saudade.

Pelo dorso da mata perpassou um arrepio.

Um caboré, cortando o ar, soltou um guincho dolente.

O mais continuou como sempre.

No mesmo dia chegou um mensageiro da parte de Amaral.

O cavalheiro enviava muito saudar e a recommendação especial de não aviar com os negocios da familia, sem que elle tomasse parte ao menos, como testemunha.

Os negocios de familia não erão a vigança ha tanto preparada.

XVIII

A MARCA DE CAPINCHOS

Estava-se em 1827.

Era por uma noite de procella. O ribombo dos trovões augmentava de intensidade nas cavernas e profundezas serris, a chuva cahia em grossas bâtegas, que irão açoitar phreneticamente a casa da estancia, e a rajada do vendalval tinha escassas intermittencias. A terra convulsava ao clarear incessante dos ralampagos. Era a epilepsia da natureza! O pandemonio transmutado para a Vaccaria.

Torrentes espumeas, levando de envolta troncos e rochas, despeñhãvao pela rampa dos morros, colleavão em catadupas pelos convalles e desfiladeiros, e frementes e rapidas arrojavão as vagas da innundação sobre as uberrimas pastagens.

A abobada do céu era de uma phosphorencia áeslumbrante e assustadora, cuspindo, a raros intervallos, um chuveiro de faiscas electricas.

No entretanto um homem desvivía fóra daquelle tumulto. Na sala recostado á mesa, alheio a quaesquer sensações transmittidas do exterior, em intimo recólho d'alma, elle transbordava de prazer na

contemplação de uma imagem que havia-se encarnado em sua pessoa. Elle, com os cilijs semi-cerrados em doce languidez a via destacar dentro da retina; a sentia unida a seu coração, tão unida como dois cactos gemeos, como dois raios de uma mesma estrella, duas petalas de uma mesma flôr.

A imaginação o arrebatava do mundo em suas azas coloridas e o deixava entrevêr — uma mansão de felicidade celeste ao lado do anjo que lhe absorvia todos os sentidos.

Baterão de rijo á porta, e antes que o despertassem, foi necessario repetir as pancadas por varias vezes.

Ergueu-se ao ruido, sacudio os anneis de cabello derramados sobre a testa e foi abrir.

— Que noite horrivel! Quem será capaz de andar a taes deshoras e com um temporal d'estes?

Correu os ferrolhos.

A lufada escancarou os batentes.

O mulato, que ha muito não lhe apparecia, surgiu entre os umbraes, entrou e arremessando de si o ponche talar impregnado d'agua, cingio com ternura o mancebo.

— Com tal tempo, Moysés?

— Cumpro um voto, Avençal, respondeu com solemnidade.

— Qual?

Não obteve resposta.

— Eu te quero como um filho.

— Tenho bem vivas provas...

Elle atalhou-o:

— Isso não! que não pude dar ainda como sinto aqui, e poz a mão sobre o peito. Sabes o que recorda esta sala?

— Um crime que clama vigança

E uma ligeira sombra turbou-lhe o rosto

— Pois bem, o pé no estribo e avante!

— Descobriste! Interrogou com impetuosidade.

— Sabes que teu pai, se morreu, foi fóra d'aqui.

— Sei.

— Uma viagem?

— Perto, umas cincoenta quadras.

Com escuro partirão. O tempo estiava e promettia um bonito dia.

Breve deixarão o campo e sumirão-se sob o docel da folhagem pendente em laçarias que gottejavão brilhantes á luz matutina.

Irão silenciosos, embebidos em negros cogitares.

Em torno tudo respirava alegria.

Após uma noite tempestuosa, nada ha de comparavel ao albor da bonança. A vegetação, que aberta, retoma mais viço e esmeraldino esmalte, mais espalma e estende as ramas; o chilro dos passaros tem mais frescura e melodia; é o idyllio grandiosos da natureza, que se espande depois de uma espasmo de terror.

O sol já marcava seis horas, quando chegarão junto a uma cangirana secular.

— Aqui, disse o caçador.

Pararão.

No chão havia grande parte de um esqueleto. Faltava-lhe o lado direito desde o femur.

— Eis os restos de teu pai.

O moço curvou-se reverente, orou.

Moysés fez outro tanto.

Igual motivo os unia.

A prece no sertão é sublime. Parece que Deus deve ser mais visível no espectáculo maravilhoso da criação. Crê-se hia ali que cada folha, cada brisa, cada volátil, murmurarão seu nome em mystico segredar, cada gotta espelha sua immensidade. Quantas vezes o homem a sós, no regaço da floresta, não ouve ruidos indefiníveis, que elle não pôde adunar no espirito a coisa alguma conhecida? Ora, suave cicio, como a nota de uma harpa eolia a prurir-lhe a alma; ora, um som profundo e mysterioso a premar-lhe o anhelito no labio? Sempre como uma voz que faz vibrar-lhe as fibras do sensorio, uma por uma, chamando-o a cogitações transcendentes sobre o immaterial?

Quem falla nas solidões?

D'onde vem o mysterio que recolhe a alma nas mais reconditas dobras de sua essencia?

Porque essa especie de respeito, melancolia e terror, que nos possue sob o pavilhão viridante das selvas?

Não será a intuição do infinito?

O mesmo phenomeno moral que observamos nos vastos plainos do mar, quando aos pés temos os abysmos imprescrutaveis das aguas, e sobre a fronte os abysmos sem fim do firmamento?

Por isso cremos não ha templo, onde a oração seja mais sincera e mais ouvida.

Em nossas cidades, estabulos em que se embotão as santas crenças e os ternos sentimentos, o labio balbucia geralmente o que não sente o coração. Dos fieis que enchem o recinto de uma igreja, poucos resão com unção, os mais satisfazem as conveniencias sociaes cumprindo authomaticamente as fórmulas de uma etiqueta. O culto das cidades, nos tempos que vão, é uma mentira, uma profanação consequentemente. Tambem o Senhor não se mostra nos fôcos de egoismo e hypocrisia; não tendo levitas, nem adoradores. — deixa os rebanhos contaminados pela febre do oiro, pelo virus de interesses reprovados, e deixa-os para não vê-los escravos de si, dos vicios e do crime...

Vae receber o voto das almas como Avençal e Moysés.

Erguerão-se os dois homens bastante commovidos.

Moysés mostrou uma veronica de metal no torso do esqueleto.

— Eis o como o conheci. Sabes onde foi ferido? No coração traçoeiramente. E tirou d'entre as duas costellas uma faca cravada até o cabo. Apenas shio este, o ferro estava carcomido pela ferrugem.

— Enterremos os ossos e mostrou á Avençal uma cova feita.

O moço preencheu para com os despojos paternos as ultimas honras funebres, resoluta, porém, sem dizer palavra. O mulato afastou-se por espaço, voltando logo. Trazia a femur e a ossada da perna e do pé.

— Alguma féra levou-os de certo, para longe.

Cheia de terra a cova, puzerão sobre um cruzeiro tosco de madeira, de antemão preparado.

Avençal estendeu o braço para o symbolo das rendenções e deixou cahir com ligeira emoção estas palavras:

— Meu pai, mais tres dias, o teu assassino não verá o sol nascer.

Voltou-se para Moysés:

— Agora partamos... Antes diz quem foi elle... Quem foi?

— Vês isto? E indigitou-lhe um esqueiro meio soterrado no solo e oxidado pela acção do tempo. Tomou-o no chão e entregou-o juntamente com o cabo da faca, que era de chifre com rudes lavores.

— Então?

— Continuemos.

— Moysés!?

— Ainda mais provas heis de ver.

Continuemos.

Devararão mais algumas dez braços.

Moysés parou. Fez-lhe vêr um novo objeto, que pelos vestígios mostrava ter estado também encravado na terra. Era uma enorme chilena de prata.

Entregou-a ao moço, que o contemplava como quem não o comprehendia.

Retrocedeu, sem responder-lhe á muda como quem do gesto, e em igual distancia da cangirana, na parte opposta, colheu um fragmento de páo, um tanto eivado e se mcôr distincta.

— Era de cotia, disse, foi cabo de rêlha, a acoiteira apodreceu, eis o baraco em que entrava o tento e ali está a argola. Gil de Avençal foi batido primeiro com isto... aqui... A bordoadá atordoou-o e depois chegou a vez da faca... Sim, foi aqui... pela banda de lá, fugio... E emmudeceu vergando a frente.

— Ainda não?

O caçador fallou grave e pousadamente:

— Ha cinco dias fiz a descoberta que vês, meu amigo, meu filho... Passei muito, por perto desta arvore e nada via... As provas do crime estavam escondidas debaixo de galheira secca e troncos atravessados. Descobri por um bamburro. Eu corria uma anta. O animal na carreira desembestada levou a madeira por diante e deixou-me vêr a ossamenta. Mas eu tremo em dizer o nome de quem...

Foi interrompido por uma explosão:

— Não sou nenhuma criança, Moysés! Se vivo, sabes bem para que é.

— Então...

E vacillava.

O' falla, por Deos!

— Tens na mão o nome... No cabo da faca e do rêlho, no esqueiro e na chilena... Olha a marca... Coragem, meu irmão!...

O moço reparou, desprendeu um grito desesperado e terivel, abraçou-se ao estipite de um coqueiro, porque os olhos se empanavão na vertigem ao estalar do coração, e cahio nos braços de Moysés.

A marca era a mesma que tinha o gado de José Capinchos.

XIX

A CANGIRANA FUNERARIA

Tres dias depois vamos encontrar Avençal, pallido como um morto, em sua estancia.

Era uma mumia do que fôra.

A commoção moral o transformára em curto lapso. Ha um quê de avelhentado n'aquelle corpo no esflorir da juventude, uma ou outra plica já se esbóca nos braços hontem cheios de frescor e vida, hoje sombreados por um desalento precursor da morte.

As velhices prematuras são como os fructos lampos, trazem no seio acético amargume, que transparece na pallor da epiderme.

O moço está a espera de alguém.

Pelas quatro horas da tarde ouviu-se o chouto de um cavallo. Elle chegou á janella. Um ancião de barbas brancas e longas, cutis tostada com vincos profundos e verticaes no esvão da sobrançella, olhar vi-

perino, nariz adunco como o do caracará, apeou-se do animal, onde os arreios desde a badana até a carona iriavam mil fulgores de finas pratas. O rabicho, o freio, a testeira e as cannas das redeas de delicada lonca, não carregavam menos thesouros.

Era José Capinchos.

Fizerão mutuos cumprimentos.

— Entences, que retirada de nossa casa, Avençal? A Rosita não está muito ás boas contigo... Não queres deixar mais a querencia?

— Não é; vou partir. O cavalheiro de Amaral está em perigo de vida. Inimigos poderosos o rodeião. Vou partir e quem sabe se voltarei!? Moysés acompanha-me, por isso retiro-me entregando-lhe a administração da estancia.

— Mas que tu tens lá com os negocios dos outros?

— Amaral foi um pai que deparei. Minha vida e haveres pertençam-lhe, desde que os queira.

— Faz o que te bacoreja o coração; porém e o casamento?

O moço empallideceu, mas com esforço heroico respondeu sem titubar:

— Nada arreceie. Se parto, deixo a alma aqui. Tenho um thesouro occulto ali na serra, e como posso morrer vou confial-o...

— Um thesouro?! E os olhos lampearão.

— Ouro em pó, e fitou-o com penetração.

— Em negocios de viver e morrer...

— O Sr. ficará meu herdeiro universal... Espere-me enquanto vou desenterrar-o.

— E' longe? perguntou.

— Não muito, uma legua.

— Vou contigo.

— Para que incommodar-se!

— Vou, é perto. Era boato antigo que teu pai tinha panellas enterradas com immensas riquezas.

— Sabia?

— Por ouvir dizer.

O espirito do ex-posteiro soffria uma revolução, que se revelava nos traços e lhe fazia ir machinalmente affagar o cabo de prata de uma faca terçada na cinta.

Miseravel creatura! Talvez estivesse pensando em matar o filho de sua victima; algoz desapiedado!

Ambos montarão a cavallo. Avençal carregava uma enxada.

Chegando na ourela da mata apoiarão-se, pozerão a maneira nos animaes e desaparecerão.

O moço percebia nos gestos de Capinchos máos designios, prece-deu-o, mas guardando distancia.

Pararão. A noite havia descido. O velho sentia calafrios, os cabellos se lhe erriçavam na cabeça.

Avençal fez ponto de respaldo no tronco da cangirana, arrimou-se a ella com o coração aos impetos.

Capinchos, tacteando a treva, tocou a cruz. Estremeceu e perguntou em tom de terror:

— Onde estamos, José?

— Sobre a sepultura de meu pai, salteador!

A floresta illuminou-se de subito aos clarões de muitos fachos. Ninguém appareceu; no entretanto, se fossem procurar, encontrarião no cimo das arvores, nos esgalhos, atraz dos troncos, acorados em toiceiras de arbustos, suspensos em cipós, deitados no chão, indios cujos arcos alvejavam no peito de Capinchos.

do coração, ao vêr aquelle ministro de Deus, cuja voz não podia ter soffrido alteração, e cujo semblante era o de Severino de Albuquerque.

Eis o que pensamos:

Pedimos ao Sr. Magalhães que nos desculpe o que fica dito, e creia que não exaramos a nossa opinião por engrandecer-nos; nos reconhecemos bem pequenos em materia tão difficil.

Basta. Estão escriptas vinte e duas tiras, e sem termos dito talvez cousa alguma; acontece d'isto ás vezes; mas o que podemos assegurar é que, se deu-se o facto, é culpa da nossa intelligencia, pois nem todos calção pela mesma medida e além d'isso não pôde produzir boas flores um terreno que é máo.

A. e S.

ACTA

3.^a Sessão ordinaria em 7 de Fevereiro de 1869.

Presidencia interina do Sr. Affonso Luiz Marques.

A's 8 horas da noite, presente 12 Srs. socios, e tendo-se recebido communicação do Sr. presidente effectivo de achar-se enfermo, pelo que não podia comparecer, abriu-se a sessão.

Foi lida e sem debate approvada a acta da antecedente.

Foi lido o expediente a cargo do 1.^o secretario.

Forão aceitos 3 socios effectivos.

O Sr. Sá Brito requereu demissão dos cargos para que fôra eleito, allegando para justificação de sua resolução os seus multiplos affazeres. A casa rejeitou por unanimidade de votos o requerimento.

Não tendo havido leitura de producções dos socios, passou-se á

2.^a parte da ordem do dia.

O Sr. Arthur de Lara Ulrich leu o seu parecer sobre a these philosophica: "A guerra tem sido ou não util á humanidade?"

Orarão o autor e os Srs. Appollinario e Achylles; ficando a discussão adiada pela hora e com a palavra o Sr. Affonso Marques.

Quando se discutia o parecer, compareceu o Sr. Pedro Antonio da Silva Horta, que occupou a cadeira da presidencia; e depois de dar para ordem do dia a discussão da referida these, levantou a sessão ás 9½ horas da noite.

O 2.^o Secretario,

Aurelio V. de Bittencourt.

ERRATA DO N.º 4

Correspondente ao mez de Junho.

Paginas	onde lê-se:	leia-se:
3	sapucarlina	sapucairana.
"	perbustou	perlustrou.
4	voltigar	voltijar.
5	adornada	adormida.
5	Architas	Archias.
5	lhe quebrar o corpo	lhe quebrar o corpo.
6	antithenaliene	antithese saliente.
6	retulava	revelava.
6	enturmecencias	entumecencias.
6	gesto declaratorio	gesto declamatorio.
7	em se quer	sem se quer.
7	limpava assim	limpava o suor assim.
12	nem mesmo eu sei	nem mesmo o sei.
12	a um grão tão só,	a um só grão.
12	meu ser todo no olvido	meu ser todo no ouvido.
13	contra o Senhor	contra Deus.
13	a mente encerra	a morte encerra.
13	a uma praia gelida	erma praia gelida.
13	caligens	caligens.
14	as encerra	os encerra.
24	nenhum tocava-as	nênhuma tocou-as.
25	chuvas de balas cubrira	chuvas de balas cobrião-nos.
26	encandeava	prendia.
30	e seu corpo	e se seu corpo.

REVISTA MENSAL
DA
SOCIEDADE
PARTHENON LITTERARIO

1.º ANNO. — AGOSTO DE 1869. — N.º 6.

—o-O-o—

TYP. DO JORNAL DO COMMERCIO
PORTO ALEGRE

1869

COMISSÃO DE REDACÇÃO

Vasco de Araujo e Silva.
Appollinario Porto Alegre.
José Bernardino dos Santos.
Aurelio V. de Bittencourt.
Nicolau Vicente Pereira.
Hilario Ribeiro de A. e Silva.

REDACTOR DE MEZ

Aurelio V. de Bittencourt.

DUAS IRMÃS

(Conto Moral).

A' JOVEM TYMIRA F. DA SILVA.

I

Amelia e Lucilia são duas moças, bellas como os amores.

Alberto da Cunha, seu pai, já na idade em que todas as aspirações do homem se voltão para a outra vida promettida nos livros santos, era obrigado a frequentar a alta sociedade, á cata de marido para as suas filhas.

Ataviava-as ricamente, para que despertassem a attenção.

Em casa, nos bailes, nos passeios, nos theatros, em toda a parte, brilhavão sempre as duas beldades, tendo constantemente em roda, como se pôde comprehender, uma multidão de adoradores.

Poetas, advogados, jornalistas, funcionarios publicos, negociantes, cada um queimava o seu grão de incenso junto áquellas moças, por todos divinizadas.

Amelia morria por essa côrte; vel-os todos a elogiar-lhe os dotes d'alma, que nenhum conhecia, a belleza fascinadora, os olhos negros, a boca pequena, o nariz curto e arredondado, a pennugem que lhe bordava os labios, a delicadeza do pé guardado n'uma botina de setim e por fim o gosto da *toilette*, eis no que consistia toda a sua ventura.

Lucilia, ao contrario, parecia sempre triste quando todos folgavão; ás bajulações dos *dandys* respondia com um sorriso secco como de tédio.

Amelia preferiria a tudo o sequito dos lisonjeiros que dizião-lhe viver de sua vida, amar do seu amor; Lucilia, a quem chamavão romantica, manifestava-se pelas paginas de um bom livro, onde pudesse ver exemplos de sã moral.

Quantas vezes não disputavão as duas irmãs a primasia dos seus gostos? Uma amava o prazer que se encontra nos salões do baile, prazer ephemero e perigoso, porque vicia o coração da moça inexperta que se enleva nas phrases e meneios estudados dos galanteadores; a outra preferia o theatro e os livros.

Uma estudava ao espelho o melhor gesto para apparecer em publico e tornar-se agradavel aos moços; a outra, considerando que o seu unico arrimo na terra era o pobre velho que tambem não podia ir longe, tratava de aprender os deveres da mulher em sociedade, sem que tivesse repugnancia ao trabalho.

Sigamos-lhes os passos até o salão do baile.

A orchestra faz signal para uma walsa. A alegria reina entre todos os convidados. Um, dois, tres, muitos jovens vem solicitar de Amelia a honra de seu braço para voltearem pelas salas; este quer ser o seu par, aquell'outro o seu vis-a-vis, Amelia a todos sorria, a todos attendia.

Perguntavão-se dois moços um ao outro, retirados á um canto:

— Aquella moça terá algum sentimento de amor por qualquer d'aquelles que lhe seguem os passos?

— Diverte-se ouvindo-lhes os protestos de amor eterno, e nada mais

— Mas aquellas maneiras estabanadas não ficão bem n'uma menina, não julgas?

— Culpa não é d'ella, que não tem quem lhe refrêe os desregramentos.

— E o pai?

— Ora o pai! repára, eil-o sentado á banca do jogo.

— Pois elle...

— Distrahe-se, meu amigo; pois que hão de fazer os velhos? Trazel-os á agitação das salas, seria deslocal-os.

Em quanto taes commentarios se fazião, Amelia já tinha andado pelo braço de seis ou sete mancebos, que não lhe poderião dizer mais que banalidades.

O que é feito de Lucilia?

O quanto tem de luxuoso o vestido que traja Amelia, tem o seu de simples. Um vestido de musselina branca, sem mais enfeite; e um botão de rosa no cabello.

Está ella sentada, quando Arnaldo Pinheiro vem occupar um lugar vasio que lhe ficava ao pé.

— Não dança, minha senhora?

— Contento-me em observar.

— Permitta que lhe diga que faz mal; está na idade em que o prazer é o unico sonho que nos occupa a mente... Quando todos se entregão ás delicias que nos dá os ritornellos da walsa, porque aqui tão pensativa? Tem algum pesar?

— O de ter vindo aqui!

— Não comprehendo. Dar-se-ha caso que o brilho d'estas luzes, o aroma d'estas flores, o ruido d'esta gente a mortifique?

— Quer saber? Se aqui vim, se frequento os bailes, é que a isso me obriga Amelia. Prefiro a este movimento continuo, incessante, a solidão do meu lar. Lá, sinto infinito deleite relendo as paginas de Magalhães ou Gonçalves Dias; Castello Branco ou Herculano; Pinheiro Chagas ou Cesar Machado; do romance ou da poesia passo ao drama, e leio Mendes Leal ou Lacerda, Alencar ou Assis, P. Guimarães ou Hogan. Longe dos meus livros, vem-me o tedio e a abstração de tudo quanto se passa em roda de mim.

— No entanto D. Amelia é uma perfeita antítese de V. Ex. Veja como se diverte ouvindo aquelle velho.

— Não a invejo, creia. Minha irmã é muito moça, e tudo antevê por entre um prisma seductor: tenho esperança de que ha de mudar. Mas que estou dizendo? Esqueceu que a musica deu signal para uma quadrilha?

— Por ouvil-a, pouco importára esquecer tudo. V. Ex. faz-me a honra...

— Não quero que me chame excêntrica... Vamos.

.....
— Ao sairem do baile, quando no horisonte se desenhavão os primeiros traços do dia, Amelia pesarosa lamentava ser obrigada a interromper um colloquio amoroso que encetára com um gamenho guarda-livros, e Lucilia dava graças a Deus por fugir ás importunações dos officiosos que queriam conhecer o segredo do seu recolhimento.

II

Amelia é esposa de Guilherme Soares.

São passados tres mezes da noite do baile.

Guilherme Soares foi um dos muitos que rodearão-n'a então. D'um vaso de flores collocado sobre um consolo tirou um raminho de alecrim, e offereceu-o a Amelia dizendo que aquella flôr significava firmeza.

A travessa menina recebeu o ramo, deu-lhe um osculo erguendo os olhos ao céu como em extasi e collocou-o no peito.

O moço desde esse instante perdeu a cabeça. Pensou que Amelia só quizera dar-lhe uma prova de preferencia sobre os outros e julgou-se o mais feliz de todos os homens.

No outro dia subia as escadas do velho Alberto da Cunha o negociante Guilherme a solicitar a mão de sua filha.

Amelia foi ouvida, e permaneceu silenciosa enquanto Alberto lhe dizia que o pretendente era um excellente moço, filho de uma familia que tinha remotas ligações com pessoas d'alta linhagem e outras tantas recomendações d'este gosto. Quando ouviu esta phrase — **além d'isso é senhor de uma boa fortuna** — os olhos brilharão-lhe com uma luz sinistra, os labios dilatarão-se-lhe n'um riso satânico, e ella proferiu resoluta: — **Desnecessaria era a minha audiencia; bem sabe que eu não lhe desobedeço!** —

Guilherme, pobre moço! não cabia em si de contente; o coração batia-lhe forte e apressadamente, e como que em delirio osculou as mãos do velho pai.

Como sou feliz, meu amigo, dizia elle a um dos seus confidentes, por possuir um thesoiro tão cubicado e disputado.

No fim de um mez, o casamento effectuava-se sem ostentação, nem mais testemunhas que as pessoas da familia dos noivos.

Dois mezes só decorrerão, e já o desgosto entrou na habitação dos jovens esposos.

Amelia, que passára as primeiras quadras da vida em pura ociosidade, via-se agora forçada a um trabalho rude e continuado desde amanhecer até findar do dia.

Ultimamente Guilherme, desesperado pela má escolha que n'uma hora de tresvario fizera, passára aos maus tratos, obrigando-a ao trabalho á força de exprobações.

Guilherme dirigia uma casa de commercio, para a qual não entrára com capitães, mas tinha parte nos lucros; por conta d'estes gastava como se fôra um banqueiro. e o resultado dos esbanjamentos em coisas de despreveito foi dentro em breve a pobreza.

Dando-se balanço á casa, conheceu-se que Guilherme ainda devia á firma social.

Quando sentia necessidade de alguma coisa e não a podia haver, vingava-se em accusar sua mulher como causa das desgraças que sobre si pesavão; Amelia, alimentando-se das lagrimas, desculpava o marido para accusar seu pai, que a deixára entregue ás proprias inclinações na idade justamente em que lhe devêra formar o coração e preparal-a para entrar na vida positiva.

— Enriquecerão-me a intelligencia; acostumarão-me aos prazeres passageiros que se experimentão no delirio da walsa, nos passeios; vendo a meus pés, supplices, tantos moços a pedir-me uma só palavra de amor, eu que não conhecia o que significava esta expressão, mentidamente jurava a todos que erão os escolhidos de minha alma! Esqueci as reflexões de minha irmã, e por vezes desci á inconveniencia para repellil-a, porque eu não podia aceitar que ella, mais moça, me viesse dizer como me devia eu conduzir na sociedade; fôra viva minha mãe, e ella velaria sobre mim, ensinando-me com a sua autoridade as regras que conviria guardasse. Meu pai disse-me: — estou pobre, velho e cansado, e é preciso que cases; faze a diligencia por achar marido, que eu não descurarei procurar-t'o! E hoje, n'esta minha longa agonia, ninguem me ajuda a sobreir o calice amargo, nem uma só voz amiga me segreda ao ouvido: — **resigna-te!**

Guilherme passa os dias a considerar nos meios de sustentar sua mulher; sem credito no commercio, aguarda por algum outro emprego,

e emquanto isso, vai empenhando as joias que lhe trouxe Amelia!
Infelizes entes! Um desespera á falta de recursos; a outra chora á
força do soffrer.

Dolorosos transes!

III

Arnaldo Pinheiro ficou encantado dos sentimentos de Lucilia no
baile.

Tomando mais detalhadas informações á seu respeito, soube que a
virtude era uma de suas mais nobres qualidades; tornava mais singela
o seu *toilette* afim de poder comprar livros e distribuir esmolas aos seus
pobres.

Uns chamavão-n'a — a romantica; — outros — a rolinha; — Lu-
cilia tinha o genio docil, e a todos tratava com uma delicadeza de cap-
tivar.

Arnaldo solicitou a mão de Lucilia.

A' consulta de seu pai, pediu permissão para reflectir por alguns
dias; é que tinha presente o exemplo de sua irmã, tão infeliz pelo pou-
co escrupulo na escolha.

D'ahi a dois dias Lucilia accedia ao pedido de Arnaldo.

— Meu pai, vejo que cada vez mais se dobra ao peso da velhice
e da enfermidade; se a mão da fatalidade me ferisse agora, roubando-
m'o ás minhas caricias, não sei se poderia resistir ao golpe. Só na terra,
sem asylo, sem protecção de ninguém, a miseria viria tomar-me em
seus braços; se minha irmã houvesse sido feliz, na sua companhia es-
taria á coberto das precisões diurnas. Reflecti bem, portanto, no par-
tido que se me apresenta: — ama-me com um amor sincero, puro, que
lhe vem do intimo do coração — serei digna do seu amor; em vez dos
bens da fortuna, das commodidades que o dinheiro offerece, pede-me
auxilio para ganharmos ambos o nosso sustento — a minha resposta é
a seguinte — aceito! Ha, porém, um additivo á minha resolução; meu
pai ha de ir viver em nossa companhia; os nossos cuidados hão de res-
tabelecel-o, e se é possível, dilatar-lhe os dias de vida.

O bom velho chorava de contente; beijou-a na fronte e abraçou-a
com todas as suas forças.

Arnaldo aceitou com prazer o additivo e prometteu adoptal-o.

Alguns mezes depois Lucilia e Arnaldo ligavão-se aos pés do al-
tar pelos laços do matrimonio.

De manhã vai á sua repartição, á tarde lê para distrahir seu sogro.

Dispensa ao sogro e á esposa todos os carinhos, e tudo envida para
que uma só nuvem de tristeza não lhes paire no rosto!

Reina a felicidade na habitação do pobre!

Lucilia com justa razão se julga a mais feliz das mulheres, e to-
dos os dias agradece a Deus a ventura que desfructa na posse de um
marido que a ama estremecidamente.

Arnaldo julga-se feliz por viver do amor de um anjo, que com os
seus affagos lhe entorna a felicidade n'alma.

Alberto abencôa os seus dois filhos e pede para elles o auxilio cons-
tante de Deus.

IV

São passados tres annos.

Lucilia vive feliz, tendo já um filhinho, loura e bella criança, que
faz os encantos do avô.

Amelia, a pobre Amelia, definha a olhos vistos; o desgosto, os sof-

frimentos, a tem abatido muito; quem a visse agora, desconhecel-a-hia por certo.

Arnaldo retempera as forças no trabalho; Guilherme, expellido da sociedade honesta, espera que o pai lhe morra para haver a herança dos seus bens.

Tinhão os genios differentes; tiverão desiguaes destinos na terra!

V

A moralidade do conto que acabou consiste no seguinte:

As moças não devem escolher os maridos pela fortuna que porventura tenham; antes de tudo devem indagar da nobresa dos seus sentimentos, do conceito em que a sociedade os tem, e só aceital-os por maridos quando tenham a prova evidente e irrecusavel de que são verdadeiramente amadas.

Foi desgraçada a moça que deslumbrou-se ao brilho da fortuna aparente d'um negociante; a felicidade bafejou a outra que guiou-se pelas inspirações do coração.

Agosto de 1869.

Aurelio de Bittencourt.

—o-O-o—

RECORDAÇÕES

Era Setembro...

Lembras-te, Emma?...

As laranjeiras em flor espargião perfumes, os sabiás canoros dedilhavam amenos modilhos, as christalinas cascatas sorrião-se amenizando cantos, os colibris osculavão-se, as borboletas adejavão junto aos nevados jasmims e as auras no perpassar dizião — Setembro —...

Salve! tres vezes salve a primavera dos pampas de meu sul; salve! ella que dá echos ás serranias e vozes aos rouxinões da patria...

* * *

Lembras-te, Emma?...

Na alfombra da esmeraldina veiga, nós reclinados fitavamos esse céu de chrysóes, essas nuvens alvinitentes como a graça do Uruguay, e essa tela do sublime, bello e grandioso — a natureza...

E nós sorriamos...

Emma, sorriamos... porque a infancia só tem sorrisos...

Escutavamos os garganteios dos gaturamos, o pepitar das rolas, os trinos amorosos das juritys...

Tudo era madrigaes de amores...

E nós, também, filhos da criação, sentíamos nascer um sentimento novo e affluir aos labios em borbotões...

Tinham-nos curvado á essa lei da criação... amar!

E nos amavamos...

Era um amor infantil, ingenuo, como o do cysne que banha-se no regato, puro como o da borboleta para as flores...

Assim era nosso amor...

Lembras-te, Emma?...

* * *

Eu tinha treze annos... e as tuas doze primaveras não tinham desabrochado...

Eras uma flor em botão...

Lembras-te, Emma?...

Recorda-te, não olvida o passado...

Não queres?...

Eu t'ó peço... relê o livro de nossa infancia... e essas flores myrthadas, essas flores sem vida, revive-as ao calor de teus beijos...

Tu podes...

Eu... não o posso mais; jovem romeiro, tropecei na romaria sem forças; lyrio da primavera, já curvo o hastil... as petalas murchão-se de dia em dia... e minha alma abatida vive envolta no sudario da soidão...

* * *

Era uma noite festival, festival como são as noites de baile...
Tinha decorrido um anno...

Se Outubro não guardou em suas tradições essa noite... guardei-a eu... tu estavas tão bella... eu tão ébrio, tão louco d'amor... Lembras-te?... Que olvido!...

* * *

A orchestra... era harmonias...

As flores... perfumes...

As mulheres... vida...

Lembras-te?...

Nas salas o borborinho das walsas... e entre esse mar revolto de valsistas... alegria, entusiasmo e mocidade... e se de vez em quando o murmuro da floresta rumorejada pelas brisas da noite, o ruído de uma catadupa que despenhava-se com fracasso, vinha quebrar as notas da orchestra, a embriaguez da walsa era mais louca, o bulício dos dan-santes mais forte... a alegria redobrava, o entusiasmo duplicava...

Que noite, Emma!...

Lembras-te?...

Sê generosa, diz-me ao menos uma só vez, que em teu coração ainda pulsa uma fibra pelo passado, em tua fronte reminiscencia pelo nosso amor de criança... em tua alma uma saudade pela infancia...

E para mim... o que pedirei?

Nada!...

Não te creio mais...

* * *

Conheces, Emma, aquella menina que tem as mãos entrelaçadas nas de seu jovem companheiro? que troca com elle sorriso por sorriso, caricia por caricia, blandicia por blandicia?...

Conheces?...

Fita-a bem...

Contempla suas formas airozas, cinzeladas em habil estatuaría; sua côr moreno-italiana pede um pincel...

Ah! Raphael teria harmonisado esse primor da natureza, no bello de seu moreno, com a ingenuidade que em seus traços transluzia...

Seus cabellos são de ébano azevichado, e revoltos em caracões beijam a assetinada cutis...

Ser um d'aquelles caracões...

Louco desejo!...

Mas se eu pudesse...

Seus labios de coral abrem-se graciosamente, mostrando a alva dentadura de christal!...

Seus pézinhos de andaluza transparecem por entre a fimbria de seu vestido branco...

Suas mãozinhas...

Conheces, agora?

Eras tu aos treze annos...

* * *

Escuta...

Ouve esse trocadilho de palavras... uma trança de teus cabellos...

Sim?...

Sim...

E tua voz era meiga, meiga como as cantilenas pastoris das filhas de nossos pampas...

Tuas palavras... harpejos de harpa éolia...

Cumpriste tua promessa?

Não, nunca...

Tinhas mentido...

Do perjuro, Emma, emanou o esquecimento...

Perjuraste tua promessa de criança, tudo olvidaste, e hoje, moça, tu lanças ao teu amor infantil o escarneio do desprezo...

Fazes bem...

Variar é viver...

Já o disse alguém, e eu o digo também...

*
* *
*

Emma, estou só e penso em ti...

O que farás tu?...

Pensarás em mim?...

Perdoa-me, ainda sou muito credulo...

Crenças da infancia, que não morrerão de todo no coração do mancebo...

Se um dia, Emma, meu nome chegar junto a ti... foi levado pelos echos, e se morreu a teus pés, culpa a brisa que ergueu as cortinas de teu santuario de virgem e o deixou cahir ahi.

Emma, se perdoar aos que errão é uma acção nobre, eu te perdôo, e em retribuição á tua indiferença, dou-te — amizade...

E ao teu esquecimento só direi:

Obrigado, Emma...

Adeus...

Julho de 1869.

Apelles Porto Alegre.

EPISTOLAS

I

Tu, alma de poeta, seio ardente
Que se enleva ante o bello, ante o sublime,
Como vais ao cerrilho teus cabellos
Sem pavor entregar? E no cilício
Da batina envolver-te, como o morto
Nas dobras d'um sudario?

Tu, livre, pensador, como te arrojas
Ao Maelstron do infortunio?
Bem sabes que um apostolo de Christo
Se dobra ao Vaticano
Como authomato vil! Gregorio setimo
E o concilio de Trento em dia infausto
O tornarão em rocha.

E' sublime a missão do sacerdocio,
Mais sublime não ha, porém não hoje,
Em que, além da estamenha,
Ha a soidão, o tedio, a morte em vida,
E o desprezo das turbas!

O homem está sujeito ao erro, errão todos,
Porém a leve falta do levita,
Da creatura que a Deus somente serve,
Que seus dias e noites vota ás preces,
Que os prazeres da vida eterno olvida,
O poviléó levanta-se,
Insultos e baldões lhe atira ás faces.

Elle presta do templo ante os altares
Sagrados juramentos que não póde
Jamais cumpril-os, e se um dia os quebra,
Se um dia a mão da natureza os rompe,
Ante o Deus que o ouvira e ante o mundo,
Eil-o perdido, infame!

Se procura cumpril os, que martyrio!
Que angustias e que luctas! Mais ditoso
E' o verme na terra rastejando!
Pois a lei natural jamais repelle,
Nem á diva feitura sublimada
Não tenta eliminar sequer um orgão.
Infame o que mutila a natureza!
Infame a lei que o sacrilegio ordena!

Se procura cumpril-os, que martyrio!
Se vê um rosto lindo, uns olhos meigos
Que n'elle se fitarão, eil-o em lucta

Sobre o catre mesquinho!

Seus cilícios filtrão incendios d'alma,
Seus pulsos torcem-se em feroz delirio,
Sua tez queima em estuaste febre,
Todo elle treme, convulsêa o misero!
Que tambem coração possui o padre.

Lembrando que sósinho, sem familia,
Sobre o mundo vegeta, e que a donzella
Vista ha pouco, quem sabe lhe apontasse
A ventura da vida. Tão angelica
O animaria em improbos trabalhos,
Nas arduas excursões do sacerdocio...
Vel-a, sentil-a, desejal-a sempre...
O' que magoas! Que dores o conculção!
Que desespero infrene lhe arfa o peito!
Como maldições despede em cada folego!
Como o punho cerrado desafia
O espectro que creára o celibato!

A razão lhe murmura que espedace
A cadêa de bronze que o macera,
Os élos atirando, além — no Tibre;
O coração o leva a dôces gosos
Lhe mostrando as delicias da lareira;
Porém um juramento o prende, o liga,
E o altar e a consciencia lh'o recordão.

O que ha de então fazer?

Desvaira o triste,
È a victoria às paixões inconscio deixa!
E triumpha Satan!

Mais um apostata

A casa de Jesus recebe ao seio,
Mais um Iscariota conta o mundo!

Tu, primavera rosea que viceja
Sob o sol do Equador, tenra planta,
Que quer ar, rocio e brisas, cuja fronte
Ennastra da esperança as flores lindas,
Cujá arteria da vida a seiva ostenta,
E cujo olhar radia a luz d'amores,
Como queres deitar-te n'este equuleo,
Onde o viver é morte, e o pensamento
Duro agulhão que move a um cadaver?

Não, amigo, cadaver, frio, inerte,
Não o serás, affirmo, embora o queiras!
O que vale ostentar presença gelida,
Se o volcão ferverá no seio ardente?
Se o Pitina nos Andes entre gelos

Effervesce constante?

Não creio, é impossivel. Se da vida
O peso te incommoda, e na sotaina
Buscas prompto allivio a ditos males,

Se em seus abraços tem-te o desespero,
Escuta: que mais vale ser suicida
Na taça da peçonha, em fundos mares,
Que mais vale o punhal que sangra o peito
Que no burel, no claustro a morte lenta.
Antes corre da patria na defeza
E em imigos bastiões a gloria alcança.

O homem serve ao Senhor, lhe rende preitos,
E' dever com um pai que o filho adora,
Dever que se resume em culto santo
E a natureza inteira dá-lhe sempre,
Mas não o sacerdote! Como amal-o?
Como dos céos fundir no augusto solio
Palavras doces e sinceras preces,
Elle a quem em horrifica masmorra
De infortunios e dores arrojão
Em nome do Senhor?

Até no labio

Muitas vezes lhe passa atroz blasphemia!

.....
E quando no mundo vejo as turbas
Cubrirem-n'o de insultos e improperios,
O lamento e perdão. Conheço as causas.
O mal está na regra que o dirige,
E não na natureza que o formára.

II

Dizes que o homem vence a natureza
E em orgulhoso tom a historia citas,
E entôas de victoria um canto altivo.

Meu amigo, lamento essa cegueira
Que no animo te apaga a luz celeste.
No estabulo dos erros és ditoso,
Pois ris de meus futeis devaneios!
Dos absurdos a treva te inebria,
Esqueces a razão e a liberdade,
E o homem já confundes na materia!
A historia é o fecundo pensamento
Que segue do progresso a rôta fulgida
Atravez dos espaços e dos tempos.

O homem, se domaa a vaga que rebrama,
Se um freio põe aos ventos, se dirige
O rabido corisco, se da terra
Tira alimento e veste, crês que vence
E torce a lei divina n'este facto?
Engano! Elle prosegue na vereda
Que Deus indigitou-lhe ao — *fiat lux* —
O rio que decorre, o grão que gemma,
O passaro que vôa, o sol que brilha,
O corpo que p'ra a terra inclina e tomba,
O fogo que produz voraz incendio,
A natureza porventura esmagão?
No entanto são diversos da feitura
Que a criação domina! Uns sem idéas,
Outros sem um resquicio de vontade!

Em falsos argumentos não te escudes
Que tardo arrependimento vem-nos sempre,
Quando as cégas trilhamos.
Inda uma vez te digo:
Maldito o que mutila a natureza!
Maldita a lei que o sacrilegio ordena!

Dizes-me que o suicidio sancção
Que t'ó aconselho mesmo! Longe d'isto
Vagou meu pensamento. Não me entendes!
O' temo por ti, temo que te percas
No dedalo de canones estereis,
De tão sáfara e fossil escholastica!
Relê o que escrevi, e então reflecte,
Reflecte como outr'ora, quando juntos
Passavamos a vida, meditando
Nos livros da sciencia e n'esse livro
Mais sabio que todos — a natura;
Então felizes sempre, irmãos vivemos
A' luz do sentimento e das idéas.
Que saudade hoje nutro d'esse tempo!
Se voltássemos a elle, quão diverso
Não fôras do presente, nem sollicito
Agora te escrevera!

Escuta, amigo,
Porque me dizes: "Não perturbes
"A paz de consciencia que demando,
"A vocação me arrasta, vou seguil-a?"
A vocação disseste?! Estás perdido!
Confundes o erro co'a verdade augusta!
E' vocação correr para os abysmos?
Cortar o corpo á disciplina crua,
Nos jejuns maceral-o eternamente?
Não, isso é que é suicidio, e um suicidio
Sem razão de existencia!

D'elle quero
Pressuroso afastar-te.
O anachoreta,
O padre sobre a terra inuteis vivem,
Só o seu braço concedendo a Roma.
Escravos da tiára, o mais odeião...
Sem familia e sem patria de que servem?
E sem Deus, porque d'elle até renegão
Quando a carne lhes falla com facundia!

Assim sem luz, sem berço — os grandes moveis
Do humano coração, tu bem conheces
Que dão á sociedade escarneo intenso
Roma sobre elles vela, Roma os manda.
Por tudo é um suplicio o sacerdocio.
Tua alma grande e nobre não transige
Com a verdade sacrosanta e pura,

Por isso assim m'exprimo, assim te fallo.
Não serás refractario a teu passado.
A' doutrina dos mestres, aos deveres
Que a lei civil impõe, de nós reclama.

De precipicio fuge, enquanto é tempo.
Não prosigas, senão... serás Lutherô,
Melanchton talvez, em lucta ousada,
Erguendo outra Smalkalde n'esses climas.

(Continúa.)

PARECER

SOBRE A THESE:

Os animaes têm alma? Essa alma é immortal?

Os materialistas, e entre elles Diderot e Helvecio, affirmão que não ha differença entre o homem e os animaes, senão de sua organização.

Esta asserção tão audaciosa quanto absurda não se apoia, porém, em nenhuma razão positiva.

Qual o ponto de contacto que estabelece a igualdade entre o homem e o animal?

Os animaes são dotados de suas forças distinctas; o instincto, e um certo grão de intelligencia cuja faculdade, porém, não attinge a perfeição da intelligencia humana, pois que só é dado ao homem o poder de reflectir, com o qual póde suspender as deliberações do entendimento, fazel-as proseguir ou retroceder, segundo o seu arbitrio.

Os animais têm memoria, entendimento e vontade, porém estas faculdades não operão n'elles livremente; são antes impellidos por uma força instinctiva, machinal, cega, como acontece em muitas acções dos homens em cujas operações não entra a reflexão.

O homem, pois, distingue-se consideravelmente dos animaes, não só pela perfeição dos órgãos dos sentidos, como pela supremacia de suas faculdades, e sobretudo pela reflexão, com a qual entra em conselho consigo mesmo e modifica as operações da vontade, o que não acontece aos animaes, que obrão instinctivamente, segundo as leis de sua propria natureza ordenados pelo Supremo Creador de todas as cousas.

Onde está pois o ponto de contacto que marca ao animal o honroso lugar de igualdade na esphera da razão humana?

Os animais que pensão, que sentem, que lembrão e querem, têm manifestado com o exercicio d'estas faculdades alguns signaes de progresso intellectual? Reconhecem, porventura, como o homem, a existencia de um Ser Supremo?

De certo que não, porque, segundo a opinião de um philosopho, só é dado ao homem o poder de sentir que sente, de conhecer que conhece, e de pensar que pensa.

E' verdade que o animal tem órgãos dos sentidos que oppõe em relação com o mundo exterior, do qual recebe impressões; porém, segundo a opinião de um outro philosopho, falta-lhe a alma para os reconhecer, o que não acontece ao homem que tem alma, que vê, sente, ouve e quer, com a qual aquilata essas impressões e sabe discernir o bem do mal.

Por mais que queira condescender com os apologistas d'essas doutrinas perniciosas que affirmão a existencia da alma racional nos animaes, doutrinas que mais nos impellem para a descrença da bemaventurança, do que para fortalecer a esperanza de que após esta vida, outra mais pacifica nos aguarda, não podemos aceital-as sem detrimento dos principios evangelicos da philosophia christã.

Como admittir que o animal tenha alma, se elle não foi formado do mesmo principio de que Deus tirou o homem?

A luz, o firmamento, os astros, animaes, sahirão do nada em virtude de uma só palavra de Deus — Faça-se, — e tudo se fez.

Deus, porém, não formou o homem em virtude de uma palavra de mando — Faça-se o homem, — não; Deus principiou a distinguil-o com uma palavra de conselho — Façamos o homem á nossa imagem, — o que dá a conhecer que a formação do homem foi de mais transcendencia que todas as obras da criação, pois que Deus principiou a honral-o, não só formando-o á sua imagem, como dotando-o com alma racional. Essa alma, porém, não foi tirada dos elementos.

Diz a Sagrada Escriptura: — Formou, pois, o Senhor Deus ao homem do limo da terra, e assoprou sobre seu rosto um assopro de vida, e recebeu o homem alma e vida.

Por consequencia, o Senhor formando o homem da materia, á sua imagem; querendo, além das fórmãs corporeas, distinguil-o ainda do resto dos animaes, honrou-o com alguma cousa de immaterial, cuja substancia infinita tirou de si mesmo, e a massa inerte do homem inspirado com o divino assopro, recebeu alma e vida. Logo o homem foi creado em virtude de dous principios: um material e o outro espirital. A parte corporea do homem é mortal porque foi tirada da materia, e a parte espirital é immortal, porque Deus não a tirou do limo da terra e sim de sua propria essencia, e a infundiu no corpo humano por meio do assopro divino.

Essa particula espirital que o homem recebeu do Creador, a que se póde dar o nome de alma racional, é que constitue o imperioso predominio que o homem exerce sobre todos os animaes terrestres.

Os animaes forão tirados de um principio todo material. Diz a Sagrada Escriptura: — Disse tambem Deus: Produza a terra animaes viventes, cada um seguindo a sua especie, e a terra os produziu já completos com movimento e vida.

Esta animação, vital, porém, não foi infundida nos animaes por meio de assopro divino, e sim tirado como o corpo dos elementos e por consequente nada tem de immaterial.

Não, os animaes não têm alma; a alma racional teve origem n'um principio eterno, e essa vida animal a que os materialistas chamão alma, não sahiu d'esse principio, e volverá indubitavelmente ao nada d'onde sahiu.

Se, pois, negamos a existencia da alma racional nos animaes, nada mais diremos de sua immortalidade, porque não ha argumentos para justificar o nada, nem póde ser immortal aquillo que não existe.

Porto Alegre, 1868.

Nicolau Vicente Pereira.

OS PALMARES

ROMANCE HISTORICO

POR

Appolinario Porto Alegre

(CONTINUAÇÃO)

PARTE I

CAPITULO I

Raiava o anno de 1869.

No espaço intermediario entre Porto Calvo e a serra da Barriga hoje na provincia de Alagoas, e na época a que nos reportamos, formando uma comarca da capitania de Pernambuco, d'entre basto arvoredo quasi em totalidade exotica, sobressahia severo e carrancudo o contorno de um edificio de vastas proporções na fórmula, mas sem guardar eurhythmia no complexo de suas partes.

Distava meia jornada pouco mais ou menos de Porto Calvo.

E' a fazenda de Pero Lopes, senhor de numerosa escravatura e de engenhos, d'onde annualmente desde que a invasão hollandesa desaparecêra, derramava a cornucopia de productos n'esta capitania, e inda sobre outras comarcas.

Não será inutil antes de proseguirmos n'esta historia uma vista sobre o estado do paiz.

Na occasião em que a encetamos, não por uma, mas por varias restaurações tem elle passado. O dominio dos Paizes Baixos havia baqueado ante um heroismo a toda a prova, o ferreo mando da companhia de Jesus era supplantado em alguns lugares e aborrecido no espirito da grande colonia, e afinal começava a extremar-se a nacionalidade brasileira. Verdade é que os moveis de tão grandes e nobres sentimentos, nascião as mais das vezes do contraste de opiniões que requintavão e progredião na lucta apaixonada, fervorosa e em certos casos terrivel, porque o sangue golfava; comtudo não deixava de existir o embrião que annos depois faria surgir da chrysalida, factos supremos e de magna importancia para o Brasil e para a civilisação.

A eliminação do poderio hollandez e a extinção da Companhia Geral do Commercio, forão a fonte de bens physicos e moraes que ressaltarião mesmo emquanto o paiz se restabelecesse das innumeradas ulceras abertas no longo periodo de trinta annos que durou a guerra.

Vieira e Vidal, Camarão e Henrique Dias mostrarão no mais exclusivo desamparo de Portugal, vivendo e alimentando-se dos seus proprios, posto que comesinhos recursos, que, uma nação aggredida por outra soberana dos mares e senhora de exercitos formidaveis, pôde manter sua honra e integridade illesas, se o patriotismo e os grandes sentimentos de abnegação, em tão melindrosa emergencia, inspirão sómente a seus filhos.

Emquanto á companhia de Jesus, d'esses maldictos filhos de Loyola, já sem prestigio, rechaçados pela massa da população, pouca vida se lhe augurava, embora o manto dos pontífices sobre elles estendesse escandalosamente, embora em seu gremio houvessem vultos da tempera de Vieira. A corrupção no maior auge tressuava de seus conventos, a gangrena apoderava-se de todos os seus membros.

Em pouco tempo um dos maiores politicos modernos, o celebre ministro de D. José I, devia levantar-se como o raio que lasca a mancenilheira lethal, como o agricultor que monda a má herva. E' a seu apparecimento que os jesuitas vão tremer, tiritar de espanto.

Com o olhar de lynce com que seu genio de dimensões verdadeiramente athleticas devorava o futuro, e escudado na egide do passado, onde nos annaes dos outros povos bebera proficua experiencia, virá anniquilal-os e demonstrar que, se a religião na pureza de seu archetypico é uma lei necessaria para a moralidade do genero humano, não deixa de ser um veneno delecterio, quando mente a seus fins, e desvirtua sua realesa e brilho no conflicto de interesses temporaes e no jogo de paixões ignobeis.

Cada um, como elle, frissasse os actos na governança d'uma nação pelos convincentes corollarios da philosophia da historia, tirando d'elles uma norma invariavel, e quão feliz seria a humanidade!

Assim não veriamos governos ainda hoje postergando tão sãos principios e cingindo-se a anomalias e desregramentos que causão admiração!

Era então que a nacionalidade brasileira começava tambem a ter consciencia.

A larva informe e inerte já sentia alguns movimentos, a seiva de vitalidade começava a circular-lhe na arteria, um vislumbre de razão fulgia-lhe passageiramente no cerebro. Era um prenuncio de um grande acontecimento — a emancipação politica de um povo; era a promessa d'um esforço nas aspirações, d'um acto energico nos movimentos.

O colono portuguez gozava de immuniidades e regalias que não tinham os colonos natos no paiz, até o ponto d'estes serem excluidos dos diversos ramos da administração civil e militar.

Nem foi outra a causa primordial do ciume que já semeava a sizia entre uns e outros e mais tarde devia rebentar em sedição aberta entre Recife e Olinda, cada uma representando uma das parcialidades.

Além de taes considerações, outras muitas podião vir ampliar o perimetro deste capitulo; porém para não esquecel-as de todo, apenas as esfolaremos. Se por um lado a terra de Santa Cruz avançava nas veredas do progresso, por outras muitas causas concorrião para quasi neutralisal-o. Uma das mais salientes era o zelo estólido com que a côrte de Lisboa olhava o adiantamento e forças da grande colonia portugueza da America; por isso seu unico fito foi sempre enfraquecel-a.

Dominada por principios adversos á verdadeira politica, dividiu-a em Estados independentes uns dos outros, e em quasquer projectos que lhe erão relativos, mostrava tal volubilidade que só produzia disturbios e desperto de odios.

(Continua).

UM SONHO

I

E' uma linda noite...

A viração agita as arvores da floresta.

Depois de escuridão espessa, lá apparece a lua cheia e avermelhada como se fôra de sangue.

E mais e mais se alteia, a pouco e pouco mostrando seus esplendores.

O céu de anil agora, está bordado de estrellas. Venus ostenta-se garbosa a desafiar as suas iguaes.

Como é bello contemplar ás horas mortas os vastos campos da costa de Belém!

A relva é verde, mas branqueja ao orvalho da manhã; os montes que ficão perto cobrem-se de neblina.

E as arvores baloução-se, alastrando o chão de folhas.

II

Reina profundo silencio.

E' sobre a relva o meu leito; servem-me de travesseiro alguns ramos de umbú, e de coberta a vasta extensão dos céos.

De repente, quando descançava sob a egide de Morpheu, vi apparecer por traz de um outeiro uma luz. Pouco depois mostrou-se-me uma mulher, linda como um anjo, que caminhava em direcção ao lugar em que me achava.

A sua belleza fascinou-me; ergui-me ligeiro e fui ao seu encontro.

Era Marciria, a encantadora Marciria, que passeiava quando a madrugada se approximava.

De dia estivera ella em uma casa onde era eu hospede. Era domingo, dia religiosamente guardado pela gente da roça. Ella sentou-se á sala brincando ora com o seu alvo lenço pendento ao pescoço, ora com um raminho de flor que tinha entre as mãos.

Fui sentar-me á seu lado; disse-lhe que tambem queria gozar dos perfumes d'aquella flor, que fazião a sua delicia, e ella sem disfarce, sem mais demora respondeu-me: — **mas se o senhor não é meu noivo, como quer cheirar a flor?**

— Mas posso sê-lo. A menina é mimosa; tem a côr sympathica do jambo; tem longos e pretos os cabellos, labios da côr da rosa e dentes d'alvo marfim; as sobrancelhas pretas e espessas, os olhos vivos e escuros. Tem a cinturinha delicada...

Quando ia para dar-lhe um abraço em prova do amor que estava começando a sentir, pedindo-me que lhe não fizesse cocegas, sahiu correndo para entre o laranjal.

Quiz segui-la para fazer-lhe a declaração do meu amor; mas, tendo apenas posto o pé fóra da porta, vi que o velho pai andava de gancho em punho a colher laranjas.

Eu tinha uns amores muito castos; mas a declaração sem a presença do velho seria feita sem constrangimento, com melhor franqueza...

A' tarde pai e filha forão para casa, e eu segui-os de longe para

conhecer o local. Ao despedir-me da menina Marcira, olhei-a com tanta ternura, que ella sorriu.

Disse acima que fôra ao seu encontro no momento em que a reconheci.

Tive bastante coragem para fallar-lhe; aquelle sorriso da tarde parecia-me prova de que já lhe não era indifferente.

— Ah! bella Marciria, tão cedo é ainda, e já de pé!

— E o Sr. então que é da cidade e costuma erguer-se quando o sol vai alto? São 4 horas; vou levar os carneiros ao logar do pasto e volto para servir de leite ao pai quando acordar.

— Bella missão, minha menina, mas enfadonha devêras sem um companheiro... Quer a minha companhia? Eu sou muito bom e tinha tanto que lhe dizer...

— Não, eu ando sempre só. Se tem alguma coisa a dizer-me seja breve; que o dia não tarda a amanhecer...

— Mas se o que lhe tenho a dizer... pois não adivinha? Eu... eu... estou louco de paixão... pela senhora...

— Mas se ainda hontem me viu... O Sr. não diz a verdade; com a mesma pressa com que lhe veio essa paixão, pôde extinguir-se e...

— Ah! não, eu hei de... eu amo-a muito... Iremos aos pés do altar para que Deus abençõe o nosso amor; levar-te-hei depois para a cidade, onde terás ricos vestidos de seda e velludo, de cambráia e moiré; terás rendas, bordados, fitas, franjas, gregas e mais miudezas para enfeitar-te; irás aos bailes, aos theatros, ás igrejas, aos passeios; dar-te-hei todos os gozos em troca do teu amor.

— Nada d'isso me serve... ainda se...

— Ainda se...

— Ainda se fosse para viver aqui... eu tenho tanto amor a meu pai e aos meus carneiros... Ai! adeus, Sr., o dia não tarda e tenho pressa... Logo nos veremos.

E quando quiz fallar-lhe, já tinha partido.

III

Marciria tomou a direcção da praia.

Eu tinha na algibeira um vidrinho de chloroformio, que me fôra pedido da cidade por uma velhinha, que n'esse dia o devia procurar.

Que idéa havia de apparecer-me ao espirito?

Ella ia perto da praia; ahi estava o navio que me devia trazer á cidade, carregando tijolos e telha d'uma olaria proxima; que pensamento sinistro, santo Deus!

Corri, voei, consegui alcançal-a antes que houvesse chegado.

A pobre menina recuou tremula e atterrada; reconhecendo-me, de joelhos implorou a minha clemencia; a chorar apontou-me a casa onde um velho honrado dormia, e pediu-me que o não matasse.

Segurei-a com força e fil-a aspirar o cheiro do liquido...

Vi-a desmaiar nos meus braços... era tão bella... que delicia infinda ter a gente reclinada nos braços, sem sentidos, sem forças para reagir, uma mimosa mulher!...

Corri á praia, levando-a ao collo; os carneiros gritavão com força á falta de sua dona e seguião-me.

— Olá do navio S. José! um bote que preciso embarcar.

— Quem?

— O unico passageiro de Pelotas para Porto Alegre que traz o hiate.

— Vou acordar o mestre, faça o favor de esperar, gritou-me um dos marujos.

Cada minuto de demora era para mim um supplicio.

Os carneiros tinham-me rodeado; já o dia se fazia annunciar pelo gorgoejo dos passaros na ramagem dos arvoredos; se alguém nos visse... Oh! mas eu fal-o-hia calar... imporia silencio com uma ameaça de morte.

— Oh do navio! tenho frio, estou a morrer, depressa com o bote! De repente senti passos n'uma curta distancia.

— Alguem viu-me, alguem foi testemunha do rapto, e vem buscar Marciria. Mas eu não a entregarei, porque pertence-me. Na cidade dar-lhe-ei o meu nome... Mas os passos... sinto-os mais perto... Oh! do navio!... oh! do navio!

E no esforço de gritar ,acordei!

.....

Fôra tudo sonho!

Em vez de mulher, tinha nos braços um jornal, que ao deitar começára a ler. Em vez da praia, estava deitado no meu leito; em vez da costa de Belém, estava em Porto Alegre.

Tendo deixado accesa a vela, porque dormira quando lia, consumiu-se toda.

Tive pena; o sonho fôra tão agradável!...

Agosto de 1869.

Aurelio de Bittencourt.

A MISSA DO GALLO

(FRAGMENTOS DE UM LIVRO)

I.

O PEDIDO FOI ATTENDIDO.

A's cinco horas da manhã do dia 24 de Dezembro de 1861, a Sra. D. Angelina da Silveira dormia preguiçosamente o somno da madrugada, ao lado de seu marido, que recostado indolentemente n'um sofá, lia com pasmosa velocidade, inda que interrompido por algumas pitadas de simonte, as noticias commerciaes consignadas na correspondencia da côrte.

A avidez com que o marido de Angelina percorria os olhos pelas columnas do *Mercantil*, deixava perceber claramente a dolorosa impressão que lhe causára a oscillação dos cambios, e por conseguinte o prejuizo imminente que o ameaçava em suas ultimas transacções, que, graças ao seu genio iniciador e especulativo, rarissimas vezes acarretavam funestas consequencias.

A' vista do que acima consignamos, fica comprehendido que Ambrozio da Silveira, que assim se chamava o marido de Angelina, era negociante de calculos palpitantes, de emoções mais ou menos agradaveis, com as quaes devassava largos horisontes na esphera dos interesses mercantis.

O tino e actividade de Ambrozio tinham lhe conquistado uma opulencia invejavel, e por conseguinte poderia ser considerado, se nos permittem a liberdade da qualificação: — negociante de grosso trato!

Deixemos, porém, o Sr. Ambrozio mergulhado em suas cogitações, mercantis, e analysemos o inquieto dormir de sua cara metade, que inda á primeira vista pareça nada offerecer de extraordinario, não deixa todavia de encerrar o quer que seja de mysterioso, que é mister desvendar aos olhos de meus circumspectos leitores.

A cada ruido da folha que seu marido, cedendo ao impulso de uma má impressão, desdobrava impetuosamente, Angelina estremecia, suspirava, mas continuava a dormir.

O negociante, posto que tivesse todas as suas idéas empregadas exclusivamente na correspondencia, ou absorvidas na inexgotavel mina de suas explorações commerciaes, não deixou todavia de observar aquelle estremecimento produzido talvez por alguma idéa extravagante, azedada pelo fel da venenosa prevaricação.

Ambrozio da Silveira, pouco dado como era, a perscrutar os phenomenos da psychologia, longe mesmo de levar a sua phisolophia ao ponto de investigar o segredo das paixões humanas, não suspeitou que o estremecimento de sua mulher fosse filho das agitações tempestuosas de um amor criminoso.

No entretanto Angelina continuava a estremecer, o que levou seu marido a encaral-a em profunda contemplação, de cujo resultado foi attribuir aquelle movimento involuntario á necessidade physica de coçar a mordedura de alguma pulga impertinente, e por conseguinte proseguiu na leitura da corespondencia, que já ia approximando-se do ponto car-

dinal de seus desejos, que era a tabella dos preços correntes da praça do Rio de Janeiro.

O bom do negociante tinha apprehendido um carregamento de feijão para aquella cidade, de cuja remessa esperava colher um resultado satisfactorio.

A fortuna, porém, foi-lhe adversa d'esta vez, e a maldita correspondencia que elle anciosamente devorava, foi a mensageira d'esse desastroso acontecimento!

Quando Ambrozio deparou com a consideravel baixa de cincoenta por cento no preço do genero que exportára, deixou escapar um grito, que despertou totalmente a nossa formosissima heroina.

Ella, porém, que na physionomia do marido não descobriu a tempestuosa revolução que lhe devorava as entranhas d'alma, aventurou o seguinte pedido:

— Vamos hoje á missa do gallo, Ambrozio?

Escusado é dizer ao leitor a pungente impressão que aquelle intempestivo pedido produziu no interior do negociante.

Ambrozio da Silveira encarando sua mulher com aspecto atterrador, respondeu-lhe n'um tom, que nada recommendava os fóros que gosava de homem circumspecto e reflectido.

— Ora, Sra. Angelina...

O bom do velho faltou pela primeira vez ás regras da boa decencia, e nós, por um timbre de moralidade, não repetiremos aqui a palavra que lhe escapou dos labios, que, segundo a opinião de Victor Hugo, se tornára sublime pronunciada por Cambrone nos campos de Waterloo!

Ambrozio da Silveira, ainda que cigano em seus negocios, era todavia dotado de uma boa indole, e se uma ligeira tempestade o agitava em desespero, em breve o santelmo da bonança se manifestava na serenidade de seu rosto.

Como os espiritos fortes e os genios arrebatados são quasi sempre quebrantados pelas arditas doçuras da mulher, Ambrozio teve de ceder ao impulso d'essa lei immutavel da natureza.

Após profunda reflexão sobre os motivos que occasionarão uma tal baixa de preço no feijão, concluiu que os lucros da penultima transacção cobrião os prejuizos da ultima, e por conseguinte o bom do velho, tomando um aspecto menos sorumbatico, adubou o sorriso que lhe pairava nos labios com o sorvo da decima quarta pitada.

Angelina que tinha tanto de formosa como de sagaz e astuta, não querendo espedir a occasião em que o contentamento transluzia no rosto de seu consorte, aproveitou-se da situação como se diz em politica, para aventurar o segundo pedido.

— Mas então, meu velho, vamos á missa do gallo?

— Vamos, sim; porque não havemos de ir, minha velha? respondeu o negociante.

Ambrozio da Silveira conhecia que o tratamento de — **minha velha** — não era adequado á sua mulher, que estava ainda no verdor da mocidade, mas para não transgredir o uso admittido nas sociedades modernas, ia com a moda chamando-a sempre **sua velha**.

Angelina radiante de prazer e contentamento pelo triumpho obtido, levantou-se de subito e foi abraçar seu marido, que a recebeu nos braços com aquella fleumatica pachorrice que o caracteriza.

Na nossa, como em todas as sociedades do mundo, ha uma certa classe de mulheres casadas, cuja perversão moral attinge a um tal ponto de aviltamento, que seria difficil até á propria intervenção divina operar a regeneração n'essas almas crestadas pelo calor da vaidade e do egoismo!

Estas mulheres, ou antes cancos venenosos, que vão contaminando com a podridão de seus costumes a sociedade decente, distinguem-se

quasi sempre das almas bem formadas, pelo desplante com que pretendem convencer o publico de que adorão seus maridos, affectando o desavergonhado ciume, que por elles manifestão publicamente.

Este apparente ciume tem dois fins a satisfazer: o primeiro é captar a benevolencia publica com aquellas demonstraões de apreço, e a segunda, é consolidar o imperio que exercem e a consideração que gosão nos corações dos desventurados maridos.

E ha alguns tão papalvos que após um d'estes ridiculos ensaios, exclamão:

— Como ella me ama! como sou venturoso!

Angelina não attingia ainda a esse requinte de depravação; mas se não era mestra jubilada, tinha-se matriculado n'essa escola e promettia grandes esperanças para o futuro.

Se o abraço com que Angelina remunerou a boa vontade com que o marido accedeu a seu pedido, foi uma especie de agua com assucar com que ella adoçou os labios do velhote, afim de mais tarde fazel-o tragar até ás fezes o lethal veneno, na taça do adulterio, é o que por emquanto não podemos dizer.

O que, porém, podemos affiançar, é que o pedido foi attendido.

Nicolau Vicente.

(Continúa.)

POESIAS

SONHANDO.

Eu via um quadro de celestes gosos,
De leve a aura balançava a flor;
Depois correndo nos vergeis viçosos,
Em brando adejo murmurava amor.

Rubra asomava matutina aurora,
Envolta em dobras d'um sendal d'anil;
Doirada nuvem percorria ess'hora
Um céu ignifero de amanhã gentil.

No val bramia perennal cascata,
De manso as aguas a rolar, veloz,
Cantor volatil desparzia á mata
Ternos gorgeios em sonora voz.

Um véo de rosas ondulava lindo,
Então n'um prisma de brilhante côr,
Eu via um mundo de prazer infindo...
Todo poesia — a me fallar d'amor...

Junto á floresta appareceu um anjo,
Por entre as flores n'um feliz vagar.
Era essa virgem porque a lyra tanjo,
Colhendo flores em gentil scismar.

Cobria as formas virginaes, mimosas,
Denso vestido de fulgente côr;
Longas madeixas a cahir ondosas
Sob uma c'rôa de nevado alvor.

Esse de graças feminil composto,
Que ao romper d'alva vagueava ali,
Nos labios tinha um sorriso posto,
Ai! era Dylia, que formosa vi!...

Ao meu chamado, que vibrou instante
Cobriu-lhe as faces infantil rubor;
Lançou em roda terno olhar d'amante
Dizendo: — és tu... é meu fiel cantor...

Em louco aneio comprimi-lhe o peito,
Que effluvios n'alma prelibava então;
Tendo de flores perfumado leito
Beijei insano a divinal visão!...

Mas logo o sopro da real verdade,
Rompeu meu sonho, qual um véo de pó;
Já vendo um mundo d'infernal vaidade,
Triste, abatido, despertei — mas só!

1867.

Napoleão Poeta.

SEGREDO E AMOR

(RECITATIVO.)

Ha sonhos lindos aos desoito annos,
Fundos arcanos de febril queimor;
Que a nós, donzella, sobrevindo a medo
Guardão **segredo** murmurando **amor**.

Diz-me, adivinhas se quem vês agora
Louco te adora com voraz paixão?
Tanto **segredo** meu **amor** 'esconde...
Diz-me, — responde — tu não sabes, não!...

Quando te olho, seductora e bella
Sonhas, donzella, n'esse olhar quem vê?
E' ao **segredo** d'este **amor** affeito
Morrendo o peito, sem que um ai só dê.

Como nas flores á occultar'-se essencias,
Ha existencias que ninguem sentiu;
Assim minh'alma no **segredo** immersa
De **amor** conversa com quem nunca 'ouviu.

E' que ha na terra perennes arcanos
Que nunca humanos saberão transpor;
Mysterios, duvida, e descrença e medo,
Longo **segredo** de infinito **amor**.

Quando te vejo me assomar tão linda,
Que paz infinda que se abriga em mim!...
E tu não sabes se o **segredo** illudo
Do **amor**, de tudo que se diz n'um sim!...

E' que nas cinzas encuberto o fogo
Não brilha logo, se o não vem soprar;
Tal em **segredo** minha mente opprime
O **amor** sublime que trahi no olhar.

Se ora em ti penso, na fugaz vertigem,
Sabes, oh! virgem, de um praser veloz?
Sonho em **segredo** n'este **amor** tyranno,
Que ouço um piano, que t'escuto a voz.

Se de ti perto meu sorrir confranjo,
Zombas, meu anjo, de me ver sorrir?
E' que em **segredo** d'este **amor** a imagem
Vem qual miragem, para mim fulgir.

E' que ha mysterios aos desoito annos,
Fundos arcanos de febril queimor...
Que eu sempre, oh! virgem, te adorando a medo
Guardo **segredo** — murmurando **amor**.

Agosto de 1869.

Francisco Antunes Ferreira da Luz.

EMENTARIO MENSAL

Foi quasi totalmente destituído de factos notaveis o mez que finda hoje.

Dois, no entanto, ha a mencionar, que interessão grandemente á humanidade.

O primeiro é a nova serie de victorias que o nosso valente exercito tem alcançado no Paraguay, o que nos faz crer no proximo termo da guerra.

Reunidos todos os elementos de acção, parece que é proposito do joven commandante em chefe perseguir o despota Solano Lopes até fazel-o deixar a terra que estragou.

O exercito que vivia contristado pela inacção a que o condemnára um fatalissimo engano, tomou as armas com enthusiasmo para recommear a lucta.

Peribebuy e Ascurra cahirão já em nosso poder, dizem-nos telegrammas do Desterro.

Os nossos soldados, animados pela presença do bravo Osorio, seguem na gloriosa marcha encetada. Que Deus os proteja e á causa por que se batem, e os restitua breve á terra natal, á familia.

Não ha impedir o livre curso á emancipação.

O grito dos esclavagistas morre sem echo no coração do povo!

Este, aquelle, todos, comprehendendo o degradante papel que o Brasil faz ante os outros Estados que ha muito banirão de seus dominios o elemento servil, se reúnem em associação para extirpar d'esta terra que se diz livre o cancro da escravidão domestica.

Hontem era o **Parthenon**, que adherindo á feliz idéa do seu digno presidente honorario, tratava de exhibir um espectaculo e applicar o producto á liberdade de algumas infelizes crianças do sexo feminino que nascerão escravas.

Hoje é o directorio liberal que, seguindo o exemplo aberto pelo **Parthenon** e a sociedade **Acacia** do Rio Grande, pretende installar no dia 7 do futuro mez uma sociedade que tenha por principal missão a liberdade de crianças.

O **Parthenon** trata com interesse de levar a effeito a sua idéa, e por felicidade tem encontrado o melhor acolhimento por parte da generosa população d'esta cidade.

A sociedade **Libertadora** nomeou commissões para aquisição de socios, e submetteu á approvação do governo os respectivos estatutos.

De toda a parte nos chegão noticias, que dizem bem alto, que em breves annos a extincção do elemento servil será um facto consumado.

Aquí é um proprietario que declara livre o ventre das escravas que possui.

Acolá outro liberta onze escravos de maior idade.

Além é uma associação libertadora que se installa, remindo da escravidão a 7 criancinhas.

Mais além são alguns moços, estudantes, que applicão á liberdade de 3 crianças as quantias que em annos anteriores empregavão em festejos banaes.

E outros e outros factos d'esta natureza que os leitores tem visto registrados na imprensa diaria.

Abençoada propaganda!

Que o desanimo não chegue, que a este movimento ardente e grandioso não succeda a apathia e o receio, para que breve possamos dizer orgulhosos e satisfeitos: — a escravidão domestica desappareceu do mundo inteiro. O Brasil já não é uma triste excepção dos Estados que derribarão a arvore maldita.

O limitado circulo reservado ao Ementario obriga-me a esquecer o theatro.

Contento-me em louvar o procedimento que teve Julieta Argeline dando hoje liberdade a uma criancinha.

Tenho sempre palavras de elogio para aquelles, não importa a condição, que amão a idéa da liberdade e por ella são capazes de sacrificio.

Nenhuma novidade de maior monta se dá pelo mundo litterario.

Por mais que procurasse, nada foi possivel saber.

As folhas da cõrte só tratão de politica ou da Ristori.

A grande tragica tem feito as delicias do povo fluminense, que a obriga á repetição por vezes de cada peça de seu repertorio.

E deve ter razão.

Quem póde deixar de mesmo de longe, admirar o genio sublime da mulher que, em tres noites personifica com geraes applausos o amor lascivo da corteza sem pejo; o ciume violento da esposa trahida, e depois a ingenuidade de uma menina, de pésinho á mostra, a servir á mesa ou a engommar, em quanto lhe protestão amor?

As ovações á Ristori contão-se pelas representações.

Os italianos, com especialidade, tem-lhe dado as mais significativas provas de apreço.

A eminente artista ficava a partir para o Rio da Prata, onde os seus compatriotas preparão-lhe uma esplendida recepção.

Pena é que só possamos applaudil-a pelo juizo autorizado da imprensa da cõrte.

Pinheiro Chagas!

Eis ahi um nome que não nos é desconhecido.

Lembrão-se os leitores do autor de uma lenda historica que ha dois annos publicou o **Jornal do Commercio**?

Lembrão-se ainda do distincto autor de um escripto que fez furor em toda a parte em que foi lido, e que deu sérias dores de cabeça á exocranda Isabel a catholica, — a noite de S. João em Aranjuez?

Pois bem; Pinheiro Chagas, profundo litterato portuguez, notavel pelos seus deliciosos romances, acaba de publicar um livro, contendo a biographia dos portuguezes celebres que mais lustre derão á sua patria pelas virtudes, pelas letras, pelas artes ou pelas armas, de Viriato a Garrett.

Comprehende-se a grandeza do serviço prestado ás letras portuguezas; sahir da linguagem faceira das lendas e romances para o estylo grave e sentencioso da historia vale muito, porque no ultimo caso mór lucro tem a nação.

O Sr. Dr. Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello publicou ultimamente na cõrte n'um pequeno volume a biografia do heroico Andrade Neves.

Os leitores conhecem a obra pela transcrição que fez à **Reforma**.

Para um tão grande heróe, tal biographo.

Se consigno o apparecimento do novo livro, é para louvar o jovem historiador, nosso consocio, que tão bons serviços tem prestado á litteratura.

Quando publicou-se na côrte a **Bibliotheca Brasileira**, deu elle á luz os seus **Esboços biographicos**, onde historiava a vida dos vultos grandiosos d'este paiz pela epocha da nossa emancipação politica.

De volta d'esta provincia, que presidiu por mais de um anno, publicou a continuação dos seus esboços, tendo d'aqui levado uma grande copia de documentos, que lhe forão facilitados pelos seus amigos e pelos archivos publicos.

N'uma viagem que fez ao Paraguay completou os dados sobre a vida do desditoso Andrade Neves, e pagou um justo tributo á memoria do valente general na publicação da sua biographia.

O livro foi offerecido á provincia do Rio Grande.

Nem só esse foi o resultado colhido do seu passeio á terra inimiga.

Em cartas que o Dr. Homem de Mello escreve á seu irmão, e que a **Reforma** da côrte publica, ha muita preciosidade sobre a natureza do Paraguay, descripção do terreno etc.

Felicito de coração o **Parthenon** por contar no numero de seus associados ao distincto escriptor.

Alguns jovens residentes na côrte tiverão a feliz idéa de reunir n'um volume de 112 paginas diversos escriptos em prosa e verso, publicados já em jornaes.

E' um bom serviço prestado ás letras, e oxalá que todos tratassem de seguir esse exemplo.

N'esta provincia quanta belleza em poesia se tem perdido nas columnas dos jornaes que quasi ninguem guarda!

No entanto conviria procural-as e reunil-as em volumes. Um pouco de trabalho, e isso bastaria para alcançar-se um grande resultado.

Sabemos que alguem houve n'esta cidade que tivesse a idéa de colleccionar todos os cantos dos nossos inspirados poetas; porque desanimou esse jovem e intelligente escriptor?

Vai muito desenhaibido o presente Ementario. Culpa é da falta de talentos de quem o escreve e tambem da monotonia com que passarão-se os dias d'este tão temido mez.

E' adagio popular: — **Quem diz Agosto diz desgosto.** —

Será talvez por isto que fecho o Ementario com a noticia da morte do bravo general rio-grandense João Manoel Menna Barreto.

Cahiu á 12 no campo de batalha, varado por duas balas inimigás.

Parece que um mau fado persegue a esta briosa provincia; cada combate que se fere no Paraguay rouba-lhe um filho distincto e de alta patente militar.

João Manoel, companheiro de Osorio e Andrade Neves, não lhes era inferior no valor com que se atirava ao inimigo, conquistando para a patria novas e brilhantes glorias, e para si a fama de destemido guerreiro.

O Rio Grande prantêa a morte do heroico soldado, que pelo valor de que deu provas em frente dos paraguayos e em arriscadas expedições, mereceu dos escriptores do Rio da Prata o appellido de — **Anni-bal rio-grandense**.

E disse.

31 de Agosto de 1869.

Aurelio de Bittencourt.

REVISTA MENSAL

DA

SOCIEDADE

PARTHENON LITTERARIO

1.º ANNO. — SETEMBRO DE 1869. — N.º 7

—o-O-o—

TYP. DO JORNAL DO COMMERCIO

PORTO ALEGRE

1869

COMISSÃO DE REDAÇÃO

Vasco de Araujo e Silva.
Appollinario Porto Alegre.
José Bernardino dos Santos.
Aurelio V. de Bittencourt.
Nicolau Vicente Pereira.
Hilario Ribeiro de A. e Silva.

REDACTOR DE MEZ

Appollinario Porto Alegre.

OS PALMARES

ROMANCE HISTORICO

POR

APPOLLINARIO PORTO ALEGRE

(CONTINUAÇÃO)

CAPITULO II

A noite é limpida e bella. Em seu manto de asphalto mil perolas reverberão e irião-se em prismaticas resteas que matisão a sombra das selvas.

A brisa tepida murmura baixinho na rama.

Em certos momentos quebra o silencio d'aquelles sitios uma nota de noitibó, preenhe de magico encanto e doce melancolia.

Como são encantadoras as noites de minha patria!

Quão sublimes transcolão n'alma os effluvios da poesia!

Como tudo em torno nos diz na ballata melliflua da natureza: Deus, patria e liberdade!

Eu amo... O que? Nem sei; mas esta terra inspira amores, que, na falta de objectos reaes, se dedicação talvez a uma visão passageira a roçar com azas de cherubim as raiaes do infinito!

Eu amo, meu Deus... a ti, á tua creação!

Salve! noites de Santa Cruz.

Echos da serrania, tangi vossa harpa eolia, e minha saudação repeti nos ermos.

Repeti-a, florestas cujas comas topetão com os castellos de nuves no firmamento, repeti-a no merencorio e doce farfalhar de vossas folhas a horas mortas.

O' bafagem que trêfega perpassas, ó onda que te espreguiças no jalde areal das praias, repeti, repeti meu grito de enthusiasmo.

Quem póde contemplar as paragens da patria, os mares, céos, cordilheiras, páramos e penedias tão quietos e expressivos na mudez das noites, sem, tremulo de emoção, pronunciar hosannas ao Creador?

O labio, o coração, o olhar abudão de epinicios, transbordão uma alegria pura e divina que corre, delindo-se n'um canto de intima gratidão!

Salve! meu berço, mimo de meus amores!

.....

A noite vai no seu gyro tranquillã e silente.

Da casa de Pero Lopes, pelas taliscas das portas, fogem fios de luz, cujos reflexos vão fluctuar tibios e versateis no vulto do arvoredado.

E' que inda não dormem.

Entremos n'esta casa.

Vasta sala é a primeira peça que se nos apresenta.

Ahi junto a uma mesa tosca, sentado n'uma alta poltrona de couro

está um homem. Terá pouco mais ou menos quarenta annos; é alto e robusto. Tem as celhas carregadas como por effeito da meditação, o olhar severo e fixo como o do mathematico; mas um habil physionomista leria atravez de sua retina, no fôro da consciencia, o remorso que lhe sombreava a fronte, avincando-a profundamente.

Ha apparencias que simulão virtudes, que inspirão veneração; mas não são mais que a lentejoula que brilha como o oiro, a púrpura que envolve alporcas. Espedacem-lhe o rebuço, e a realidade será triste e repugnante. Ninguém julgue pela face, a face mente, como a manceuilha ao famelico viajor; a hypocrisia feita um habito semelha á virtude, recebe preitos e homenagens como esta.

Quantas vezes os nobres sentimentos, a elevação d'alma e a inteireza de caracter não vem com o revestimento da fealdade physica, o trato grosseiro do rustico, a aspereza da voz e dos movimentos? Estes são como o diamante no cascalho do rio; guardão no seio, bem dentro de sua essencia intima, o brilho, a pureza e o seu valor real; o mundo os aprecia pela encadernação e só Deus pelo conteúdo.

O homem que acabamos de ver pertencia á galeria dos Cubins, se nos antolhava o que não era, e era o que não julgar-se-hia pela presença respeitavel que apresentava.

Era Pero Lopes.

A seu lado direito destacava-se o typo opposto.

Imagem pela architectura. Dos pés pequenos e gordos formando fracas bases sahião os fustes das pernas; sobre estes pousavão as enormes e volumosas caixas como capiteis, seguia-se assente nas duas columnas a cúpula do abdomen, roliça e saliente, como a de S. Pedro em Roma, e afinal como remate da obra a pequena esphera da cabeça.

Não conhecem?

E' Rolando, o celebre physico de Porto-Calvo.

Pois bem, Rolando correspondia exactamente ao que em portuguez chamou-se: **bonachão**; sob a estrutura grotesca do corpo existia um coração bondoso. Jamais premeditara o mal, e se muitas vezes errava uma cura, o fazia innocentemente e sem consciencia; era por acanhamento intellectual.

Alcunharão-n'o Caronte, e no entanto não o deixavão, e seus serviços tornavão-se procurados em larga distancia.

A historia de sua vida era quasi a d'um vegetal, mas nunca fôra um instrumento da maldade; tinha instinctos, mas estes guiavão-n'o sempre para o caminho do bem.

Então attingira ao quinquagesimo natalicio.

Comia, bebia e dormia em excesso, eis os seus defeitos. Só um resentimento vinha de espaço a espaço amargar-lhe as lembranças: era a campanha de 1678 onde encontrara o physico Antonio.

Desde que se virão, começara uma lucta em que Antonio tivera sempre a primazia. Quando evocava taes recordações, exclamava com azedume: Aquelle judeu! Aquelle judeu!

Mas fôra isto o passado e o presente constituição para elle um mar de rosas. Do futuro não curava, e se algum dia occorreu-lhe á mente o que ha de vir, foi pensando talvez n'uma bella madrugada, em que, depois d'um somno profundo, tivesse a tomar alguns quartilhos de leite.

Rolando afundava-se n'uma poltrona, e reclinado no espalto com as mãos cruzadas na parte superior do bojo abdominal, toscanejava.

Por certo tinham feito libações; um cangirão inda contendo vinho e dous picheis vãos sobre a mesa o indicavão.

A' esquerda de Pero Lopes destacava-se uma mulher de trinta annos, cuja tez porventura ressequira-se aos éstos de paixões vehementes na mocidade. Sombreavão-lhe a fronte algumas rugas, que se formavão e desfazião á medida dos sentimentos que lhe agitavão o coração. Sua

formosura não escoara de todo na aza veloz do tempo. Se alguma cousa lhe faltava, era o verdor e donaire idoneo á quadra florida da existencia da mulher, a frescura da pubescencia que metamorphosêa a criança n'um ente vaporoso, derramando d'entre uns labios rubineos celestes harmonias sobre a terra, n'um anjo para ejacular o pollen do amor no coração do homem, fecundando-o de sorrisos innocentes e extremes venturas.

Chamava-se Eulalia.

Era a segunda esposa de Pero Lopes.

Um loiro menino dormia em seu regaço.

Rolando dormia o somno da innocencia. Sua respiração galgando as tracheas, barafustava pela garganta e fossas nasaes produzindo sons, como os de cem fagotes soprados virilmente. O pulmão traduzia o homem.

Não é tal compleição que cahiria á influencia do marasmo ou atrophia. Os bofes e o estomago são a séde da vida da materia, como o cerebro e o coração são da vida do espirito.

O silencio reinava entre os dous conjuges.

Eulalia quebrou-o.

— Que diz então, Pero Lopes, o Sr. physico de nosso filho?

— Diz que nada é, respondeu.

— Nada é?! E uma chispa fugiu-lhe do olhar. Elle o disse? Então esta criança deixou de rir e de brincar sem causa?! Vê, como arde a testa...

Pero Lopes estendeu o braço e foi tocar a fronte do menino:

— E' verdade! Mas que havemos de fazer? Não o fui eu mesmo em pessoa demandár? Não o trouxe?

A leôa estava ferida no filho; lançou pois um terrivel olhar sobre o pobre Galeno dormindo a somno solto.

— De quem carecemos é de Antonio, ajuntou ella.

Uma ligeira nuvem annuviou o rosto do marido.

— Sim, pronunciou elle machinalmente, e mergulhou a fronte entre as mãos, como quem se recolhe para reflectir.

O silencio de novo restabeleceu-se. Ouviu-se inda o estalido d'um beijo que a mãe imprimira na face do filho, e depois... só o resfollegar compassado de Rolando.

Assim estiverão alguns minutos.

— Em tua ausencia, começou ella, chorei, Pero Lopes... Não escutas?

Elle sem mudar de posição retorquiu:

— Continúa...

— Chorei e a causa sabes de minhas lagrimas?

Suspendeu, mas vendo que não obtinha resposta, prosseguiu:

— Foi tua filha.

— Queixas! sempre queixas! tornou com enfado.

— Sempre lhe dás razão...

— Ora! Quando, Eulalia, deixarás de fomentar a discordia entre mim e minha filha? Não bastão as admoestações que hontem lhe fiz? Não estás satisfeita?

— Esquecia que empallideces diante d'ella, perdão, Pero Lopes.

— Eulalia! Bradou elle tremulo de cólera, batendo com o punho cerrado sobre a meza.

Rolando fez um movimento com a cabeça, como se importuno insecto o ferisse.

Ella nem pestanejou; nem um só vislumbre de temor desbotou-lhe a face, antes seu labio arqueou-se com sarcastica expressão.

— Não despertes Adolfo, o coitadinho dorme tão tranquillamente!

— Eulalia, atalhou elle, tu sabes porque tremo diante de Amelia, e empallideço, como dizes; sabes?

— Não vais dizer-me?

— Não motejes, é por amor de ti. E' porque matei-lhe a mãe, conforme teus perversos conselhos, para assim receber-te em segundas nupcias, porque emfim a despojei e a seu irmão d'uma legitima herança. Eis porque receio a presença de dois filhos, cuja afeição roubaste-me e que outr'ora tanto me amavão. Mulher, inda não estás contente com o sacrificio que entregou minha alma ao demo? Queres ainda a immolação d'uma innocente menina a teu rancor figadal?

Assim fallando tinha a voz saturada de profunda emoção.

Debatia-se na cathasta do remorso, como Perillo nas fomalhas de sua propria invenção.

E o remorso é como o leite da euphorbiacea, queima, abre a angustia e o desespero no coração do homem.

De novo soterrou a cabeça entre as mãos e immovel parecia soffrer inexprimivel agonia.

— Em que pensas? Porque vejo um homem d'armas tão acabrunhado? disse ella batendo-lhe de leve no hombro!

— Por Christo! Não tortures mais esta pobre alma attribulada e abatida pelo crime.

E a diapasão de stentor que ha pouco ouvimos mudara-se em suplice tono.

— Meu amigo, escuta, quando ainda agora fallava de Amelia, juro que não era desejando que a maltratasse por minha causa; juro pela alma pura e angelica de nosso filho.

Pero Lopes lançou-lhe um olhar avido, e como se quizesse sondar-lhe até os ultimos folliculos do coração; mas em vão— Um velamen de impenetrabilidade velava os traços d'aquella mulher. Se occultava más intenções, ninguem o crêra, pois havia tão suave expressão de bondade que illudiria ao mais perspicaz observador.

— Queria sómente, continuou, que por conselhos, como sabes dal-os, lhe desarraigasses certas idéas. Em quanto á offensa que recebi, esqueço-a, porque não é mais que o resultado de sua pouca idade.

— Então o que fez?

— Não a condemno, disse evadindo-se intencionalmente á interrogação, o maior culpado é seu irmão com as continuas cartas que escreve de Olinda. Em vez de aconselhal-a a bem, envenena-lhe os pensamentos.

— Mas o que é, Eulalia? reiterou a pergunta, repassada extremamente de curiosidade.

— Hoje pedindo eu que tomasse a Adolfo, e o entretesse em quanto tinha a fazer, uma disputa suscitou-se em que ella levou lampas de tal modo que o creras, só se a visses. E acabou ameaçando os emboabas, como ella dizia.

— O emboaba! rugiu abalando a meza sob a pressão d'um formidavel murro, com as faces cardenas, o olhar flammejante e as mãos crispadas pela cólera.

— O emboaba?! Ella disse?!... acaba.

O rutilo do contentamento recalcado no fundo do peito passou pelos olhos da madrastra com a rapidez d'um relampago.

— Sim, disse que o emboaba um dia cederia o lugar ao legitimo possuidor d'esta terra.

— Ah! E soltou uma gargalhada que simultaneamente reçumbrava sarcasmo, odio e vingança.

O tigre momentos antes curvado ao ezphialta do crime, atormentado por uma sombra que lhe abria perenne manancial de terrores no passado, agora de pé, altaneiro, tinha sêde de sangue, onde affo-

gasse a affronta arrojada ao brazão de portuguez, ao titulo de senhor adquirido de juro e de herdade por seus maiores, desde Cabral o navegante.

E ria com esse rir de Mephistopheles, quando feria o irmão de Margarida!

— Acabou-se tudo... Não ha mais laços de consanguinidade... Chamão-me á lucta, por Christo que não fraqueio! Ha dezeseite annos que minha espada repousa das lidas da guerra, mas seu gume inda está afiado e ha um braço que a brandirá vigorosamente. O' os miserraveis! Tudo nos devem e nos ameação! Perros! Já Fernandés Vieira foi recebido hostilmente como chefe; mas isto acaba em breve.

E arrastado no soliloquio seus movimentos traduzião a revolução que lhe ia por alma.

Eulalia interiormente sentia a mais suave effusão. A victoria era segura; custara largo tempo, mas dera um golpe certo.

Rolando, o bom Rolando dormia em paz, porque sua consciencia era um mar sem vagalhão, um céu sem nuvens. Alli na sala resaltava como o antipoda, quer physica, quer moralmente, dos entes que o cercavão. Dormia tão profundamente como os Sete Dormentes do Epheso dormia feliz, porque o reino de Deus é dos pobres de espirito e das almas puras...

— Se Amelia, proseguiu a implacavel mulher, assim fallou, é obra de Frederico, o irmão hereje e rebelde sempre disposto a arredal-a do dever... Apesar do desterro a que o abandonaste, não deixa de rebellal-a contra nós, como o fez em outro tempo. Não temos maior inimigo em toda a capitania, Pero Lopes.

— Tambem a justiça começará por casa.

(Continúa.)

THESE HISTORICA

COMBATE DE PONCHE VERDE

Uma grande excitação moral, motivada pela anarchia em todos os angulos da provincia, as dissensões e tumultos que se davão de continuo entre as autoridades da capital e o desprestigio em que cahira a classe militar em todo o Imperio, já havia arraigado nos animos o germen fecundo da revolução; e a não serem estas as razões allegadas como a origem de uma guerra civil que avultou em tão estranhas proporções, somos tentados a considerar como sua principal e verdadeira causa a politica astuciosa e traçoieira do governo que, cioso do augmento progressivo da provincia, e temendo desde então, como ainda agora, o ardor bellicoso de seus filhos, procura sempre infiltrar-lhes nas veias o veneno corrosivo da discordia, para, aniquilando-os e roubando-lhes a seiva de sua vitalidade, afastar dos altos poderes do Estado a influencia a que tem direito como guarda avançada em todos os transes difficeis em que até hoje se tem achado o paiz.

Com effeito, a 18 de Setembro de 1835, sendo presidente o desembargador Antonio Rodrigues Chaves e chefe de policia o barão de Quarahy, ouviu-se em Porto Alegre o primeiro brado de rebellião, proclamando o coronel Bento Gonçalves da Silva não depôr as armas, emquanto o presidente não depozesse o poder, e começando logo depois as hostilidades com temeraria audacia.

Tal foi o primeiro passo dado para esse spectaculo heroico e medonho de que foi theatro constante por espaço de dez annos a infeliz provincia de S. Pedro do Sul; como, porém, não temos em vista commentar os factos da revolução, senão um dos seus mais notaveis episodios, o combate de Ponche Verde, passaremos por alto sobre os feitos celebres da ilha de Fanfa, Rio Pardo, Taquary e S. José do Norte para entrarmos na apreciação do facto de que nos propuzemos occupar.

Destacando o barão de Caxias do exercito imperial a seu commando uma divisão ás ordens do brigadeiro Bento Manoel Ribeiro, afim de perseguir o chefe revolucionario David Canabarro, fez este junção nas immedições de Ponche Verde com os generaes republicanos Bento Gonçalves, João Antonio e Netto, e ahi resolverão aguardar a chegada do inimigo que não se fez por muito tempo esperar. A 26 de Maio de 1843 pela uma hora da tarde, achavão-se em campo raso e a tiro de fuzil as forças de um e outro lado; constando as dos imperiaes de 765 infantes e 859 cavalleiros, e as dos republicanos de 1800 homens em quasi sua totalidade de cavallaria. Estes ultimos, tomando a offensiva, precipitarão-se com indomavel furia sobre os esquadões imperiaes, que sempre desfeitos a cada carga, vinhão organizar de novo suas fileiras ao abrigo dos quadrados de infantaria que, formando uma massa solida e compacta, vião sobre si quebrarem-se as temiveis lanças de seus assaltantes. A peleja, pois, tornando-se geral, continuava mais e mais calorosa, sem que a sorte da victoria parecesse inclinar-se para algum dos combatentes. N'estas circumstancias os chefes republicanos, vendo a impossibilidade de romper os quadrados que, apoiados á beira de um mato, havião recolhido á seu centro os cavalleiros que ainda combatião nos flancos, e tomando (dizem) um espesso nevoeiro que se elevava do sul — (causado por uma tropa de cavallos que vinha do Estado Oriental) — por um auxilio que chegava aos

imperiaes, convierão desistir de um ataque que tornaria inutil e desastrado o proprio triumpho.

Em consequencia d'esta resolução, tocando retirada e proclamando-se vencedores, levarão consigo toda a cavallada e bagagem dos imperiaes que, não obstante, ficando senhores de sua posição, se julgavam com direito ao mesmo titulo. A mortandade que foi igual de parte a parte chegou a perto de 1000 homens.

Assim, depois de duas horas de sanguinosa e porfiada lucta, onde erão combatentes irmãos iguaes em odio e valor, teve este cruento drama por desenlace a perda de mil vidas n'uma batalha duvidosa. E erão estes aquelles mesmos partidos que então se disputando a victoria, havião d'ahi a dous annos, sob os mesmos chefes, sob os mesmos arraiaes, e contemplando ainda os destroços de uma peleja recente, suffocarem-se em lagrimas de alegria e unirem-se em amplexos de amizade — voltando a restituir aos desolados lares a tranquillidade que lhes furtára tão calamitoso decennio. E com effeito foi n'esse mesmo memoravel Ponche Verde que o general republicano David Canabarro fazia entoar os primeiros canticos da paz, que era logo do modo mais digno e honroso para a provincia, proclamada pelo general imperial então barão de Caxias, nas margens do Rio Santa Maria a 1 de Maio de 1845.

Porto Alegre, Agosto de 1868.

F. A. F. da Luz.

Quartél-general do commando em chefe do exercito junto ao Passo de D. Pedrito 3 de Junho de 1843.

ORDEM DO DIA ADDICIONAL N. 51.

Camaradas! A 2.^a divisão do exercito que atravessou o rio Santa Maria no Passo do Rosario, afim de perseguir o caudilho David Canabarro, que se dirigia a Alegrete, a qual margeando depois o dito rio pela esquerda devia fazer junção com o grosso do exercito nas immedições de Bagé, perseguiu de tão perto aquelle caudilho, que tendo-lhe derrotado e tomado grande porção de cavallos, artilharia e bagagem, etc., como já vos annunciei na minha ordem do dia n. 47, o obrigou a chamar em seu soccorro os chefes rebeldes Bento Gonçalves, Netto, João Antonio, e todas as mais forças da intitulada republica, que fugindo ao encontro do grosso do nosso exercito, se achavam pelas immedições de Bagé; e sabendo elles que a referida divisão estava reduzida a 759 cavalleiros e 665 infantes, por haver destacado 700 combatentes com o coronel Arruda para a mencionada villa de Alegrete, fizeram junção nos arredores de Ponche-Verde; e ahi em numero de 2,500 rebeldes e alguns orientaes, capitaneados pelo caudilho Santander, esperarão nossos bravos.

Com effeito pela uma hora da tarde do dia 26 do mez proximo passado a referida divisão que vinha em marcha, em campo raso proxima á casa dos Cunhas, se achou á vista de todo o exercito inimigo: immediatamente os batalhões 3.^o de fuzileiros e 9.^o de caçadores formaram quadrados em echelon, collocando-se nos flancos os corpos de cavallaria de guardas nacionaes ns. 3, 8, 9 e 12, e assim esperarão o ataque. Vendo o inimigo o garbo de nossas forças, apesar da desproporção do numero, hesitou por algum tempo, até que podendo contornal-as, carregou por todos os lados; a peleja se tornou geral, nossa cavallaria com aquella bravura que tanto a distingue, e da qual tem dado tão sobejas provas, repelliu com galhardia as cargas, e a seu turno carregou sobre elle, vindo por diversas vezes reformar-se ao abrigo dos quadrados, quando por forças duplas foi atacada, abrindo sempre brecha nos esquadrões inimigos que ousarão resistir-lhe. Nossa infan-

teria, segundo a parte do Sr. brigadeiro Bento Manoel Ribeiro, commandante da citada divisão, e o testemunho de todos os que presenciaram o combate, obrou prodígios de valor, quer resistindo ás cargas de cavallaria que o inimigo fez sobre ella, quer repellindo o fogo dos dois batalhões da infantaria rebelde que tentarão atacal-a; e o mesmo Sr. brigadeiro confessa terem sido os quadrados do 3.º batalhão de fuzileiros e 9.º de caçadores, os baluartes inexpugnaveis onde tantas vezes se refizerão nossos cavalleiros, sendo para admirar que dois batalhões tão novos e que pela primeira vez entrarão em combate regular, mostrassem que em nada são inferiores aos veteranos batalhões d'este exercito, que já em Taquary e S. José do Norte levarão o espanto e o terror ao meio das fileiras d'esses mesmos rebeldes. O inimigo depois de mais de duas horas de combate, vindo que nenhum resultado tirava, além de alguns cavallos da reserva da divisão, que a elle mesmo tinham sido tomados, e que já alguns de seus corpos estavam reduzidos á metade da força com que haviam entrado em combate, que seus soldados recusavão encarar de perto os nossos e que o campo de batalha achava-se juncado de seus cadaveres, retirou-se confuso e abatido, e de certo seria perseguido se o estado de nossos cavallos o permitisse.

O inimigo deixou no campo cerca de cem mortos, entre elles cinco inculcados officiaes, teve perto de 150 feridos e para mais de 300 extraviados; no entanto que de nossa parte apenas tivemos 1 tenente, 2 officiaes inferiores e 31 soldados mortos; 4 officiaes, 5 inferiores e 28 soldados gravemente feridos; 3 officiaes, sendo um d'elles o Sr. brigadeiro commandante da dita divisão, 6 inferiores e 18 soldados que recéberão feridas leves, além de um tenente que sendo ferido, ficou prisioneiro.

Particularisar a todos os individuos da predita divisão que se distinguirão seria impossivel, porque todos se portarão com bravura, porém elles podem ficar certos de que conservarei seus nomes em memoria, e os levarei á augusta presença de S. M. o Imperador que saberá galardoal-os como tanto merecem; limitando-me a louvar a conducta do supradito Sr. brigadeiro, e o denodo com que se portarão os Srs. coronel Antonio de Medeiros Costa, commandante da brigada de cavallaria, tenentes-coroneis Luiz Manoel de Lima e Silva, commandante do 9.º batalhão de caçadores, João Propicio Menna Barreto, commandante do 3.º corpo de cavallaria, Manoel Adolpho Charão, commandante do 12 corpo, José Joaquim de Andrade Neves, commandante do 9.º de cavallaria, José Ignacio da Silva Ourives, commandante do 8.º da mesma arma; majores Francisco de Lima e Silva, commandante do 3.º batalhão de fuzileiros, Agostinho Gomes Jardim e João Antonio Severo, o primeiro do 3.º corpo de cavallaria, e o segundo do 12 corpo da mesma arma.

O Sr. brigadeiro commandante da 2.ª divisão muito elogia a conducta dos officiaes do seu estado-maior, e faz especial menção do capitão meu ajudante de ordens que servia então de major de divisão Pedro Maria Xavier de Oliveira Meirelles, pelo bem que se portou no combate, animando os soldados com repetidos vivas a S. M. o Imperador, e communicando suas ordens com promptidão, offerecendo-se logo depois d'elle para ser portador da parte que dirigiu ao seu quartel-general, tendo de atravessar durante a noite oito leguas por lugares occupados por partidas inimigas; e bem assim da bravura que apresentou Demetrio José Ribeiro, que sendo tenente-coronel ao serviço dos rebeldes, abandonou a sua causa, apresentando-se-me para fazer parte do exercito.

Barão de Caxias,
General em chefe.

O CELIBATO

EPISTOLA III.

De novo a penna empunho alegremente,
Pretendo convencer-te, embora morra
Minha voz de tua alma no deserto;
Não nego da verdade o santo auxilio
Aos proprios inimigos, seus preceitos
Vou a todos mostrando, em vão que fôra,
Quanto mais a ti, meu caro Pylades!

Sabes que a discussão devéras amo,
Nobres luctas a todos proveitosas.
Discutamos, portanto.....

Agora ri-me

Ao pensamento estranho que passou me
Celere pela mente.

O céu tropeja

Terrível tempestade açoita o tecto,
Onde calmo te escrevo. Mas se agora
Electrica scintilla me abatesse
Junto á tinta, ao papel, eximias armas
Do seculo que vai, o que dirião
Os phariseus ignobeis, vãos escribas,
Hostis ao matrimonio? Diz me, amigo;
— Foi castigo —; não é? Conheço a lamina
Com que ferem tartufos miseraveis
E vendilhões do templo, sei que lanção
No terreno maninho da ignorancia,
Nos simples corações do povo rude
Taes sementes que brotão, que vicejão
Como a má herva nos incultos campos.
Deixemol-os, porém, ao lodo entregues
Volvamos ao mister que nos occupa.

Recebi tua carta e fiquei triste
Ante a mudança que de dia em dia
Operando vai-se em ti; não és o mesmo.
Não pensas mais, os dogmas apresentas
Como egide robusta em que se embotão
Do raciocinio ingente os golpes fundos;
Os textos do latim do — Flos Sanctorum —
Phrases da Imitação, quaes chuvas tombão
Sobre minha miserrima pessoa.
O engenho é ociosa faculdade

Para quem saturou-se em theologia,
Em fastos dos concilios e outros tantos
Honestos bacamartes?

Não te afflijas
Se fallo sem respeito d'esses livros
Que pesão na memoria sem proveito.
A religião tão pura do Calvario
Não falla d'elles, a doutrina deu-nos
No coração escripta como em marmore,
Perca-se o Evangelho e sempre fulgida.
De frescas forças cheia irá trilhando,
Que a verdade não morre, vive sempre.
Finde o mundo, não haja mais um crente
E ella inda viverá na eternidade.

Pasmei ante a fraqueza que te curva!
Tu sublimas a vida de Thereza?!
Tu queres imital-a, meu amigo
Queres o extase-febre da virtude,
Delirio das idéas, o impossivel!
Tu admiras Macario na Thebaida,
Simeão na columna, retirado
Do mundo de miserias, como o chamas!
Com entusiasmo me fallas de Jeronymo,
Em mysticos arroubos vai tão longe,
Que o mundo esqueces, nem sequer o tocas!

Crês o ascetismo o fim d'um ente livre?
Antes de Valmiky no berço olente,
Ao pé do sacro Ganges te retires;
Ahi tens para exemplo heróes de pedra
Nas faquires immoveis como estatuas,
Que na mesma attitudo mezes ficão!
Antes vai a Ispahan, ahi desviches,
Sectarios do Koran te ensinem doutsos
Como se passam horas de indolencia,
Como se come fogo e corta o corpo . . .
Amigo, procurando tal caterva,
Procuras a materia, a inercia, o nada,
Satisfeito te julgo em teus delirios! . . .

Estás doente, temo taes transportes . . .
O homem é só espirito? responde,
Não, pois em si concentra dois principios,
Logo abrange o dever espheras duas,
Uma á substancia simples se refere,
Outra d'argila á tunica pertence.
Deus assim nos creou de céu e terra,
Pôz-nos entre a materia e seus archanjos.
A vida social que sente e pensa,
Vida de duplos moveis, essa é nossa.
Sejamos a harmonia de dois mundos
Não descámos ao mundo da alimaria,
Não subamos ao mundo além dos astros,
Além do que comporta humana força.

Do matrimonio fazes um perigo,
Contas uns teus amores inditosos
De tempos que se forão (gratos tempos!)
Blasphemias de mulheres fementidas,
E crês que outra victoria ainda alcanças.
E' bella a conclusão! Os teus amores,
Cem mil mulheres mais que traga a historia,
Não servem de argumento que fulmine
Da familia a divina magestade,
As virtudes da esposa e o terno seio
De carinhosa mãe.

Em vão blasphemias!
Uma lei natural eterna vive.
Suppõe que assim pensasse o orbe inteiro,
Que ardente ao celibato se entregasse,
E diz-me quem a terra habitaria?
Os decretos celestes quem cumprira?

Da solidão fizeste a apothéose,
Exclamando enlevado: "O' doces gozos
"Que a solidão derrama em nossa vida!
"N'ella doirados sonhos á alma descem,
"O diaphano anil dos ares limpidos
"Na consciencia escôa, amenas auras
"O coração perfumão, tudo é grato,
"No tugurio em que mora o cenobita,
"Na mansão affastada dos tumultos
"Que remoinhão sempre nas cidades,
"Alcoices de miasmas que mareão
"Do espirito a candura. Horas se passam
"No regaço de Deus, o contemplando.
"Com Jeovah e Jesus a sós vivemos.
"Não temos exigencias d'uma esposa
"Nem dos filhos os gritos importunos."
E' arroubo poetico? Não creio...
E' doença, **blue-devils** que consomem
Tão bella intelligencia d'outras éras,
Tão forte compleição de que eu pasmava.
Estás qual de Vigny o pobre Stello.

O padre não se fez para o silencio,
Seu cajado um rebanho, com cuidado,
Guia ao vale proficuo d'aurea crença;
Suas vozes não são para o deserto
E sim para as cidades, para os homens,
Onde ha a creatura que duvida,
Que soffre, que não crê, onde dos erros,
Com passo destemido o espectro vaga,
Onde as paixões refervem nos abysmos
E a virtude de vícios se rodêa.
E'hi o longo estadio da jornada,
Hi estão esses marcos que elle deve
Ir correndo, romeiro do Evangelho,

Deus diz a seus levitas: Eis o campo,
O coração humano quer cultura,
Semêem a verdade — eis o trabalho.
Não germine o joio junto ao trigo,
Ao agrião não misture-se a cicutá.
Mondem a gleba desvelados sempre.
Eu farei a colheita, e aí d'aquelles
Que o mandato esquecerão, descuidosos!
Por cada fructo eivado que eu recolha,
E por cada semente que me falhe
Para elles uma pena e sempiterna!

Vês? E' util o padre nos conflictos
De interesses que embatem-se entre os povos.
Sua missão esteril no silencio.

Não venhas contestar-me com o sabio
E o poeta que vivem solitarios.
Camões, eis um exemplo, á negra gruta
Silente de Macáo, com ledice,
Dias, semanas, mezes s'entregava.
Porém Camões deixou-nos os Luziadas;
Pelico sepultado de Spielbergue
Em feio calabouço lega um livro
Que faz-nos bemdizer-lhe a mésta sorte;
Newton no isolamento, como o vulto
Que a prisca Syracuza immortalisa
Arcanos devassarão da sciencia.
Esses na solidão nos derão fructos;
Mas o immoto Stylita, diz-me, amigo,
Que memoria deixou além d'aquella
Que Erotrato recorda aos tempos d'hoje?

Se Noé os lagares descobrira
Para a vinha expremmer saudavel succo,
Tubalcaim o ferro fabricára,
E outro a mó que a semente em pó transforma,
Fica certo, lhes deve o mundo inteiro
Mais gratidão que aos áscetas que elevas,
Preconisas em sonhos delirantes.

Terminando, repito como sempre:
Maldito o que mutila a natureza!
Maldita a lei que o sacrilegio ordena!
Empenhei-me na liça, espero soffrego
Que me respondas á estirada epistola.

Appolinario Porto Alegre.

POESIAS

NÃO SCISMES

I

Que sonhos fictícios são esses que envolvem,
tua alma encoberta por candido véo?
são gratos enlevos, ó tímida virgem,
que gozão, que sentem os anjos no céu?

Será por saudades, por crença ou esp'rança
que scismas tão triste, que pensas assim?
Ou são os arroubos dos sylphos que fallão,
que fallão voando nos ares sem fim?

Serão as lembranças da infancia querida,
que assim tão dormente te fazem scismar?
ou é que no peito, já preso de amores,
desbrochão as flores com teu meditar?

—o-O-o—

Não scismas mais, linda virgem,
oh! não medites mais, não;
já me chora o coração
por te ver assim penar.
Tem fé no amor, feiticeira,
deixa tu'alma sorrir,
não queiras a Deus mentir
tentando ao peito enganar.

És virgem, formosa e casta,
és innocente e criança;
e se tens n'alma a esperança,
porque a fazes soffrer?
Não scismes mais, ó donzella,
não entristeças assim.
Ergue a fronte, cherubim,
que o scismar faz padecer.

Ergue a fronte, linda pomba,
esquece a dor, esse enleio;
deixa o sorriso em teu seio
acalmar os soffrimentos:
O' não sejas tão calada
n'um retiro, suspirosa,
como a rolinha queixosa
que á veiga solta lamentos!

Esquece a dor, virgemsinha,
ergue essa fronte singela,
que és a mais linda estrella
em céu sereno a brilhar;
Ah! não queiras ver tão cedo

teu coração innocent
viver triste e descontente
n'esse fundo meditar!

II

Casto enlevo que um peito de criança
alimenta na fé mais pura e viva,
doce illusão que n'alma da donzella
ent'ré visões de amor ergue-se ativa!

Nasce do sonho. E a mente vaporosa
que um ideal formou em mundo vago,
se julga que respira só perfumes
vai sorvendo a cicuta trago a trago.

Meditação!... Sonhar amargo e doce
que as trevas occultar em vão deseja;
rosa galante que o espinho acata
e mata o colibri que em torno adeja.

Lago profundo onde a lua argentea
banha-se núa prateando as aguas;
é manso e bello, mas no leito fundo
guarda-se o lôdo que prediz as magoas.

Orla de fumo em aspiral formato
que pouco a pouco se toldou nos ares,
globo de gelo que tornou-se liquido,
e jaz perdido na extensão dos mares.

Oh! não acordes, ou não durmas nunca
entregue ao goso de illusões tão bellas!
são puras nevoas que esvaecem logo,
e a vida pôde esvaecer com ellas.

—o-O-o—

Sim; que o scismar é um tormento d'alma
nectar envolto de lethal cicuta,
é veneno cruel!...
E ai d'aquelle que, perdida a calma,
em vão tentando não cahir na lucta,
suga-lhe o fel.

Vem o delirio atormentar-lhe ao leito,
atroz martyrio de um punhal que offende,
e a fé perdida!
suffoca a angustia o coração no peito,
contorce irado, mais a dôr se estende,
foge-lhe a vida!

Criança loira que lá corre anciosa,
atraz da branca borboleta erguida
sobre a flôr;
e n'essa louca embriaguez que gosa,
não sente o cardo que lhe rouba a vida,
não sente a dôr!

A CUNHA VASCO

Eu li teus versos, inspirado moço,
E attonito fiquei sentindo o genio
Que te refere n'essa fronte augusta,
Meu nome celebrar em aureo metro;
N'esse que apenas só é dado a poucos
Com graça modular na lusa phrase.

A aguia soberba que no céu da gloria,
O sol abrasador fita sem medo:
As longas azas retrahiu, baixou-se,
E quiz depois arrebatat comsigo,
A tímida avesinha que abrigada,
A' sombra da indifferença não conhece,
Outro horisonte que não seja aquelle,
Onde medrosa e pipilando ensaia
Os rastejantes vôos.

Na cruel solidão de affectos meigos,
Em que tu, meu poeta, vês passarem,
Da mocidade os teus mais bellos dias:
Nunca se te inundou de pranto a face,
Ao ver por noute calma a lua em ondas,
Espargir um clarão que nos fascina,
Nos leva ao mundo de acordados sonhos?
Talvez, buscando, d'esse pranto a origem,
Trouxesses á memoria a leda infancia,
O conforto do lar e os mil affagos,
Que em pequenino os teus irmãos te derão.
— Delicias que só podem ser julgadas
Ai, por quem como nós vaga no exilio! —
Depois, fitando o teu olhar saudoso
No azul do mar ou na campina verde,
Sentisses n'alma aquella dor immensa,
Que inda nome não tem na lingua humana:
Ser moço, e sem amar, morrer d'amores! —
Como tu, meu poeta, eu sinto na alma:
Medonha solidão, escura noute!
Como os teus dias, os meus dias correm,
Sem que d'um brando affecto os doces laços,
Me prendão com amor ao mundo e á vida!
Ai quantas vezes no silencio triste,
Das noutes desvelladas, eu pergunto
A mim, a Deus, á minha sombra, a tudo:
Que vale ter no peito um cofre aberto
Ás brandas sensações, e vel-o apenas
No seio enthesourar negra saudade!...
Então n'esses instantes melancolicos,
A musa da tristeza, a minha fada,
Vem debruçar a loura cabecinha
Sobre meus hombros, e cicia os cantos,
Que a ti, com timidez com susto ás vezes,
Em busca da lição, eu hei mostrado.
Mas é debalde, que o segredo magico
Não se transmite! esse condão do genio,

Recebem-n'ó de Deus os seus eleitos,
E quando a pedra tumular os cobre,
Rasga a materia a emanação divina,
Vai para Deus, deixando á terra um nome.
Assombro ás gerações, ao mundo assombro!

Quando nos versos teus fito meus olhos,
E unidas vejo com tão raro acerto:
Fórma severa, idéa peregrina,
E' tudo a respirar um sentimento
Tão cheio de purissima candura;
Ai, crê minh'alma no seu grato arroubo,
Que alli no teu cantar palpita a queixa,
De criança chorosa a quem roubarão,
O enlevo de seus olhos, o seu brinco.
Tanto mimo e ternura o canto encerra!
Então... não sei... mas um presagio negro,
Medonho, horrendo, me esvoaça em torno,
Da douda fantasia á dor propensa!
Receio, ouvindo-te, oh meu branco cysne,
Que a morte impiedosa, venha e exclame:
— Na terra quem a voz d'anjos imita,
Não é da terra, a seus irmãos pertence! —

Eu sei que o meu temor é como as aves,
Pairando ao longe sobre o nada firmes;
São extremos talvez do muito affecto,
Que ao mancebo tambem prende a minh'alma;
Mas quem viu com saudade abrir-se um tumulto,
E n'elle ir-se esconder na flor dos annos,
O mimoso cantor das **Primaveras**:
Tambem por ti deve temer, oh bardo!
Sêmpre foi esta do talento a sina!
Começa a gloria a entretecer grinaldas,
E a morte inclina-se a plantar cyprestes!
E tu que de repente — ave sublime —
Os echos da floresta assim acordas,
Com taes preludios que emmudecem cantos;
Sim, tu, cujo talento irrompe fervido
D'esse teu craneo, como irrompe a lava
Do seio de um volcão; diz me: é loucura,
Dar o meu coração lugar ao medo,
E na mente abrigar tristes presagios
Se tudo em ti já denuncia um genio?...

Esquiva-te, porém, á voz do susto,
Que a lei fatal aos labios meus impede.
E' bella a vida, e tu és moço; oh canta,
Que eu vendo-te, qual és, criança ainda,
Um colosso futuro em ti prêvejo!

1869, Setembro 15.

Gonçalves Junior.

CHERUBIM DE AMORES

(RECITATIVO)

A'.....

Era de noite... dos ipés á sombra,
Na verde alfombra te beijava terno;
E no teu rosto de brilhante alvura
Quanta doçura de um amor superno!...

Eramos juntos!... Desmaiava a lua
Na fronte tua de mortal pallor;
Convulsa, tremula, empallidecias
Porque temias meu febril amor.

Tu me fallavas, temerosa, meiga,
Como na veiga a jurity que chora;
Casado o pranto ao estalar dos beijos,
Loucos desejos de quem muito adora!

Tu me sorrias n'um sorrir d'archanjo,
Eras meu anjo, meu amor, meu Deus;
Louco, perdido, me entreguei contente
E docemente aos mil affagos teus.

Ebrio d'amores duvidei da vida,
Julguei mentida tão ditosa scena,
Julguei sonhar em um febril delirio
Doce martyrio que o penar serena.

Eramos sós e dos ipés á sombra,
Na molle alfombra te fallava a medo;
A viração louca soltava queixas,
Tristes endeixas em subtil segredo.

Em meu regaço adormecestes bella,
Sublime tela de innocente amor;
Cerraste os olhos á um beijo meu,
No rosto teu de sepulchral pallor.

Oh n'esse beijo quanto amor bebi,
Quanto sorvi de tua alma virgem
Nem mesmo sei, pois julguei sonhar
Ou delirar em divinal vertigem.

Era bem tarde! gemedora a brisa
De leve alisa dos vergeis as flores;
E d'entre os ramos dos ipés transluz
Serenâ luz em cherubim d'amores.

Julho de 1869.

Achylles Porto Alegre.

A MISSA DO GALLO

(Fragmentos d'um livro.)

(CONTINUAÇÃO)

II.

DESARRANJOS CONJUGAES

Ambrozio da Silveira tinha descido para a loja de negocios, deixando sua mulher no toucador luctando com uma alluvião de idéas extravagantes, que lhe tumultuavão no cerebro.

Que a sumptuosidade do luxo, e a praga das modas, que continuamente importamos do estrangeiro, são os principais motores da corrupção dos costumes sociaes, é para nós um problema resolvido.

Quasi podemos affirmar que a demasiada prodigalidade com que Ambrozio satisfazia as exigencias de sua cara metade, concorrerão para os derrancamentos de sua alma!

Na existencia social da mulher, por indole — vaidosa, — ha sempre um vacuo, um anhelio a satisfazer.

A sêde insaciavel dos desejos multiplica-se á medida com que se vai satisfazendo, e ai do desventurado marido que leva a sua complacencia a tolerar a realisação do ultimo, que a quêda da mulher é inevitavel.

Angelina habituada a ver todos os seus caprichos satisfeitos, encontrou-se um dia ao espelho e disse — Sou bonita, moça e rica! meu marido não se poupa em colocar-me pelo explendor do luxo acima de minhas companheiras; porque não hei de tambem ter um amante?

Este desejo de possuir um amante não se manifestaria em Angelina, se o desventurado marido, em lugar de pianos, brilhantes e sedas, lhe dêsse agulha e linhas afim de entreter-lhe o espirito nos amanhos domesticos.

Em frente á casa do Sr. Ambrozio morava um moço chamado Eduardo.

Os attractivos d'este personagem tinham chamado mais de uma vez a attenção de Angelina.

As inclinações pronunciarão se mutuamente aos reflexos vagos da poetica luz crepuscular, que seja dito de passagem, a Sra. Angelina tinha o seu **quê** de poesia!

Os aventureados visinhos passarão rapidamente dás formalidades de um cumprimento glacial, aos olhares significativos, e logo em seguida aos poeticos devaneios de uma correspondencia epistolar.

Angelina dominada pela idéa da prevaricação tinha dado o primeiro passo na senda do crime.

Cumpre-nos fazer aqui uma observação, que longe de isentar Angelina do crime do adulterio, não deixa comtudo de attenuar-lhe a culpabilidade.

Ambrozio da Silveira, posto recommendar-se pela robustez de um physico agradável, tinha gasto o vigor da mocidade nos desenfreamentos de uma vida desregrada. Alquebrado pela velhice e pelo abuso dos praseres que o privarão do exercicio de suas funções, não foi sem grande descontentamento que o bom do velho se viu prohibido de perpetuar pelo matrimonio a illustre prôle dos Ambrozios Silveiras.

A' vista d'esta circumstancia, aliás pouco lisonjeira para um cabeça de casal, a joven e bella Angelina procurou no exterior um ambiente mais perfumado e vigoroso, que o que respirava na athmosphera abafadiça do lar domestico.

Este acontecimento monstruoso sirva do mais solemne protesto contra o matrimonio contraído entre um velho decrepito com uma moça cheia de vigorosa vitalidade!

Angelina tinha dansado com Eduardo no ultimo baile da soirée, onde combinarão uma entrevista amorosa, que deveria ter logar na occasião da missa do gallo.

Com as idéas embebidas exclusivamente nas delicias de um praser futuro, Angelina não pudera dormir tranquilla, como o demonstramos no capitulo antecedente.

.....

A hora fatal da entrevista aproxima-se.

Veremos agora se os dois amantes forão felizes n'essa criminosa aventura.

III.

.....

O JURAMENTO E O ADULTERIO

O sol ardente do dia 24 de Dezembro de 1861, que tinha raiado esplendido, declinára no ocidente encoberto por um espesso véo de nuvens pardacentas.

O vento sul principiava a soprar forte, e de quando em quando a luz momentanea do relampago atravessava o espaço.

Não obstante a revolução dos elementos presagiar uma noite tenebrosa e ameaçadora, as familias cruzavão as ruas d'esta cidade em demanda dos vapores, que do trapiche da alfandega partirão para a localidade do Menino Deus, onde o povo convergia a saudar o nascimento do Redemptor do mundo!

A's 11 horas da noite, porém, já reinava o silencio.

Apenas algumas familias mais devotas atravessavão a praça com o fim de assistirem á missa do gallo.

O vento que soprava com violencia tinha apagado a maior parte da illuminação publica.

A noite continuava borrascosa e ameaçadora.

Nenhuma só estrella rasgava aquella uniforme escuridão do firmamento!

Apenas alguns raios de luz coados pelas janellas do templo reverberavão nos edificios fronteiros.

E todavia a igreja apinhava-se de gente!

Uma boa parte da nossa luzida sociedade alli se achava ajoelhada e contricta ante a imagem de Deus e do gracioso encanto do berço de Bethlem!

Perto do altar-mór permanecia de joelhos um vulto de mulher.

Com os olhos fixos nas orações do Evangelho, parecia que a irradiação do amor divino inundava a alma de suavidade e luz!

De repente um movimento geral se manifestou na multidão dos crentes, que tomavam unânimes uma attitude respeitosa.

Era a imagem veneranda do sacerdote, que approximando-se do altar, ia principiar o sacrificio da missa.

O vulto da mulher de que acima fallamos, não querendo espediar aquelle momento de agitação, evadiu-se furtivamente pela porta da sacristia, sem que fosse presentida.

Alguns minutos depois aquelle mysterioso vulto permanecia atraz da igreja calado e quedo, como a estatua do silencio!

A luz de um relampago illuminou o rosto d'essa mulher, em cujas feições se distinguirão todos os traços physionomicos de Angelina da Silveira!

Aquelle clarão electrico illuminando rapidamente o velho cemiterio, que a mão *civilisadora* de nossa diocese transformára em seminario episcopal, desenhou aos olhos de Angelina uma alluviação de visões phantasticas que a fizeram estremecer de pavor!

Angelina, inda que tomada de susto e terror, esperava resoluta o seu querido Eduardo.

Elle, porém, não se fez esperar. Surgindo d'uma especie de baraca onde se tinha occultado, correu a abraçar sua extremosa amante.

— E's tu, Angelina?! meu anjo, quanto sou feliz em abraçar-te!

— Eduardo, não sabes a quanto me exponho por tua causa! Estou assustadissima! muito pôde o amor no coração da mulher que te adora!

— Angelina, eu sei avaliar, pelo perigo a que te expozeste, a extensão do amor que me consagras, e permitta o céo que nos affagos de meu peito, encontres a recompensa de teus sacrificios.

— Ah! Eduardo, este momento de suprema felicidade pago com a vida, não era caro!

— Eu te agradeço, meu amor; mas diz, como foi que podeste vir aqui?

— Muito bem, Eduardo; como sabes, o meu marido para fugir aos apertos da igreja, fica sempre no adro á espera que acabem as solemnidades religiosas.

— Compreendendo, Angelina; não temos tempo a perder; dá-me um beijo, disse Eduardo, agarrando-a violentamente pelos pulsos.

— Eduardo, não abuses de minha fraqueza; não exijas de mim mais que os protestos de um sentimento affectuoso! disse Angelina, cedendo comtudo aos impulsos do arrebatado amante.

Após alguns momentos de lucta silenciosa, Eduardo proseguiu:

— Não te esquives, Angelina, dá-me um beijo, um só.

— Não, Eduardo, ainda não... sim... eu não queria cahir no teu desagrado, mas... não... receio... receio muito que a tua leviandade de moço me comprometta, que vás divulgar o segredo de nosso amor.

— Eu te juro, Angelina, pelas cinzas dè minha mãe! este segredo irá commigo ao tumulo!

— Mas se uma circumstancia qualquer nos descobrir aos olhos da sociedade?

— Que importão os preconceitos sociaes quando a voz da natureza brada tão alto? Despe esses temores e deixa que eu comprima d'encontro ao meu o teu collo voluptuoso.

Um beijo ardente estalou nos labios de Angelina, que tremula e vacillante, n'um deliquio amoroso, se deixára cahir nos braços do mancebo.

E depois?

O que se passou n'essa hora
E' segredo... não direi!
Foi um sorriso d'aurora
Um delírio... nem eu sei!
Foi um balsamo celeste
Que tu ingrata lhe déste
De teus lábios a sorver!
Foi d'amor terno gemido
Do seio d'ambos fugido
Que vos fez enlouquecer!

Após longo silencio, ouviu-se um tumultuar ruidoso.

Erão os fieis que deixavão o templo do Senhor.

Angelina apertando subitamente a mão de seu amante disse: —
Guardas segredo, Eduardo?

— Juro, respondeu elle.

— Pelo que ha mais sagrado? tornou Angelina.

— Pelas cinzas de minha mãe!

— Basta, Eduardo, adeus.

A imagem encantadora de Angelina desapareceu aos olhos de
Eduardo como a visão phantastica d'um sonho vaporoso!

EPILOGO.

São duas horas. Eduardo dorme a somno solto, sonhando com as
aventuras d'essa noite.

Angelina da Silveira, depois de fazer d'um acto religioso instru-
mento de suas devassidões, disputa em alta voz com seu marido por
ter ficado no adro da igreja.

Ha tantas mulheres assim!

Nicolau Vicente.

A LIBERTAÇÃO DAS CRIANÇAS

Não devia passar despercebido para a capital do Rio Grande o dia da pátria, o anniversario da nossa emancipação politica.

A cidade festejou-o dignamente, e á sua frente o **Parthenon Literario** tornou-se o arauto da idéa liberal que devia remir o captivo innocente em commemoração da liberdade politica que havíamos conquistado no dia 7 de Setembro.

A situação é gelida, fria como os paramos do norte da montanhosa Dalecarlia, escura como os seus breves dias de inverno; passaria na monotona expressão do cortejo, de algum viva mal correspondido, e na pallidez de descoradas luminarias postas como em sarcasmo nas janellas de edificios fechados onde funcção as repartições publicas. Passaria taciturna, como vão passando os echos dos gemidos d'outr'ora do servo da gleba ante os ferreos portões do castello russo.

Não o consentirão, porém, os sentimentos patrioticos que nos animão. Lembrão-nos ainda as fervorosas ovações, os hymnos ardentes que levantavão no dia da independencia á pátria que quebrára os ferros, e o odio que votavamos ao despotismo que viramos medonho descer aniquilado para os antros escuros d'onde não devia ter sahido.

E estas reminiscencias patrioticas, estas tradições do enthusiasmo popular, disserão-nos que tomássemos a iniciativa na festa da liberdade; não hesitamos, quando nos lembramos que o **Parthenon**, esse ninho da mocidade porto-alegrense, digna sempre no prelo das idéas, já nos havia considerado, e que nos podia entender no caminho em que queríamos ir.

Formulamos a idéa, esboçamos o programma. O **Parthenon** aceitou-os, fez mais do que tínhamos imaginado.

A festa, a commemoração do dia nacional devia ser feita, dando-se a liberdade aos innocentes, ás crianças que podessemos haver do berço escravo.

O **Parthenon** fez correr uma subscrição entre a população, e tudo dispóz para exhibir um espectáculo de gala em honra do 7 de Setembro, cujo producto integral seria destinado á manumissão.

Era fervido o enthusiasmo da mocidade, os liberaes concorrerão, um apoiado bem pronunciado partiu do seio do directorio liberal, o nobre e elevado coração do Exm. Sr. conselheiro conde de Porto Alegre não ficou estranho á idéa, adiantou-se na arena e traçou um pensamento digno do generoso povo rio-grandense, creando a **Sociedade libertadora dos escravos**, cujos estatutos acabão de ser approvados.

Os esclavagistas estremecerão, alguns senhores mal intencionados especularão; bagagem dos partidos, essa turma que está sempre á mercê do poder, riu-se com estúpido desdem, e a situação presentiu um golpe certo que lhe dirigíamos.

D'ahi os obices, as difficuldades com que o **Parthenon** teve de lutar e que retardarão a festa santa da liberdade até o dia 19.

Mas, enfim, chegou o momento. O **Parthenon**, radiante em seu triumpho, ia desfechar um tremendo golpe nos prejuizos e falsas idéas de muitas gerações que forão nas passadas idades. Era a **abolição da escravidão domestica** no seu mais esplendido apparato. Artigos de jor-

nal, uma longa e bem dirigida propaganda não valem o mundo de idéas, de grandiosos pensamentos que alli ião resumir-se.

O theatro estava litteralmente cheio, não havia um logar vago em todo o salão, nem nos camarotes. A anciedade, e a expectativa publica era imponente.

Levantou-se o panno: era o **Elogio Dramatico** que havíamos esboçado, e cujos versos deramos á composição dos jovens e ardentes poetas da nossa cidade, que ia ser recitado. Os compositores tinham comprehendido o pensamento e tornado-o sympathico.

A **Liberdade** visitando as plagas brasileiras encontra o **Brasil**, tão varonil antes, languido e triste; anima-o, e reparando para o fundo da floresta, vê o **Escravo** lugubrememente cantando, coberto de andrajos e cicatrizes recentes, entregue á lida diurna. Comprehende a sorte do Brasil e invoca o auxilio do céo; desce então um **anjo mensageiro**, prediz a **abolição gradual** e entrega o **Escravo á Liberdade** como uma promessa de Deus, e indo ao fundo ordena como um meio pratico a **libertação dos ventres**, que é symbolisada por um grupo de vinte e uma crianças que o **Parthenon** havia libertado, e que alli estavam pendentes dos seios maternos, de suas mães **ainda escravas**.

A este spectaculo as lagrimas correrão, e o enthusiasmo dos corações sensiveis tocou até o delirio. Houve em todo o auditorio uma abstracção feliz, ninguém pensou no abuso da autoridade que representa a actual situação, era só a nação que alli estava e cujas fibras tangião com força varonil os gratos sons do hymno nacional; depois foi só a liberdade que occupou todos os espiritos quando levantamos os vivas á nação, ao progresso e á liberdade.

Foi como presidente honorario do **Parthenon** que alli fizemos ouvir a nossa voz, e seja-nos licito dizer, com a franqueza que nos caracteriza, no momento em que estavamos com a nação, em que festejamos a liberdade, esquecemo-nos do imperador, do filho do berço liberal, educado como nós nas idéas santas da revolução que nos assegurou a independencia, a constituição e o futuro do progresso por que temos passado. E esse esquecimento justificou-o o silencio do Sr. Dr. João Sertorio. Na magna questão da abolição o actual ministro desvirtuou o procedimento d'aquelle que exerce o poder moderador, e resfriado o coração, póde não ter enthusiasmo senão pelos que ardentes sabem provocar-lhe as pulsações. Sob outras inspirações, debaixo da direção de uma politica benefica, livre e progressista, todos os brasileiros amão as instituições que conquistarão, e como nação comprehendem a responsabilidade dos poderes, que são os seus delegados.

Foi longa a impressão da **abolição pratica** produzida no auditorio pelo **Elogio**. Nós o terminamos dando as cartas de liberdade aos innocentes alli reunidos.

Marcou-se uma epocha. Porto Alegre ha de lembrar-se sempre do dia em que se levantou bem alto no conceito da humanidade.

Seguiu-se, após, quanto estava no programma.

A signora Candiani cantou, como inspirada, uma das melhores arias do seu repertorio. A sympathica D. Maria Lima recitou a **Judia**, e a menina Paranhos, na festa da innocencia, veio ainda infantil dar mostras da sua rara aptidão musical.

O drama e a comedia adornarão de prazer o magico divertimento.

O **Parthenon** não deixou sem corôas, bouquets e agradecimentos os artistas e amadores que concorrerão na festa da liberdade, e o Sr. Magalhães no seu enthusiasmo, n'um breve canto, disse-lhe o quanto valia a caridade e o sentimento patriotico que n'aquelle momento o animavão.

Porto Alegre 24 de Setembro de 1869.

Dr. Valle Caldre e Fião.

EMENTARIO MENSAL

O leitor conhece o que seja a macabra? O quadro medonho que a media idade legou-nos desenhado nos muros de suas gothicas cathedraes?

Pois vou fallar a proposito.

Ha muito que eu ouvia contar maravilhas que se passam á meia-noite, e no entanto duvidava.

Tenho a obstinação de S. Thomé: **non video, non crederam**. Será defeito, mas um defeito que faz-me trabalhar na indagação da verdade. Não dêem-me por isto o epitheto de sceptico. Não nego a realidade de Deus, da materia e da alma, como Aenesidemo e Hume; não pergunto-me, como Montaigne: Que sei eu?

Se nego, nego como Descartes, para deduzir uma affirmação, para... mas onde vou eu, meu Deus?! Ia já internando-me pelo trevoso mundo philosophico, mundo que dá toda a sorte de systemas, mas nunca a verdade, tantas philosophias, quantos são os philosophos, semelhando a essas regiões que Gulliver e Niel Klim, heróis de Swift e Holberg, percorrerão!

Fallava pois das duvidas que nutria sobre a dança dos mortos; mas já as não tenho, estou crente, como um sectario de Mafoma, e capaz de jurar como as personagens das comedias de Plauto: Aedepol! Ab Jove!

Crêdes? Dir-me-hão.

Sim, porque como S. Thomé assisti, toquei, vi...

Contemos o caso, como o caso foi.

Aconteceu n'uma das ultimas noites, quando o **Parthenon** ardia em febre contra o mahometano Cabral, que eu lia a vida de Apollonio de Tyana, Nostradamus, Paracelso, Cagliostro, Bosco e não sei quantas outras celebridades da sciencia dos mysterios, além de alguns livros de magia. Fazendo isto, procurava um processo para trazer o capitão á minha presença, embora sob a forma d'uma pulga ou mosquito.

Os **critiqueiros** que tanto incommodão o meu caro Hilario, consintão que eu falle de pulga e mosquito. Nem devem fazer questão. (O ultimo, se a memoria não me falha, fôra poetisado por Salvandy em D. Alonzo em Hespanha. Placentius n'um poema cantou o combate dos porcos; Homero, segundo uns, o das rãs e ratos; A. de Macedo, os burros; Boileau uma estante do côro; Diniz um hyssope; Araujo Porto Alegre na destruição das florestas as surucucús, etc. etc. Arreda pois, **critiqueiros!** Deixem tambem passar: a pulga e o mosquito).

Maldito parenthese! Não sei para que inventarão esta figura!

Ia pois trabalhando á pista da incognita, quando barafustarão pelas frestas da porta, pelo buraco da fechadura e pelo soalho os seguintes Srs. D. Asrael, D. Asmodêo e D. Queiroga.

Mal entrarão, fechão-me os livros, rasgão-me alguns calculos começados, saltão-me sobre a mesá, cantão, assovião, tração danças carnavalescas, fazem uma balburdia infernal!

Então arrependi-me devêras de ter travado conhecimento com semelhante gente...

O leitor não admira-se de ver Queiroga tão nosso amigo?

Depois que o Felipe Neri fez uma tão séria, justa e magistral apreciação do 1.º numero da revista do **Parthenon**, Queiroga tornou-se um verdadeiro amigo da mocidade. Parece que a palavra autorizada do homem, cuja fronte alveja ao sol d'um outomno brilhante, e da penna que constitue uma realzeza, forão a vara de condão que operára tal prodigio.

— O' moço, não se incommode conosco, disse Asrael. Sabemos o que queria e viemos satisfazel-o. Hoje estamos de ferias, temos a macabra...

— A macabra?! Exclamei eu.

— Sim, e vamos leval-o.

— Mas como hei de dançar?

Soltarão uma tremenda gargalhada.

— Nada... não dança, não; nós vamos assistir á festa. Vá, temos uma ceia, onde saboreará pela primeira vez manná, ambrozia e figados de pavão cevados com figos frescos, e onde terá, se lhe aprouver, iguarias desde o rangifer laponio até o ninho de passarinho aziatico.

— E o Cabral?

— Havemos de vel-o transformado em uma ave e não em um insecto, como queria.

— E minha conducção?

— Facil como tudo, respondeu Asmodéo. Veja... e começou a inchar! a inchar! e em breve tomou as formas d'um aerostato, em quanto Asrael ia tomando as d'um barquinho.

— Entremos, disse Queiroga.

Eu acompanhei-o extremamente admirado.

O balão guindou o barco e vogou velleiro nos espaços. Dez minutos depois descia sobre a varzea do Gravatahy.

Erão onze horas e meia da noite.

Sentamo-nos na relva e começamos a fumar em fleugmaticos cachimbos flamengos.

— Então conte-nos a festa do **Parthenon**, mancebo, disse Asrael.

— Foi uma bella festa! exclamou Queiroga.

— E para nós pessima, horrivel, infame! acudiu Asmodéo!

— Como?

— Sim, porque a servidão é um mal. Os senhores peccão por alienarem a liberdade alheia, e os escravos por viverem n'um estado de completa estupidez que os torna uma ameaça para os senhores, a atrophia da industria e do commercio, e a immortalidade do lar domestico. A mocidade, Sr. Boccacio, é o nosso maior inimigo!... Felizmente que temos a velhice para as conquistas do erro.

— Conte-nos, no entanto...

— E' inutil, porque se quizerem, podem ler no proximo numero da **Revista** uma bella descripção, obra do Dr. Caldre e Fião.

— Fallem-nos antes os Srs. Asmodéo e Asrael do que ha pelo resto do mundo, acudiu Queiroga.

— O que ha? Muito, muito! mórmente por esse grandiloquo Brasil... Desde que as **mumias do passado** sahirão de seus hypogêos, e os **fosseis** resurgirão da camada de trevas a um aceno nosso, o Brasil não é Brasil, é sentina; o amor da patria — egoista, as virtudes civicas — apparencias, o erario publico — mangedoura dos molóssos imperiaes e do nepotismo canceroso. Nós, os espiritos do mal, temos dois campos em que não falha uma semente; a purpura dos reis e o estomago dos padres.

— Mas um dia, atalhei, dará a polilha nos guarda-roupas reaes e a purpura será pó; outro dia o mesenterio sacerdotal abrindo em pustulas inutilisará o estomago.

— Não é assim, moço; Roma não se fez n'um dia, e as obras de Chesps cimentadas com suor e sangue de myriades de homens, subsis-

tem impavidas ao passar dos seculos, attestando que ainda ha seiva para nutril-as nos tempos de hoje.

— A verdade afinal brilha e...

— Ha de convellir o mal, não é o que ia dizer? Engano!

A verdade é Deus e Deus é a luz em sua quinta essencia; mas nós existimos em contraposição a Deus e somos a fonte dos absurdos, erros e preconceitos; nós — as sombras e a treva, semelhamos as manchas que o sol traz em seu velamen de resplendores. A humanidade divide-se em duas porções; uns são: Melitos e Caiphazes e outros Socrates e Christos; aquelles pertencem á nossa gry; estes á communhão divina.

Que quer?! O mundo é assim, o céu no ansverso da medalha, o inferno no reverso...

O demonio da lascivia emmudeceu.

Uma badalada echoou nos espaços sinistra e agoureira como um requiem.

Era meia noite.

Gelida brisa, que fazia ouriçar os cabellos, soprou sobre a varzea. Lividas luzes illuminavão funereamente a noite. Erão os brandões dos boitátas tradicionaes. Córos de virgens mortas no verdor dos annos fazião-me o coração gerner, tanto sua tristeza era profunda, tanto sua voz reçumava doridas queixas!

Dominou-me ao principio o terror.

Estava estatelado, com os olhos cerrados, receiando ver as negras peripecias da scena, quando Asrael tocou-me. Encarei-o, e elle indigtiu um ponto Olhei... era medonho!

Fechei os olhos, abri-os de novo e assim continuei até acostumar-me ao quadro.

Havia um throno. Era construido de arcabouços e carcassas de raças extinctas de animaes. Sobre elle destacava a morte com a inexoravel fouce. Em torno o tripudio dos mortos de todos os sexos, de todas as idades, de todas as raças, de todas as condições! E dansavão.

Dansavão como doudos, embatendo os esqueletos, saccudindo os sudarios. E rião no torvelinho dos circulos! que coisa mais horrivel hi ha que a caveira que ri!? O que mais côa n'alma o gelo do pavor que um craneo liso, de reflexos eburneos á luz versatil dos tocheiros?!

.....

Afinal desaparecerão os terrores que me incutia aquella scena.

Em vez de ver alli um motivo de reluctancia, achei indefinivel prazer.

Eu dizia: O' vaidade do mundo! Eis niveladas as raças, as jerarchias sociaes na macabra!

Queiroga, Asrael, Asmodêo apertavão as ilhargas, em accessos de riso, ouvindo minhas considerações.

— Moço, deixe de reflectir, vamos ceiar; enquanto os mortos revoluteião em vórtices delirantes, banqueteeemo-nos... Façamos uma ruidosa saturnal. A vida é: *mollis in gramine somnos*, quando sabemos gozar-a... Vamos brindar os heróes da taça, desde D. Noé até John Falstaff e Werner. E levarão-me para uma mesa á sombra de algumas figueiras silvestres. Ahi estava um urubú-rei. A multiplicidade de iguarias açulavão-lhe o appetite, tentava focal-os com o adunco bico, mas fazia esforços inuteis, soffria o supplicio de Tantalos, estava preso por uma força superior. Tambem para a voracidade d'esta ave, insaciavel, como o tonel das Danaides, só um tal castigo!

E sabe o leitor, de que urubú-rei fallo?

Adivinhe.

.....

Estou com somno... quem vai á macabra, fica exausto de for-
ças... O' uma noite ao relento entre mortalhas é uma pilha electrica!
As emoções são tantas e tão varias!

A penna treme-nos entre os dedos, cahe traçando apenas:
Good bye.

Boccacio.

ATAS

4.^a sessão ordinaria em 14 de Fevereiro de 1869

PRESIDENCIA DO SR. ERNESTO PAIVA

Aos 14 dias do mez de Fevereiro de 1869, ás 8 horas da noite, presentes 12 Srs. socios, abriu-se a sessão.

Foi lida e sem debate approvada a acta da sessão anterior.

Em seguida foi lida uma proposta do administrador da empresa da **Actualidade**, para a impressão da "Revista Mensal" da associação. — Ao conselho economico.

O Sr. 1.^o secretario procedeu á leitura do expediente a seu cargo.

Foram aceitos 2 socios effectivos, e 1 correspondente, residente no Rio Grande.

O Sr. 1.^o orador saudou na forma do estylo a um Sr. novo associado.

PRIMEIRA PARTE DA ORDEM DO DIA:

Nada houve a tratar.

SEGUNDA PARTE:

Continuou a discussão da these philosophica sobre a guerra. Orou o Sr. Affonso Marques, tendo sido depois encerrada a discussão.

O Sr. presidente deu para a ordem do dia da sessão seguinte o parecer sobre a these historica: **como deve ser considerado Juarez perante a historia?** cujo parecer fôra confiado ao Sr. Achylles Porto Alegre, e levantou a sessão ás 9 ½ horas da noite.

O 2.^o secretario,

Aurelio V. de Bittencourt.

5.^a Sessão ordinaria em 21 de Fevereiro de 1869

PRESIDENCIA DO SR. ERNESTO PAIVA

A's 8 horas da noite, presentes 19 Srs. socios, abriu-se a sessão. Foi lida e sem debate approvada a acta da antecedente.

Foi lida a acta da 1.^a sessão d'este anno do conselho economico.

O Sr. 1.^o secretario procedeu á leitura do expediente á seu cargo.

A' requerimento do Sr. Achylles Porto Alegre, o Sr. presidente nomeou os Srs. Juvencio Augusto de Menezes Paredes e Hilario Ribeiro afim de darem os pesames ao socio fundador Henrique Maya de Castilho, em demonstração de sentimento pelo infausto passamento de sua irmã.

Foram aceitos 3 socios effectivos e 6 correspondentes, sendo d'estes 4 residentes em Pelotas, um em Taquary e o outro em S. Jeronymo.

O Sr. Bernardino dos Santos preveniu á casa de que na primeira

sessão, apresentaria o protesto de alguns socios contra a eleição geral a que se procedeu na sessão extraordinaria de 17 de Janeiro.

Travou-se discussão á respeito entre os Srs. Affonso, Achylles Porto Alegre e Bernardino.

1.^a PARTE DA ORDEM DO DIA.

Nada houve a tratar.

2.^a PARTE.

O Sr. Achylles Porto Alegre leu o parecer sobre a these historica: **Como deve ser Juarez considerado perante a historia?**

Orarão sobre o assumpto os Srs. Menezes Paredes, Bernardino e Achylles. Todos davão a Juarez as proporções de um heróe, libertador da patria do jugo que a quizera escravisar; havendo no entanto discordancia no modo de considerar a scena de Queretaro. De um lado sustentava-se que Juarez ainda se tornára maior, mandando executar a sentença do conselho de guerra que condemnára Maximiliano á morte, porque assim vingava elle o assassino de tanto pai de familia, a deshonra de tanta donzella, a ruina commercial do Mexico, autorisados pelo principe que Napoleão fizera sentar no throno; d'outro lado, porém, opinava-se que o audaz guerreiro, que não trepidára ante as privações e as inclemencias de uma campanha para destronar um rei illegitimo, mancharia os seus laureis fazendo derramar o sangue de um irmão, que apenas fôra o instrumento do insaciavel desejo de conquista de um monarcha ambicioso.

Indo adiantada a hora, foi adiada a discussão, ficando com a palavra o autor do parecer.

Levantou-se a sessão ás 10 horas da noite.

O 2.^o secretario,

Aurelio V. de Bittencourt.